

O ZEPHYRO

ASSIGNATURA

Orgão Litterario, Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal

\$600

Gerente—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$200

Propriedade de uma associação

ANNO I

Caxias, 9 de Abril de 1901.

NUM. 1

—EXPEDIENTE—

Redactores e collaboradores—diversos.

«O Zephyron» publicarse-ha tres vezes por mez e em dias indeterminados.

O Gerente não assume a responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilisadas e só serão accetitas quando escriptas em linguagem—commedida.

Serão considerados assignantes aquelles que dentro de 24 horas não devolverem este jornal.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero.

O ZEPHYRO

Eis na arena jornalística, em prol de tudo que se define—beneficio a nosso solo, mais um voluntario batalhador.

Descendente de éstros juvenis,

de opiniões inteiramente alheias ás cauzas politicas, não póde—«O Zephyro»—deixar de merecer, de alcançar ditoso écho nos corações bem formados e amplectivos do bem, do progresso e da civilisação, emfim.

O nosso plano não paira, (como temos notado em alguns) no garbo desenfreiado e repugnante de offendermos o mérito de alguém, de exercermos vinganças particulares e, portanto, de preoccuparmos-nos de causas que não nos recommendem; não! O nosso fim é presidido por sentimentos nobres e locubrações decentes, de conformidade á nossa humilde habilitação.

O formato do nosso modesto jornal, é diminuto, bitores, mas, nos diz a consciencia que, augmental-o-eis. Sim; augmental-o-eis, por que só de vós outros, depende esse resultado louvavel, dependendo por conseguinte a sua regular subsistencia.

Caros leitores:

Sabe á luz, pela primeira vez, «O Zephyro», este pequeno jornal, á cuja opinião vossa expomol-o.

Despido dessa linguagem scientifica e acariciada com justiça por todos, pois que são ladeião locubrações de cerebros não cultivados, é todavia, o nosso jornalzinho, amplectivo o bem, do progresso e da moralidade.

Não-trepideis, pois, em prestar.

lhe o vosso concurso, afim de ajudardes a avivar o gosto pelas lettras. á nossa juventude, quasi totalmente submergida no abysmo da ignorancia.

Esperamos, pois, confiantes.

A Redacção.

A IMPRENSA

A Imprensa é a força porque é a intelligencia. Elle clarim vivo da humanidade, toca a alvorada dos povos, annunciando em voz alta o reinado do direito; não conta com a noite, sinão para no fim d'ella saudar a aurora; advinha o dia e diverte o mundo.

A Imprensa é a santa e immensa locomotiva do progresso que leva a humanidade para a terra do Chanaan, a terra futura onde não haverá em torno de nós sinão Irmãos e por cima de nós o Céo.

A Imprensa é a voz do mundo, é o dedo indicador do dever; é o auxiliar do patriotismo e o terror do traidor e do covarde.

De todos os círculos, de todos os esplendores de espirito humano o mais largo é a Imprensa, o diametro é o proprio diametro da civilisação.

Falar, escrever e publicar são círculos successivos á intelligencia activa, são a todas sonoras do pensamento.

LITTERATURA

A ALMA

Invisível, impalpável, forte e meiga como os anjos — é assim a alma, affirmam todos quantos têm estudado o lume vital do corpo.

Longe de mim o pensamento de contradizer as sabias informações da psychologia e os conceitos dogmáticos da crença, mas penso de modo avesso, discordo dos pensadores.

Invisível a alma... Mas se eu vejo minh'alma sempre! se a tenho constantemente diante dos olhos, quer ella esteja longe, quer esteja commigo. Impalpável... Deus meu! como a sciencia mente!

Eu, pelo menos eu, sou acariciado por minh'alma, que é meiga e forte como os anjos. Outros que aceitem as proposições dos sábios, eu não, repillo-as porque minh'alma és tu, doce amor, e eu, formosa, tenho-te sempre commigo e, quantas vezes ficamos absorvidos, as mãos unidas, os olhos encontrados, sonhando?

Impalpável, invisível a alma... Amai, senhores da sciencia, e dissei-me depois se não vistes vossa alma, se não a sentistes como eu vejo e sinto Ariella, o lume claro do meu coração.

Amai, que um beijo ensina mais do que todos os compendios. Uma bocca que se descerra é como um livro que se abre.

Mestres philosophos, aprendei nesse livro. Sábios, estadaí nas paginas cor de rosa da bocca de vossa amada que tereis, como eu, a felicidade de ver, de sentir a vossa alma como eu vejo e sinto Ariella, minh'alma, quer ella esteja longe, quer esteja commigo.

(Extr.)

Coelho Netto.

Olhos verdes — brilhantes,
Cor morena — singular,
Bellos seios — salpitrantes,
Estatura — regular;
Finos dedos — formosura,
Rubras faces de setim,
Esbelta e linda cintura,
Dentadura e malhina;

Abril — 901.

Almeida Rodrigues.

Pés pequenos, mãos roçadas,
Expressões mui delicadas,
Andar brando, senhoril;
Tudo tem minha flor bella
Acrecendo mais a Ella —
Doce voz, meiga e gentil!...

Salve... 2 de Março de 1901

AO MEU ILLUSTRE AMIGO SNR.
JOSE' LEXANDRE

(NO DIA DE SEUS ANNOS)

Deixai, Senhor, que eu venha neste dia,
Em que fruis e prazer tão linda palma,
Depor em vossa pés um ramo d'alma
Como um tributo de apreço e sympathia.

Eu amo, como a ave, a luz do horizonte...
Não podia, pois, conter um chillo nesta hora,
Em que vejo-vos banharem a nobre frente
Os esplendores d'uma nova aurora...

Faltam-me os atavios, as grandes galas
E os lautos presentes que nas salas
Vejo rolar em profusão de mão em mão...

Mas não é meu fim vos ostentar grandesa:
— Eu só vos quero dar prova é de pureza
— E no puro amor só entra — o coração.

Caxias, de Março de 1901.
J. G. S.

SONETO

TEU PEDIDO

OFFERECIDO A M. B. C.

Um soneto me pedes que te faça,
Um capricho que a penna não descreve,
Pequenino, gentil, doirado e breve
Onde poísem cantando o bello e a garça.

Um poema subtil, ligeiro e leve...
Tão leve como pluma que esvoaça,
Todô escumilhas, todo renda e cascassa,
Todo suspiros, todo aroma e neve.

Hei de fazer-t'ó doce lyrio branco!
Hei de fazer-t'ó... e n'um sublime arranco
Hei de levar-t'ó, (q' alegria louca!)
Mas... olha, escuta: se quizeres tel o,
Fica sabendo que has de recebê-lo
De minha bocca para tua bocca.
G. S.

Secção Livre

O desprezo no lar

Criança, muito criança ainda: contava apenas dez a doze annos de idade, quando, em um collegio de aldeia aprendia as primeiras letras de leitura. Lembra-me bem, era no dia doze de Maio de 1890, pelas duas horas da tarde: sentado em uma mesa de madeira muito duravel. Chegada a hora do nosso recreio, mal o professor batia a mão na campã para dar esse signal esperado com tanta impaciencia, entra um homem de estatua regular, trajando decentemente como se diz em uma aldeia d'esta nossa capital. — O nosso novo hospede dirigiu-se ao professor: não ouvi o que se passou entre os dois; unicamente vi, depois de uma longa conversação, o professor apontar para uma mesa á direita, ouvindo-se as seguintes palavras: são aquelles dois que estão sentados n'aquella mesa, contigua ao lente.

O nosso hospede dirigiu a nós, examinando-nos de alto abaixo, por longo tempo, conservou-se muito tempo sem uma palavra pronunciar. Depois de seu exame, o nosso hospede dirigiu-nos as seguintes palavras:

(Continua.)

ORDEN DO DIA...

Que o Pedro Banja ou Angelo, meteu-se nos cobres dos gymnasticos de uma compahhia que temos aqui!...

Assim é de mais... Alferes!

Que o B. Vista está cassoando com o Intendente...

Olha! Olha!...

Que a casa do Luiz Carlos...
vovô!...

Que o Luiz Pedro, se alvorara inimigo do João Leal, por não querer pagar a este...

Que se o João, o chamasse pela imprensa para entrar com os cobres, elle negaria a conta...

Que mau!!

Que o Patativa, regressou ao Amazonas...

Miau!

Que o Theodorico, voltando á sua antiga profissão, está disposto á vender barricas seccas pelo custo da factura...

Assim... prelo...

Que a macaca está assolando a humanidade...

Que cá por casa o negocio já esteve melhor e, porisso não diz mais nada, hoje

O Maleida.

NOTICIAS

Indios revolucionarios

Telegrammas de Picos, dirigidos ao «Jornal de Caxias» e um individuo vindo dos sertões do nosso Estado, vieram trazer á população d'esta cidade, a triste e horrorisante noticia da haver uma agglomeração de indios bravios, atacado aos habitantes de «Alto-Alegre» e circumvisinhança, que fica proximo da cidade da Barra do Cora.

O numero de indios em armas é calculado em cerca de 2,000 e a carnificina humana, effectuada pelos mesmos em cerca de 200 christãos!

A causa de semelhante extraordinario os — «Jornal de Caxias» e «Gazeta Caxiense», explicam satisfactoriamente.

Hospede

Esteve entre nós o Sr. Demosthenes de Macedo, vindo de passagem por esta cidade para o Piahy, onde vai concluir os seus estudos. Saudamol-o.

Anniversario

Completo mais um anno de existencia no dia 23 do expirante o nosso amigo o Sr. José Alexandre da Silva Oliveira, digno negociante desta praça.

O Zephyros comprimenta-o.

Estrada de Ferro

Devido ás torrencias chuvas que têm cahido ultimamente, o rincho — «Pombas» — recebeu uma forte enchente da qual motivou um grande estrago na linha ferrea.

Pessoas habilitadas nos garantem que não poderá fazer-se reparo nenhum sinão depois do inverno, tal foi a gravidade do referido estrago!

O digno Director da Estrada, o Sr. Dr. José Palhano de Jesus tem tomado todas as providencias necessarias a fim de não parar o serviço do horario.

Com destino á Passagem Franca seguiu a 31 do expirante o nosso joven amigo Benedicto José da Silva, con-

ceituado empregado da casa commercial do Sr. Major Cezario F. Lima.

Agradecemos a sua gentil despedida.

Semana Santa

Graças aos esforços dos Srs. Tenente Coronel Antonio Carlos da Cunha e Capitão Antonio de Mello Bastos, tivemos alguns actos da Semana Santa.

E' digna de louvor essa sublime dedicação, para não passar desapercibida tão importante data.

Vapor

Na madrugada de 6 do corrente ancorou no nosso porto o «Barão de Grajahú» regressando a 7 do mesmo.

Chegada

No vapor «Barão de Grajahú» chegaram da Capital os Srs. Antonio Guimarães e Leoncio Machado Filho. Comprimntamol-os.

Partida

Com destino ao Maranhão regressou no vapor «Barão de Grajahú» o Sr. Carlos Soares, conceituado empregado do armazem do Sr. Albano M. da Silva & Comp.

Agradecemos a sua despedida.

Fallecimento

Falleceu a 7 do corrente o Sr. Raimundo da Costa Chaves, irmão do Sr. Lourino da Costa Chaves.

Aos parentes do finado as nossas condolencias.

Manha... de raposa...

Reza uma lenda indigena, que um dia, quando todos os bichos falavam, a onça, depois de desenvolver todas as astucias para pegar a raposa, fingiu-se morta no covil.

Então, todos os animaes reuniram se ali, e, acreditando no ardil, festejavam o grande acontecimento, quando chegou por ultimo a raposa e perguntou da bocca da caverna mortuaria aos circumstantes:

—Ella arrotou?

—Não, disseram.

—Pois olhem, meu avô quando já bem morto, arrotou tres vezes!...

Ao ouvir isto, a onça cahiu na tolice disparatada de arrotar tres vezes e... foi uma debandada geral...

N'um exame:

—O que é commercio? pergunta o examinador.

—E' a arte de abusar das necessidades do proximo, responde o examinando...

PENSAMENTOS

A amizade é uma religião; tem o seu culto os seus adeptos fervorosos, os seus credulos e os seus martyres. — Marie Valyère.

—Carmen Sulvi.

ANNUNCIO

ATTENÇÃO!!!

Ver para crer

Jorge Gayra & Companhia estabelecidos á rua Conselheiro Sinval, vendem por preços sem competidor—o seguinte:

Chitas de diversos padrões

Cambráia fina

Morins

Bordados largos e estreitos, de diversas côres

Gregas

Fitas de sêda sortida

Meias finas para senhoras

Idem idem para homens

Gravatas de sêda

Lenços brancos finos

Flanellas com listas de sêla

Metim de diversas côres

Camisas de flanelle

Chales

Cazimiretas

Cintos para homem

Cobertores de lã

Rendas

Toalhas felpudas e de outras qualidades

Brim branco

Chapeus de sol para homem

Espelhos em ponto grande

Voltas de aljofar

Sabonetes finos

Oleo de oriza

Idem de babosa

Extracto de Corylopsis

Pós de arroz.

Miudezas de toda qualidades.

Além do que explicamos encontra-se outras mercadorias que deixamos de mencionar, para não se tornar enfadonho.

Os proprietarios d'esto estabelecimento, estarão sempre dispostos em receber os amáveis freguezes, sempre promptos a venderem barato.

— A DINHEIRO —

Aproveitem a epocha.

Typ. do «Jornal de Caxias»

O ZEPHYRO

ASSIGNATURA

Orgão Litterario, Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal \$600

Gerente—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$240

Propriedade de uma associação

ANNO I

Caxias, 30 de Abril de 1901.

NUM. 2

—EXPEDIENTE—

Redactores e colaboradores—diversos.

«O Zephyro» publicarse-ha tres vezes por mez e em dias indeterminados.

• Gerente não assume a responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem ser legalmente responsabilizadas e só serão accollidas quando escriptas em linguagem—commedida.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero de cada mez.

O ZEPHYRO

Girando na orbita do nosso programma vamos entrar em apreciações mui elevadas, ou talvez se perca o nosso «engenho e arte,» mas que dizem respeito ao bem publico para que nos seja relevado o epitheto de temerarios que por ventura nos atirem aquelles

que tão mal julgam os neophytos da imprensa.

A tanta vezinha, muitas vezes no ensaio dos seus vãos transpõe espaços incalculaveis, dignos de verdadeira admiração.

Zelar e defender os interesses do torrão onde tivemos o berço ou onde iniciamos os passos na labuta pela vida—é dever inelutavel de todos aquelles que têm nitida comprehensão dos deveres civicos de cada cidadão para com a Patria onde nasceu.

Assim pensando, vamos ernender algumas considerações sobre o estado pouco lisongeiro da nossa velha Caxias, sem duvida, digna de melhor sorte, atirada por circumstancias que não atina o nosso debil espirito, ás garras da mais afflictiva situação.

Em verdade, quem ouvir ao longe os louvores que se tece á terra do inspirado cantor dos «Tymbiras» e vêr a decadencia em que ella dia a dia vai cahindo, sente o coração confranger-se e pulsar de receio pelo seu futuro—insondavel abysmo que não nos é dado prescrutar, mas que antevemos na nossa argucia infantil.

Caxias, que em outros tempos foi o emporio do commercio maranhense, o foco luminoso para onde bem cedo se convergio a gans dos aventureiros de toda sorte, já teve o seu apogeo de grandezas e honrarias.

Das velhas «Aldeias Altas» havia surgido a donairoza «Princesa dos Sertões»!!

Essa ventura, porem, não foi

duradoira; a sua fama echoava bem longe aguçando appetites, despertando ambições que não tardaram explodir.

A invasão que soffreu, o saque dos bandidos que a assaltaram, a luta tremenda que sustentou para repelli-os, deixaram-na prostrada e voltaria ao seu estado primitivo se os esforços de alguns dos seus filhos não a amparassem na vertiginosa marcha retrospectiva.

Passada, porem, a borrasca, ella, pouco a pouco, á semilhança do convalescente, foi ganhando força, recobrando energias e novos empreendimentos deram-lhe feição fagueira.

No céu do seu destino desfizeram-se as negras nuvens que o toldavam despontando um novo iris de bonança.

(A seguir.)

LITTERATURA

Carta de um boticario á sua namorada

«Meu fresco mangericão.
Alcaçuz, meu mel rosado.
Por ti vivi torturado
No almofariz da paixão,
Ando assim como um borracho,
Tonto; tonto!... Desta feita,
Si copio uma receita,
O teu nome assigno em baixo!
Não ha mez, não ha momento

Que teu rostinho não tópe,
Quando fabrico um xarope,
Ou preparo um cozimento!
Teu todo gentil, perfeito,
Contemplo como um fogacho,
Quer no fundo de meu tacho!
Teu amor tem a doçura
Do assucar candi, da orchata!
São dois nitratos de prata,
Pedra infernal com mistura,
Teus olhos que também são
Duas póções phosphoradas,
Duas moscas de Milão!
Para este amor que alimento
Um curativo só presta;
Põe aqui por baixo desta
Teu recipe casamento,
Que a tua bocca transuda,
Um diaphoretico—sim,
Espera a resposta, enfim,
O teu boticario—

ARRUDA.

SAUDADE

A memoria de meu Padrinho
José Antonio Lopes Pastor.

Ter saudade é ter no peito a chaga
Que sangra cada dia e que tortura;
Ter saudade é pensar no ente amado
Que está longe, ou baixou a sepultura.

Tenho saudades, mas saudades fundas
Lembrança eterna q' acabar não hade
Embora descancem sobre a fronte os
anos
Ou mesmo o somno da eternidade.

Eu bem quizera no cypreste altivo
Deitar a c'roa que a saudade envia
Ao ente santo que adorei na vida
E hoje dorme sob a lago fria.

ZADOK PASTOR.

Abril—1901.

Dos olhos seus—o vertido pranto
Era qual chama de fogo ardente!
E seu peito—envolto em rosso manto
Arfava de dor continuamente.

Abril—901.

Ameida Rodrigues.

Eu sonhei, meu Deus, a vi sentada,
Qual nunca, Senhor, a vi assim:
—Num sofá, chorosa, reclinada,
Vingança—clamando contra mim!

Meu nome soava... fui despertado:
—O sonho que n'illudra a mente
Desconsigra o casei—m' exaltando!
Depois... veio a dia lindamente,
E eu o terrível sonho olvidando
Abracei a meiga, sorridente!

Laus Veneris

Brusco, lesto, vibra e tine o re-
logio... e nada mais! Em frente,
Impassiveis, o céu oculado de
estrellas e o mar afforado de es-
pumas.

O céu placido, o mar manso...
Será meu coração maior do que
elles ambos?

Sinto muito mais luz dentro
em mim, muito mais luz do que
existe no céu, porque surges, na
minha saudade viva, nua, palpi-

tante, rindo: e o tumulto do meu
coração é bem maior do que o
chofrar perenne do oceano.

Porque não vens? O tempo
vôa... Ha duas anciedades irmãs:
a do moribundo e a do amante—
esperar a morte, esperar a vida...

Que terá acontecido?!

Batem a porta delicadamente:
trez paucadas, trez... Corro pre-
cipitado...

Oh! que cortejo, Deus! As
princezas das terras levantinas
não trariam divicias mais precio-
sas.

Entra um suavissimo perfume,
volatilisa-se, evola-se, toma todos os
cantos, e a alcova inteira fica n'um
ambinete cheiroso. Oh! sensua-
lissimos labios! aromatisima boc-
ca que apenas um vocabulo dis-
seste, um só, meu nome! e a al-
cova inteira guarda o echo da tua
palavra, que é o aroma.

Sol nocturno—e neve ao mesmo
tempo, e estrellas, e rozas... que
promiscuidade de astros e de flo-
res! E' a tua trança loura, são as
tuas faces, são teus olhos, é a tua
bocca e por fim, o supremo tri-
umpho, o—Laus Veneris—encar-
nado, tu! que atravessas, como
uma deusa, o limiar do meu re-
tiro, cheio de ancia de amor...

Meu Deus! não ha tanta luz
nem tanto aroma em minha—alco-
va, de manhã, quando abro, ao
sol, as portas de par em par...
Oh! volupia do olhar! Flama
subtil das lúcidas pupillas!
que claridade, que divino extase
concentras, que bemfazejo calor
prodigalisas!

Olhos, astros do amor! astros
sensuaes do céu dos beijos salve!
salve! salve!

COELHO NETTO

(Extr.)

Os melhores fructos são os pi-
cados pelos passaros; do mesmo
modo, os homens de bem são os
mais calumniados.

Pope.

Secção Livre

PRIMA SINHA:

Experimentarei summa satisfação se estiveres em pleno gozo de saúde.

Com profundo pesar escrevo aqui, alguns pontos de decadência em que estás sendo victima este velho sólo que tanta presamos.

O protestantismo, dia a dia, depõe um passo progressivo, conquistando adeptos para a sua religião.

Este pedaço, de certo, te sorprehenderá bastante e sem exitares interrogarás a ti propria:

—Santo Deus! e quem admitte tal cousa?!

Sem encontrares resposta, proseguirás na leitura desta, onde verás:

—E' o desleixamento do parochas das freguesias; são aquelles que concorreram para que só o padre que temos fosse unico encarregado das tres importantes freguesias de que se compõe Caxias, quando elle quasi que nenhum interesse liga ás cousas do seu ministerio e, é ainda o Sr. Governador do Bispado, porque pouco se lhe dá tambem (assim quer demonstrar) que a nossa religião—vença ou caia!...

Poucos dias faltam para terminaf-se o mez de Abril e, não se vê, não se ouve, se quer, fallar nos festejos do proximo mez—o MEZ MARIANO, o MEZ DAS FLORES, facto jamais visto em epocha nenhuma!!

E' de lamentar-se que estando presente, em pleno gozo de saúde, forte e gordo, o padre da localidade, sem motivo algum razoavel, Caxias, deixe de render a sagra-da homenagem de festejar a SANTA MÃE DE DEUS!...

Consta que o padre Mendonça, se tem encarecido, na altura de

suas forças, por uma das nossas freguezias, mas... em vão!—eo parece que ha o emprego de uma suprema força contra o seu plano secreto, mas irresistivel!

A este, ainda não conhecemos de perto, mas talvez por falta de uma arrecadação fabulosa, satisfatoria, para encher a sua juba, não deixasse cahir no olvido festejio dessa natureza, como nos está acontecendo presentemente!...

Bem, cara prima, tinha ainda muitas cousas a dizer-te, mas já estou sendo muito prolixa, ficará pois, para breve.

Abraça e dispõe desta que te oscula—por ser

Tua prima do coração

YA-YA

NOTICIAS

Machinista

Por telegramma do Maranhão sabemos ter ali sido aprovado plenamente e depois recebido carta de machinista o Sr. Adalberto Leal Salazar, genro do nosso amigo o Sr. Alcebiades de Vilhena.

Advertencia

Guardou o leito por alguns dias o impressor do nosso jornalzinho, motivo porque não foi nos possível dar os tres numeros do nosso compromisso, neste mez; mas para sanar essa falta aos nossos assignantes daremos no proximo mez quatro numeros, e caso não nos seja possível, nada alterará, uma vez que fica comprehendido que tres numeros pre-

fazem um mez, seja em q' tempo for, e assim supponmos não haver prejuizo nos nossos leitores que, cremos nos relevarão essas faltas e outras que não podemos prever.

Caixões funebres

Temos visto alguns caixões funebres preparados pelo Sr. Bruno Martins e achamos seu trabalho muito aperfeiçoado, promettendo o mesmo Sr. Martins fazer grande redução nos preços, em vista de outros.

Vapor

Na noite de 26 do corrente chegou o «Barão de Grajahú», regressando a 28 do mesmo.

Congressista

Regressou a esta cidade, vindo da capital, onde fora tomar parte nos trabalhos do Congresso Estadual, do qual é membro, o Sr. Capitão Raymundo Virgilio da Rocha Tote. Os seus amigos e correligionarios foram a bordo recebê-lo e acompanhá-lo a sua residencia, ao som de uma banda de musica tendo subido aos ares nessa occasião, innumeras salvas de foguetes.

Por nossa vez tambem o saudamos.

Chegada

Regressaram do Maranhão no vapor «Barão de Grajahú» conceitoado negociante desta praça Sr. Roberto Wall, e do Codo os Srs. Eneas Prazão, ne-

gociente também nesta cidade, e Raymundo Leal Salazar. Comprimos-os.

Hospedes

Achão-se entre nós os Srs. Capitão Tenente Raymundo José Ferreira Valle, co-Queresista Estadual do Amazonas, Manoel Pantaleão de Carvalho e Caetano Rodrigues de Faria Sipaubá. Nossas saudações.

Regresso

Regressou de Picos, onde fôra realizar o seu consorcio com a exma. sra. d. Josepha Lima o sr. Antonio Escotô Muniz.

Os amigos desse cidadão, em regosio pelo seu feliz enlace, offereceram-lhe um pomposo baile na casa de sua residência.

Comprimos-o, apresentamos-lhe nossas felicitações, augurando-lhe um risinho porvir.

Partida

Seguiu no «Barão de Grajaú», com destino à capital o Sr. Capitão Egydio José Vianna.

Bôa viagem.

PELO THEATRO

O impagavel actor—Sr. G. Sepulveda e a distincta actriz—D. Adelina Tavarés, que faziam parte da extincta companhia—«Luzo Brasileira»—vindos de Therezina ha pou-

cos dias, pretendendo dar alguns espectáculos nesta cidade, auxiliados por alguns amadores nossos, fizeram a sua estrêa no dia 27 do cadente.

A 28, domingo ultimo, houve também espectáculo.

E' escusado fazer-se elogios, pois, a perfeição de trabalhos dos habéis artistas e do sympathico amator Sr. Alfredo Cunha (unicos que tomaram parte) já é bastante conhecida pelo nosso publico.

Desejamos bom exito.

A UM JUIZ

«Considerando» que as flores Existem para o nariz
E as mulheres para os homens
Na opinião do juiz;

«Considerando» que as moças Ariscas como a perdiz
Devem ter seu peralgueto,
Na opinião do juiz;

«Considerando» que a gente Não pôde viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz;

Amemos todos, amamos.
E' Cupido quem o diz;
Pois «namoro não é crime»
Na opinião do juiz.

Tobias Barreto.

(Extr.)

ANNUNCIOS

Atenção !!!

Ver para crer

Jorge Tjara & Companhia
estabelecidos à rua Conselhei-

ro Sinval, vendem por preços sem compellidor—o seguinte:

Chitas de diversos padrões
Cambráia fina

Morins

Bordados largos e estreitos,
de diversas cores

Gregas

Fitas de seda sortida

Meias finas para senhoras

Idem idem para homens

Gravatas de seda

Lenços brancos finos

Flanellas com listas de séla

Metim de diversas cores

Camisas de flanela

Chales

Cazimiretas

Cintos para homem

Cobertores de lã

Rendas

Toalhas felpudas e de outras qualidades

Brim branco

Chapeus de sol para homem

Espelhos em ponto grande

Volts de aljofar

Sabonetes finos

Óleo de oriza

Idem de babosa

Extracto de Corylopsis

Pós de arroz

Miudezas de toda qualida-

de. Além do que explicamos encontram-se outras mercadorias que deixamos de mencionar, para não se tornar enfadonho.

Os proprietarios d'este estabelecimento, estarão sempre dispostos em receber os amáveis freguezes, sempre promptos a venderem barato.

—A DINHEIRO—

Aproveitem a epocha.

RELOGIO!

RELOGIO!

Em casa dos italianos à rua Conselheiro Sinval, encontram-se bons relógios com música—MUITO BARATO.

Typ. do—«Jornal de Caxias.»

O ZEPHYRO

ASSIGNATURA

Orgão Litterario, Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal \$600

Gerente—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$240

Propriedade de uma associação

ANNO I

Caxias, 14 de ~~Abri~~ de 1901.

NUM. 3

—EXPEDIENTE—

Redactores e colaboradores—diversos.

O «Zephyron» publicarse-ha tres vezes por mez e em dias indeterminados.

O Gerente não assume a responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilizadas e só serão acceptas quando escriptas em linguagem—commodida.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero de cada mez.

O ZEPHYRO

Por esse tempo, (que remonta o termino do nosso ultimo editorial), deixando o modo do recolhimento em que viviam, muitos homens, em cujos corações resumbrava o amor da terra natal, surgiram em meio do seu caminho alar-

gando-o em rumo prospero.

Dias Carneiro, o poeta sonoro, cuja lyra ardente e apaixonada fez pulsar tantos corações de enthusiasmo e amor; Dias Carneiro, o industrial operoso e intelligente, em um esforço supremo, inaudito teve o condão, a dita de erguer Caxias á mesma ou maior culminancia a que havia chegado no tempo do seu fausto. Reunido a Custodio Santos, Segismundo Moura e tantos outros, n'uma cruzala homérica, admiravel, conseguiu aquillo que os incredulos, os pessimistas, ao ouvir falar, julgavam uma utopia, um impossivel!

No seu cerebro, em momento feliz, brotou uma idea grande, immensa, que tonou corpo e mais tarde realizou-se: a construcção d'uma fariça de fição e tecidos.

D'ahi por diante começou a movimentação progressiva de Caxias: os seus filhos habilitados ás commodidades que resultam da indolencia, da inercia, já não mais esperavam que o sol se erguesse ás umiadas das suas casas pra darem começo aos seus afazeres e, por que o silvo estrido das machinas os despervia incitando ao trabalho qu'da «fortuna e vigor.»

Na terra de Coelho Neto estava lançada a semente que devia germinar a sua grandeza. Como corollario do ri-

meiro empreendimento, outros e outros foram apparecendo etendo realidade.

Mais traz fabricas de fição se construiu e diversas empresas foram organisadas para exploração d'outras industrias: a «Uzina Caxiense», «Uzina Limitada» e «Companhia Industrial Agricola Caxiense.»

Abriu caminho a essa phase de melhoramentos e actividade o levantamento da ponte sobre o Itapicuru, obra de subida utilidade e valor e que tem resistido impavida aos embates das aguas e dos tempos, fechando-a a construcção da estrada de ferro de Caxias a Cajazeiras.

Caxias chegou então ao zenith das grandezas e glórias; o seu nome era citado em toda parte e apontado ao respeito e admiração do mundo industrial e laborioso.

Foi, porem, duradora essa gloria? ainda subsiste a sua grandeza?

(A seguir.)

LITTERATURA

A PARTILHA

Cantava; e as lagrimas rolavam-lhes em dois fios ao longo da face magra e pallida.

Soffria, mas, como era preciso que o pequenito adormecesse, cantava indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança. O mais velho, tres annos, olhava-a e, de quando em quando, cantarolava:

«Estou com fome, mamãe. Estou com fome...» E o pequenito, insomne, olhava-a muito esperto, a boquinha colada ao peito. «Estou com fome, mamãe...» cantarolava o outro. Ia alta a manhã: mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! viúva, física, desfigurada pela moléstia e pela fome, tímida de mais para pedir esmolas,—que havia de fazer a desgraçada? «Estou com fome, mamãe...» cantarolava o mais velho. Espera! filho, espera! Como o pequenito adormecesse, a mãe foi, pé, ante pé, deitou-se sobre um fofó colchão de pannos, a um canto da casa; e o mais velho, seguindo-a cantarolava sempre: «Estou com fome, mamãe...» —Não faças bulha, filho; espera! E, apenando-lhe, correu à cozinha: mas, que havia de fazer? Ardia, no fogão, a derradeira acha, e a mãe, os olhos razos de agua, poz-se a soprar a lenha para ateiar o lume, enquanto o filho que se lhe agarrara as saias cantarolava: «Minha mãe-sinha!» Contento com a chalerinha que fumava. A meza, porém, quando a mãe lhe apresentou a tigella e o pedacinho de pão da vespera, o pequeno fitou-a com espanto:

—Só café, mamãe

—Só, meu filho.

O pequeno levando a colher a bocca foi repellindo a tigella com um beicinho, prestes a chorar. —Não chores! olha que vais acordar o maninho! Espera! E, desabotoando o corpinho, tirou o peito farto, pojado de leite e espremeu-o,

tãoando os labios descorados, por onde as lagrimas corriam fio a fio: e entregando a tigellinha ao filho: —Tom! e não faças bulha! e o pequeno arregalando os olhos, satisfeito:

Agora, sim! Agora sim! por-se, a cantarolar baixinho. Então, a mãe disse: E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho.

E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

Coelho Netto.

(Extra)

ESCRUPULOS

Quando nasceu o pequeno, a senhora, que possuia num excellento coração a alma mais piedosa que jamais habitou carnes humanas, quiz dar a sua fidei dedicada Luiza, que, desde tanto acompanhava-a servindo-a sempre com o maior zelo e o mais profundo respeito, uma prova delicada de amizade e disse-lhe:

—Não te preocupes com o pequeno. Eu encarrego-me do enxoval e mais ainda—quero leva-o a pia.

—A patrão?

—Então? não queres ser minha comadre e comadre do Juli?

—Sim, patrão. sua comadre, quem eu quero, mas do patio...

—Porque não?

—' que tenho medo.

—Medo?

—Medo, sim, senhora. Me parece que só os reverendos é que podem fazer isso...

—Isso que, Luiza?

—aptisar os pequenos.

—h! tola, mas elle não vai baptizar, vai apenas ser padrino d'elle.

—bis é isso mesmo, patrão; isso mesmo. Não é por

nada, é só por causa do inferno, patrão, porque me parece que só os reverendos é que têm licença de fazer as duas cousas juntas.

CALIBAN.

Secção Livre

PRIMA YA-YA

Responder uma carta tua, é receber n' alma um prazer indizível; é respirar o doce aroma d'uma preciosa flor. São, pois, estas delicias o que experimento neste instante.

Realmente, minha prima, segundo o que me disseste, Caxias, tornar-se-ha em breve, se não forem extenuados esses costumes tão máos em que se nos pretendem habitar—o cumulo da descrença dos preceitos da Egreja.

Soube que o rev. padre Dorneu disséra a alguém que, o motivo de até agora permanecerem em silencio os ensaios da festividade da Excelsa Mãe de Deus, é a falta de pessoas que assumam a direcção do coro de cantoras e, prestem-se espontaneamente para outros encargos precisos para a effectuação de tão almejada festa, como a. revm.* se prestará, se for possível, (é digno de admiração) gratuitamente.

E'-me difficilimo crêr, minha prima, q uma dependencia tão simples, como esta, encontre apoio no seio da sociedade Caxiense, cujos esforços pela causa da religião, sempre se tem erguido valorozos e triumphantes!

Já estamos em dias de maio; impossível, portanto, é haver todo o mez de festa; contudo, porém, desde que esse boato seja veridico, isto é, desde que haja gosto e empenho da parte do parócho,

muito facil será a realisação de re-
ferido festejo, tendo logar o seu
começo no dia 20...

Diz-me a consciencia que, aquel-
les que até então têm prestado
seus valiosos serviços nos encar-
gos alludidos, ainda hoje o farão,
—descordo, pois, inteiramente da
opinião de quem deseja legalisar
com o sello da convenção, perante
o espirito religioso, tal allegação
que, jamais passará de mera e il-
lusoria desculpa...

Agora ouso um pouco de fran-
quesa, minha prima: —E' costume
haver sempre destas difficuldades
nos festejos Marianos, todas as
vezes que têm estes a inditosa
sorte de cahirem na Egreja da
Conceição!...

Donde pois, parte o vigor de
tal difficuldade, é escusado dizer-
to; tu e o publico bem o sabem...

Soubes também que, o nosso pa-
dre dissera: «quem desejar festas
dirija-se a mim que, com muito
gosto prestarei os meus serviços,
como tenho feito nas festas dos
Corações de Maria, Jesus, &c»

Bonito exemplo de um padre
que não quer admitir que se fale
do seu procedimento incorrecto!!

S. Revm. que tem obrigação
de derramar, com suas boas obras,
o espirito humano, o balsamo
precioso da fé pela religião, não o
faz; o povo é que deve dar animo
a S. Revm., para celebrar os ac-
tos sagrados!...

Alguem que o conhece bem de
certo, diz: —«Ora! o padre só
não promove a festa, é porque a
crise está muito desfavoravel; el-
le não poderá fazer uma fabulosa
arrecadação de esmollas, de modo
que sendo empregado metade com
as despesas do festejo, o exceden-
te seja applicado em beneficio do
seu já bojudado cofre!»

Eu mesma, não sei a quem de
razão, mas... quero colligir que
seja mesmo o nosso vigario o cul-
pado... Não achas?

Bem, minha prima; vamos es-
perar a resolução de S. Revm.,
convictas de que os seus esforços

sejão envidados afim de termos,
pelo menos, uma DESENA MA-
RIANA....

Adeus! beija e abraça a

Tua prima do coração

SINHA.

Declaração

Gabriel Pedro da Silva, na-
tural de Damasco, imperio da
Turquia, negociante ambulante,
tendo se naturalisado ci-
dadão brasileiro e achando-se
portanto, no gozo dos seus di-
reitos civis e politicos, decla-
ra ao respeitavel publico que
está á sua disposição com um
importante sortimento, po-
dendo honral-o com a sua fre-
guesia, que promptamente e
da melhor forma será servi-
do.

Caxias, 22 de Abril de 1901

Salve o dia 6 de maio!

A João J. d'Almeida Rodrigues

Sendo hoje o dia do teu an-
iversario natalicio, venho a-
presentar-te as minhas sine-
ras felicitações, por tão subli-
me data, pedindo ao Redemp-
tor do Universo que te seja sa-
tisfatoria e duradoura a tua
existencia.

Abraça o teu amigo

ETIZ.

Pedido justo

O abaixo assignado pede ao
Sr. Augusto Britto o resqúio
de vir saldar a sua conta, que
me é devedor desde o anno
proximo passado.

Caxias, 14 de Maio de 1901.

Candido da Costa Lobo.

Salve o dia 8 de maio!

A Helvercio Villa-nova

Por completares mais um
anno de existencia venho, por
meio deste, apresentar-te as
minhas sinearas felicitações,
desejando que se reproduza
por muitos annos essa data
que assignala a tua existencia.
Abraça ao amigo leal!

NOTICIAS

COMETA

Tem apparecido n'esta cida-
de desde o principio d'este
mez um cometa, com pequena
cauda.

Será algum prenuncio?!

VARIOLA

Tem se dado diversos casos
de variola na vizinha cidade
de Theresina e, em alguns lo-
garejos d'este termo.

E' horrorisante a quadra
que atravessamos: de um la-
do surge a morte ao commér-
cio, d'outro a peste, que ani-
quila e consome!

Constitui-nos que o Illustrissi-
mo Sr. Intendente Capitão A-
lexandro Gonzaga está proce-
dendo ás devidas providenci-
as.

Valha-nos Deus.

ANNIVERSARIO

Completoou mais um anno
de existencia, no dia 6 do cor-

rente, o redactor chefe deste organ—o nosso amigo Sr. João José de Almeida Rodrigues, a quem comprimentamos.

OUTRO

Tambem completou annos no dia 8 do corrente o nosso amigo Helvercio Villa-nova. Comprimentamos.

PREVENÇÃO

Prevenimos aos nossos assignantes que daremos começo ao recebimento do primeiro mez de assignatura d'«O Zephyro» de hoje em diante.

CEREJAES

Já vai apparecendo com abundancia arroz, milho, fariña, e a carne verde baixando, segundo nos consta, para 500 e 400 réis o kilo. Valha-nos isso.

Nova Padaria

O Sr. Antonio Fonseca, vindo de Theresina, onde se desligara da Companhia «Luza Brasileira», resolveu abrir uma padaria nesta cidade.

Desejamos que seja bem succedido no seu novo ramo de vida.

VAPOR

Ancorou no nosso porto na tarde de 12 do corrente, o «Victoria» regressando a 14.

CHEGADA

Regressaram do Maranhão, no vapor «Victoria» os Srs. Capitão Egydio José Vianna e Adalberto Leal Salazar, e do Codô os Srs. Carlos da Costa Chaves, Major Arthur Bello e Gentil Frazão.

Comprimentamol-os.

IMPrensa

Temos sobre nossa banca de trabalho:

«O Municipio» e a «Gazeta Codoense», importantes organos, que sahem á luz, aquelle na cidade de Picos, deste Estado, e este na cidade do Codô. Penhorados, continuaremos a retribuir com o nosso modesto jornal, aos illustres collegas.

13 DE MAIO

Em commemoração a essa sublime data, foi celebrada uma missa, a mandado dos pretos.

PELA POLICIA

Soubemos que o Exm. Sr. Governador do Estado, telegrapharao Sr. Delegado de Policia, autorizando-o que fizesse seguir para Picos, o nosso destacamento e obtivesse voluntarios para preencher a respectiva vaga.

Consta que os Indios estão em divórcio de peitos.

ANNUNCIOS

Broche perdido

Nereu Bittencourt gratifica a quem encontrar um broche de prata, cravado de pedras, perdido no dia 4 deste.

Quem o tiver achado, pode deixal-o em sua casa, ou na agencia da Companhia de Vapores.

DOCE de goiaba, especial, em latas grandes e pequenas vende-se em casa do ZADOK—por preço que vale a pena.

RELOGIO! RELOGIO!

Em casa dos italianos á rua Conselheiro Sinval, encontram-se bons relógios com musica—MUITO BARATO.

Arrôz inglez

Kilo 400 réis
VENDEM

Corrêa & Nunes, Successores, — RUA AARÃO REIS.

ASSUCAR

1.ª qualidade—kilo	800 rs.
2.ª	700 «
3.ª	600 «

VENDEM

Correia & Nunes, Successores.

RUA AARÃO REIS.

Typ. do—«Jornal de Caxias.»

O ZEPHYRO

ASSIGNATURA

Orgão Litterario, Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal \$600

Gerente—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$200

Propriedade de uma associação

ANNO I

Caxias, 28 de Maio de 1901.

NUM. 4

—EXPEDIENTE—

Redactores e collaboradores—diversos.

«O Zephyro» publicar-se-ha tres vezes por mez e em dias indeterminados.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na secção litteraria.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilizadas e só serão accetadas quando escriptas em linguagem commedida.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero de cada mez.

O ZEPHYRO

Não; Caxias, que pelo esforço ingente e patriótico dos beneméritos que apontamos no nosso artigo anterior chegou a conquistar o nome de «Nova Manchester», não pôde inalter por muito tempo essa invejável nomeada.

Como em todas as sociedades

onde ha posições elevadas a occupar, lucros fabulosos a auferir—bem cedo appareceram em seu seio enchames de paixões reprovadas, más, que tudo anniquilam, tudo matam.

Quem podel-o-hia pensar e prever?

A inveja que actua prodigio no animo dos que se julgam impotentes para igualar os que são objecto constante da sua imitação; o desejo violento, de offuscar os que percorram a mesma via, e que comtudo ambicionam a ingratidão, que destróe ou altera profundamente as relações de estima, de reconhecimento e de amizade, que são o fundamento de qualquer relação na especie humana, todos esses sentimentos perniciosos—assenhoreando-se de espirito d'alguns d'aquelles sobeujos hombros pesava a responsabilidade da direcção das nascentes empresas que vinham de fazer a prosperidade de Caxias, deram começo ao descalabro que hoje se nota em quasi todas ellas.

E' assim que foram esquecidas em um só momento os serviços, a perseverança, a dedicação inteira do maior palinuro do seu progresso e engrandecimento, a quem nada respeitaram nem mesmo a pureza da sua honra—attribute que elle zelava com muito carinho e que devia e deve ser imitado pelos que o infamaram.

Deixemos, porém, essas apreciações que poderão ir molestar a alguém, o que nos repugna e ultrapassa o plano que delineamos

para o nosso programma. O que succedeu e succede depois da epocha, a que nos referimos—está bem vivo na memoria de todos, para que não seja preciso relembrar.

Como um desses sonhos fagueiros, de miragens doiradas, que por vezes nos embala a mente em meio de sonhos placidos e descuidados e que se desfaz subitamente ao despertar—deixando-nos amargurosa decepção, assim foi a perspectiva que chegamos a entrever o que se esvaia aos poucos, lentamente—cedendo o passo a realidade do que vemos hoje.

Uma por uma as nossas empresas foram cahindo, restando poucas que bem difficilmente vão mantendo-se—a despeito da medonha crise que actualmente atravessamos.

Urge, portanto, que todos aquelles que podem concorrer para que ellas se mantenham não se deixem abater pelo desanimo que lavra intensamente em o nosso meio e as sustentem, appareçam, embora, mil tropeços, mil difficuldades a superar.

Com um pouco de abnegação e vontade, tudo se conseguirá.

«O querer é poder», disse Samuel Smiles.

(A seguir.)

O cerebro é uma especie de guta fechada, hermeticamente fechada. A imaginação é como uma gotta perenne, sempre a cair no solo da caverna, sonora e brilhante.—Coelho Netto.

LITTERATURA

Inspiração

AO RUBEM BITTENCOURT

I

Qual donzella, entreabrindo ascortinas de casto leito e, lançando um olhar tímido pelo quarto, ao sentir o leve rumor da briza que perpassa por entre as frestas da janella, Diana, a branca lua, surge tímida d'entre as nuvens auri-nevadas, como que procurando occultar-se, para evitar que o seu reflexo faça corar alguma virgem que n'esse momento, entre os braços do amante querido, firma a posse do seu amor com a celeste escriptura d'um casto e prolongado beijo.

II

Na hora em que tudo é silente, em que a fonte corre meiga e brandamente, deslizando tumida por entre as pedras, como para não acordar os peixinhos que dormem des-cuidados em seu seio, ou mesmo como se o somno lhe ven-cesse a precipitada carreira. E' nessa hora em que tudo se-dento de descanso, procura no semno a paz e o conforto, que me sinto forte; as lutas do dia não me abateram e envez de procurar o somno nos braços mornos de Morpheu, busco uma distração na contemplação da natura adormecida.

Quantas vezes n'essa muda contemplação, sinto as scan-telhas de fogo sagrado do ge-nio, invadir-me e crance! pro-curo escrever, poreo o papel é unido confiante e eu quize-ra que elle respondesse as

complicadas perguntas que já servem para o toucinho, ver-duras, etc, etc.

III

Ah, se estivesse a meu la-do, doce amante de minh'al-ma, eu poderia escrever o quem sabe se sob a pressão amena de teus olhos e ao fogo dos teus beijos eu não escreve-ria um verdadeiro poema d'a-mor? Um poema, em que visse ápar da natura adormecida, o arfar precipite de teu collo dia-phano de donzella!

Nebit.

Maio—1901.

E' caçoada?

—Oh! dá-me um beijo, menina

N'essa becca pequenina

Sinhazinha dá-me um beijo..

—Os que tenho já lhe dado

E os que já me tem furtado

Não mataram seu desejo?

—Deixa-te d'isso, pequena,

Fica mais calma, serena,

Não fica assim tão sangada

Deixa-te d'isso, menina

A todo instante, a toda hora

Quer um beijo... E' caçoada?

Joacy Guillaume.

Secção Livre

Estirando as per-nas

Amabilissimos leitores:

Hontem a noite cheguei de longa viagem; e, hoje tenho a honra de cumprimentar-vos e felicitar-vos pela baixa do bol no mereado á 600 rs. o ki-lo, pois os 200 rs. que ficam,

já servem para o toucinho, ver-

duras, etc, etc.

A feijoada barata, arroz e farinha já nos deixão um sal-dozinho a nosso favor; mas a quebradeira, a malita que-bradeira....cassa! E' mal contagioso e universal. Da cosseira na cabeça, traz insom-nias, suja a bocca dos bolsos em estar apalpando, tristeza, aborrecimento, etc, etc, são aypmtomas do mal.

Ora deixemos essas aprecia-ções para outra vez, e trate-mos do meu celebre passeio esta madrugada.

Sahi de casa pelas 4 horas da madrugada, ainda escuro, deixando a minha decrepita meia cara entregue ao deus Merpheu, e dei as de villa Diô-go. Fui estirar as pernas pe-las ruas da nossa querida Ca-xias, e gosar a fresca da bri-za que varre-lhe o espaço.

Subia uma rua descia ou-tra, e fui ter á rua Aarão Re-is.

O meu predilecto bahiano vinha aceso, soltando o agra-davel fumo, que logo desfa-zia-se no espaço pela mansa briza embalsamada pelo odor das esbeltas flôres dos quina-taes, offerecendo o mais agra-davel dos perfumes, que me fazia andar com os cata-ven-tos para cima, catando os ven-tos perfumados. Mas!...Que fatalidade!

Eis que de repente solvi uma porção de ar involvido de uma exalação putride.

Fiquei tonto, provocou-me vomitos, e tratei de atravessar para a rua do Sol, fugindo d'aquelle ar impuro.

Ah! Não lhes conte! A ma-caca pegou-me; e, zás, pizei na barriga de um animal morto, em estado de putrefação; pu-lei ao lado, zás, pizeo n'uma tulha de evacuações de intesti-nos humano; pulei noventa, zás, sahi por cima de um mon-te de lixo pôdre. Finalmente

muito suado sahi na rua Pay-sandú, e tratei de alliviar as botas d'aquellas nojentas graxas.

Em vão procurei certificar-me d'aquelle sitio das miúdas aventuras: era um largo, ou terrenos abandonados pelos donos.

O digno Intendente municipal que informe-se, e tome as providencias que julgar mais acertadas, a fim de evitar aquelle cemiterio zoologico no centro da cidade, prestando, assim, um grande serviço ao povo caxiense.

A hygiene que explique os grandes males que podem desenvolver-se pela accumulção de materias putridas.

Basta a maldita peste nas algibeiras do Zé-povinho. Até breve.

Vigilante.

E' só de mão

Certo individuo, que não sabe onde tem as ventas, escreveu ha dias um artigo sob a epigraphie «A quem competir» offendendo o merito de um meu amigo.

O seu legitimo nome não me é ignorado, mas, a maior parte do nosso publico o conhece e por Gallo, porisso é este o nome pelo qual tambem lhe chamo.

Esse Gallo, ainda arrepende-se ha do pessimo costume que tem de insultar a humanidade com os seus cantos aborrecidos.

Publique sr. Redactor que me responsabilizo pelas presentes linhas.

Maio—1901

Semão José Ribeiro.

PREVENÇÃO

NOVA PADARIA «FONSECA»

O proprietario d'este estabelecimento, attendendo ás reclamações de respeitavel publico Caxiense, resolveu adoptar para dias mais convenientes as receitas de **PÃES ESPECIAES**, como menciona abaixo. Assim como recebe qualquer encomenda pertencente á sua arte:

Aos Domingos:—Pães de Leite
A's quintas-feiras:—Pães de ovos
Biscoitos especiaes, roscas do bairão e de manteiga, bolachas de todas as qualidades, etc. etc.
26 de Maio de 1901.

ANTONIO FONSECA.

Ao Publico

O abaixo assignado morador na rua de Sol, desta cidade, declara que nada deve aos srs. Jorge Tajia & C.ª com quem teve transações com merciaes, evitando assim qualquer duvida, que possa haver no futuro.

Caxias 10 de Maio de 1901.

Gabriel Pedro da Silva.

NOTICIAS

Corrigenda

Ne nosso numero passado sahi-ram alguns jornaes com a data de 14 de abril, em vez de 14 de maio, devido a engano em tirar da prova, pelo, que pedimos de culpas.

VISITA

Esteve entre nós por poucos dias o nosso amigo sr. Carlos B. Pereira, vindo no trem de 18 de corrente, do Estado visinho, em visita a seu digno pae—sr. José Maria Alvas Pereira.

Agradecemos a sua visita de despedida.

VAPOR

Chegou a 20 de corrente o «Ypiranga», conduzindo uma barca e regressou a 22 de mesmo.

CHEGADA

Chegaram da capital, a 20, os srs. Amphilquio Collaço Veras, João de Deus Teixeira, e Doretham Pereira Lima, negociantes nesta cidade, e Adriano de Brito Pereira Junior com sua exm.ª familia.

Saudações.

IMPRENSA

Henrou-nos com a sua agradável visita o illustrado collega «O Novel», organ imparcial, litterario e noticioso, que se publica na cidade de Picos, deste Estado.

Agradecidos—retribuiremos.

Intendencia Municipal

O sr. capitão Anfrísio Leandro Lobo, sub intendente municipal, assumio o exercicio do cargo de Intendente a 22 do corrente, por entrar no gozo de licença por tres mezes, e respectivo funcçionario sr. capitão Alexandre Gonzaga de Souza.

PARTIDA

Seguiu no trem de 27 do corrente para Theresina, onde vai empregar-se, o sr. Caudido da Costa Lobo.

Agradecemos a sua despedida e desejamos que seja feliz.

Nova Padaria

O sr. Antonio Fonseca abriu uma padaria, á rua Coelho Netto e, pelas amostras, vimos que os seus productos são de boa qualidade, e segundo nos consta, têm tido grande acceitação.

MIRADOR

Para essa villa seguiu a pouco dias o sr. Capitão Alexandre Gonçalves do Sacramento. Desejamos-lhe boa viagem e breve regresso.

SAL

Tem havido falta desse genero no nosso mercado, encontrando-se apenas em algumas casas, mas a preço de 10\$000 réis a sacca de 30 litros.

Quando não é uma coisa é outra! Valha-nos Deus!

Definições curiosas

Economia—Meio de enfeitar o suor do rosto.

Decote—Expediente de que usam as mulheres para provar que descendem de Eva.

Collar—Braço de ouro com que se enforcam as bolças dos maridos.

Plaquê—Prova de que nem tudo que luz é ouro.

Brilhante—Estrella falsificada.

Ladrão—Socio de industria, cuja firma não gira.

Lingua—Trapo de carne.

Nariz—Limpa trilho da carreira.

Anjinhos—Vomitivos applicados aos dentes.

Coração—Alienado sentimental.

Razão—Vigia do coração.

Recitativo—Cemiterio da poesia.

Lua—A amparina dos lyricos.

Apito—Signal que se dá á policia para ir deitar-se.

Alheismo—Capa com que cobrimos as nossas crenças religiosas.

Carcere—Jaula de homens.

Tinteiro—Abismo de trevas, de satira e luz.

Telhado—Guarda-chuva das cascas.

N'um exame:

—Onde fica a Suissa?

Examinando:

—Ao pé do bigode.

N'um jog de prendas a menina Alzira perguntava:

Se a minha testa fosse um album, o que escreveria nella?

O primo, retencioso, responde muito depressa:

—Um H e um C.

—O que quer dizer?

—Anjo sympathico...

—Como vi sua senhora?

—Não vi muito, não. A cabeça tem he dado muito que fazer este anno.

—Dor de cabeça nervosa?

—Não; não é bom isto. O que ella tem, é que quer um chapéo novo de 15 em 15 dias...

Vós, mulheres, que choraes a todo momento, e cujas lagrimas são apenas um signal da vossa fraqueza, não conheceis esse sublime requinte da alma que sente um allivio em deixar-se vencer pela dôr; não comprehendéis como é triste uma lagrima nos olhos de um homem. — José d'Alencar.

ANNUNCIOS

Criado

Na gerencia deste jornal se indicou quem precisa de um para alugar.

Assucar

De 1ª qualidade, marca ****—kilo—800

Arroz, farinha e milho — vende—

Zadok Pastor.
Rua do Porto Grande.

Arrôz inglez

Kilo 400 réis

VENDEN

Corrêa & Nunes, Succesores, — RUA AARÃO REIS.

RELOGIO! RELOGIO!

Em casa dos italianos á rua Conselheiro Sinval, encontram-se bons relógios com musica — MUITO BARATO.

Typ.—Luiz José de Mello
Imp.—Godofredo Silva.

O ZEPHYRO

ASSIGNATURA

Orgão I

Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal

\$600

Ge—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$200

Propriedade de uma associação

ANNO I

Caxias, 4 de Junho de 1901.

NUM. 5

—EXPEDIENTE—

Redactores e colaboradores—diversos.

«O Zephyro» publicar-se-ha tres vezes por mez em dias indeterminados.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na —Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilizadas e só serão acceitas quando escriptas em linguagem—commedida.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero de cada mez.

O ZEPHYRO

Horrorosos absurdos!

Somos informados que a 30 do mez findo, um pobre homem de nome Dionysio, viéra queixar se ás auctoridades competentes, de crimes monstruosos, praticados pela força que segue ultimamente para a cidade de Picos.

conversaram com os soldados e exposeram os seus sentimentos de profunda lamentação. O seguinte:

«Eu sou morador n'um dos pontos da margem do rio, onde tiveram os soldados de saltar. Chegados á casa desse pobre ente, fallaram-lhe em compra (o que era apenas illusão,) um cevado gordo que encheráram; desculpando-se Dionysio, de não o poder fazer, devido a tel-o já reservado para satisfação de um debito seu, offerecendo-lhes, porém, carne de um boi que naquelle instante ia abater para apuro.

A corrupta força sem nenhum freio q' a fizesse recuar, entendeu de só lhe servir o cevado e, sem mais demora matou, a tiro, o animal que tanta falta fizera ao seu dono, arrastando-o em seguida, com ameaças de igual sorte ao pobre homem, por junto ás suas barbas, que teve de supportar semelhante abuso, sem dar uma palavra—se quiz escapar com a vida!...

Proseguiram, logo após, os soldados, em viagem e n'outro ponto mais ou menos proximo ao que haviam deixado, avistaram um outro homem—o infeliz Sabino Alves da Silva, que ao divisá-los, tratou de recolher-se á sua casa, com medo, o que é natural de todo matuto ignorante ao ver soldados.

Saltaram tambem n'esse ponto, os soldados e dirigiram se á casa do infeliz: abriram a força bruta as portas ou porta e entraram, o que motivou ao infeliz indagar (e

com summa razão) quem lhes havia dado permissão para assim procederem.

—Tú queres, não?—e desfecharam contra o infeliz um tiro de granadeira, que o fes cahir sem vida momentaneamente!!...

O estampido chamara attenção do sargento que os commanda, o qual perguntando-lhes o que havia, teve por resposta as simples palavras (não tomando nenhuma providencia,) em som mui natural:

«Fizemos com este caboclo o que ha pouco fizemos com o porco... E seguiram a sua jornada, talvez que continuando sempre a tirar a vida dos innocentes miseraveis, muitas vezes carregados extremamente de inditosa familia!

Chamamos a attenção das auctoridades, sobre taes execranda scenas, afim de haver punição, mas punição severa.

LITTERATURA

O SURDO-MUDO

E vê o filho da cega—o Jia é claro e vem de dentro da noite—vê o filho da cega, antes não visse. De que lhe serve ter vista se não falla, se não ouve?! Para elle a Natureza está morta porque nella só ha silencio. Move-se a palma do coqueiro, elle, porém,

não ouve o farfalho; canta a cigarra do estio, elle não ouve o canto.

Ainda assim é feliz, não o lastimeis.

Imaginal a sua dôr se ouvisse—succumbiria como um animal que andasse sempre a receber carga sem nunca poder aliviar-se della.

E' um edificio fechado onde não entra ninguém, de onde ninguém sae; pelos olhos, como por duas janellas abertas, passam apenas os raios do sol que illuminão o silencio.

Elle ahi está parado, diante de vós, vendo-vos em festa. Nem ouve nem falla—olha: é um sepulchro com duas vellas accesas. E sorri, sabe que festejaes o Natal de Deus, sabe porque leu, conhece a lenda porque a viu nos livros, porque a palavra dos livros entra pelos olhos como os raios do sol, a palavra dos livros entra pelos olhos como os raios do sol, a palavra dos livros é como essa poeira que anda na luz.

Eil-o festejando com vosco o nascimento de Jesus e contente, apesar de surdo, e contente, apesar de mudo—basta-lhe a vista para que goso: vê a flor e sente-lhe o perfume. Não ouve, não falla, mas quem sabe se a sua alma não tem vozes mysteriosas e palavras mysteriosas? Quem sabe se, enquanto cantais, dntreo do coração do surdo-mudo, como em um coro, anjos não cantam? Elle que sorri é porque é feliz.

Coelho Netto.

Saudade

AO AGNELLO CHAVES

Não vês este cypreste a coma altiva,

Aquelle gaivo tenro e já fanado?

Um é o sol que brilha e o nem
Outro a saudade, é meig

Aquelle tem mais brilho, a briza
esquiva

Canta seu hymno ardente e apai
xonado

E esta, nunca canta embora vi
Envolta à um coração ap

Eu gosto da triste

E' como um
E á ella cora

Nos paramos azues

Vem a noite, e o brilhar do sol fa
nou-se...

Mas a saudade é sempre uma sau
dade.

Maio—1901.

Nebit.

Cemiterios

Meu coração é como um cemiterio.
Cheio de cruzes, cheio de chorões;
Onde só quibra o funeral misterio,
A voz do panto e das recordações;

Vorazes gulos, palidas vizões.
A' noite fazendo d'elle o seu im
perio,

Fossando as minhas mortas illuzõ
es,
Mal assombrando esse logartão
zerio...

Quantas venturas, quantos idênes,
Nestê meu coração d'antes rizo
nho
Não entram silenciozamente!

Hoje, porém, se o dezaspero traz
linda o cadaver d'algun velho so
nho.
Badala um verzo lugubre e dolent
te.

João Evangelista.

ENLEVO

Ao Ilustre Piçoense,
Alcides Brandão

Era noite. Do céu limpidão,
derramava a lua á terra—bel
los e fulgentes raios! O sua
ve perfume que dos perennes
rosas era arrebatados mei
gamente pela fresca aragem—
ia heijar as faces seductoras
d'ella—esvoaçando os seus ca
bellos louros e compridos.

Ao longo, em extasis de a
mor, amor ardente, estava eu
admirando a sua belleza rara
e uns sorrisos de innocencia
que se entre-abriam, hora á
hora, nos seus labios naca
rados—labios de anjo! Mo
mentos depois eis que ligeira
mente vejo-a desapparecer
por entre as laregeiras pro
ximas.

Tornei-me triste. A' immen
sidade alargando a vista,—á
ella—o pensamento—ao espa
ço indaguei seu nome!

—Ida!—senti uma voz fallar
me n'alma!

—Ida!—partindo—meu co
ração foi repetindo calorosa
mente, cheio de amor—amor
profundo!...

J. Almeida Rodrigues.

—5—1091.

Secção Livre

«Crédos dos negocian
tes de Caxias

Cremos no «Zé Pedro», tôdo
nosso credor, criador de juro
em nossos espinhaços, e no
Tribusy, um seu empregado
todo privilegiado, e qual veio
syndicar dos nossos fundos;
subio á Theresina, liquidou a

EP

alguns collegas; voltou depois e está hypothecando casas e querendo limpar nossas pra-teleiras...

Creemos na morte do com-mercio, na infinita falta de di-nheiro, na funestidade do que allegamos aos credores e na nossa quebradeira. Amem.

A' Autoridade competente

A bem da tranquillidade pu-blica pedimos a autoridade competente para fazer cessar o abuso de andar, ao só, e todo dia, pelas ruas, os presos da cadeia publica.

Faz terror encontrar-se só, tipos que tem praticado bar-baramente assassinatos horri-veis.

Cesteiro que faz um cesto faz um cento.

Por qualquer duvida com outro, ou por ciumazas, caxa-ça, etc. pôde o sujeito metter mãos a obra. E sobre quem recahe a responsabilidade?

No pobre infeliz que mor-zer.

Ah, Brazil! Pobre Brazil!
As tuas leis... as tuas leis!

Roldão.

Prevenção

O abaixo assignado, leva ao conhecimento do publico, e, especialmente de todos os membros da Sociedade «Soc-corro Limitado Caxiense» que pela Assembleia geral da refe-rida associação, reunida a... de... de..., foi reeleito vice-presidente da mesma, em cu-ja qualidade abriu a sessão.

Faz semelhante declaração porque o seu nome, não obs-

esta, não consta dos Estatutos, como é de direito.

das, 1. de Junho de 1901.

Frederico Cunha.

NOTICIAS

30 do passado chegou ao porto «Barão de Grajahú» regressando a 1.º do corrente.

Chegada

Chegaram da capital do «Barão de Grajahú» os srs. Carlos Soares e Adolpho Fred'hiam, aquelle em-pregado do armazem dos Srs. Albano M. da Silva & C.º e este socio da ~~empresa~~ firma Maya So-brinhos & C.º d'aquella capital. Comprimentamol-o.

Partida

Seguiram no «Barão de Grajahú» para o Codó: os srs. Clemen-te Cantanhede e Genil Frazão e para a capital os srs. Roberto Wall, negociante desta praça, e João de Lemos Vianna com sua digna irmã D. Constantina de Le-mos Vianna, a quem agradece-mos a sua despedida.

Desejamos-lhes boa viagem.

Nova Padaria

Fomos obsequiados com um pão, no dia 29 do passado, offe-recido pelo proprietario desse es-tabelecimento sr. Antonio Fon-seca.

Tivemos o prazer de vêr a sua boa qualidade e alem de tudo, em relação á especie e tamanho, o preço é o mais resumido possível.

Agradecemos a gentileza, dese-jando-lhe muitas felicidades.

Edictorial

Devido a muitas occupações, dei-xamos de dar neste numero a con-tinuação do artigo de fundo, que ficará para o seguinte; pelo que, pedimos desculpa aos nossos lei-tores.

Retrato

Vimos um retrato á crayon, ti-rado pelo sr. José Cunha, nosso conterraneo, residente ao largo de S. Benedicto.

E' com prazer que damos esta noticia e folgamos em reconhecer o talento desse intelligente e ha-bil moço que, depois de lutar com innumeradas difficuldades, sem dis-pôr do necessario para a realiza-ção do seu desideratum, conse-guiu finalmente, com perfeição, a-presentar ao publico um trabalho q' por sua natureza merece ser apre-ciado, por aquelles que sabem dar valor ao merito.

Parabens ao sr. Cunha, e aos Caxienses, que poderão dispensar-lhe as devidas considerações, en-carregando-o de trabalhos desse genero, por isso que, temos cer-tesa da sua aptidão.

Saudações

ANNIVERSARIO

Completoou no dia 1.º do corren-te mais um anno de existencia o sr. José Torres.

Comprimentamol-o.

Regresso

Regressaram a estacidade: vindo do sitio S. João, o guarda livros da Companhia Industrial Caxien- se Sr. Affonso Chagas, e da Co- lonia o digno gerente da mesma nosso amigo Sr. capitão Marcolino Bittencourt, onde fôra tratar de negocios tendentes á dita Com- panhia.

Romance telegra- phico

(DA ESTAÇÃO)

I

Verem-se e... amarem-se foi causa de um momento. El- le, era joven e tinha o porte dos fidalgos: ella a belleza de Margarida e a pureza dos ar- chanjos.

II

E durou este amor recipro- co. Mas por uma extraordina- ria aberração, não se falla- vam: mudos entre si, elles se entendiam pelo chilrear das andorinhas, pelo farfalhar dos chorões e dos coqueiros, e principalmente pela facundia poderosa dos olhares.

III

Elle pedio-a em casamento por carta, e foi aceito; mas sempre quedos e taciturnos, como as pyramides do Eryp- to.

IV

Casaram-se e foram para o quarto nupcial.

V

Abraçam-se e beijam-se com um phrenesi de 600 mil jacarês. Mas... sempre mudos!

VI

Eis senão quando, ella ex- clama:

—Falla, meu amor; tu és meu ideal, meu sonho, minha vida; falla, que tua voz será para mim tão doce como o can-

to do cysae nos
dos da brumosa
falla, meu querido, e esta
quadro ideal dos meus avan-
neios de amor.

VII

Elle abraçou-a, beijou-a nas faces rosadas, aneastou a sua fronte na testa marmorea da noiva e disse:

—Minha muie:
qui hai no mato é

DR.

ANNUNCIOS

Criado

Na gerencia deste jornal se in- dica quem precisa de um para alugar.

Fumo Goyano

Chegoi no ultimo vapor fumo Goyano, da conceituada marea— Ozéas Michado, para a taverna de—Zadok Pastor.

Manteiga

Dinamarqueza, Bretel, Lepel- letier, en latas de 1/2 kilo, = ven- de—Zadok Pastor.

Vinho Alcobaça

Só se encontra—em casa de Zadok Pastor, e por preço—sem competidor. —RUA DO PORTO GRANDE,

Sem competidor Ver Para Crer

Passas, cebolas e manteiga,
Sardinhas, azeitonas e tijel-
las,
Alfazema, Chá e assucar
Phosphoro, bacalhau e pa-
nellas.

Pratos, chicaras e facas
Pelvora, café e sabão.
Vinho fino, soda e chocolate
Machados, anzoos e facões.

Ginger-ale, cerveja, fumo
goyano;
Charutos, da Bahia e col-
chetes,
Extracto, oleos, cosmeticos
Vinho Alcobaça e alfinetes.

Pentes, voltas, e dedaes,
Cachimbos, mortallas e a-
zeite doce;
Leques, espoleta, e tonieos,
Linhas, palitos, e erva-doce.

Tintas, fechaduras e fources,
Meias, gregas e macella,
Botões, espelhos e agulhas,
Pennas, chapeos e canella.

Kerosene, fumo e orinoes,
Pimenta, alho e cravinho,
Erva-doce, pomada e louro
Ervilhas, colheres e cumi-
nho.

Alpista, cravo em lasca,
Linhas, candieiros e fivella,
Vellas, traques e lenços,
Canivetes, escovas, e ca-
nella.

Pregos, doces e bonecas,
Arroz, farinha e milho,
Photomobile, anil e to-
neiras,
Colheres e chumbo d'esse
milho.

Tem de tudo muito bom,
O Zadok—o barateiro,
Vende por preço sem com-
petidor.

A questão é ver dinheir
RUA DO PORTO GRANDE

A Sociedade
Cultura Nacional
Agricultura
Rio de Janeiro

EPHYRO

Brasão 15 nos

ASSIGNATURA

Litterario, Commercial e Noticioso

ASSIGNATURA

Mensal \$600

Gerente—ZADOK PASTOR

Numero avulso \$200

Propriedade de uma associação

ANNO I

19 de Junho de 1901.

NUM. 6

—EXPEDIENTE—

Redactores e co-
radores—diversos.

O "Zephyro" publicar-se-ha tres vezes por mez e em dias indeterminados.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilizadas e só serão acceptas quando escriptas em linguagem—commoda.

A cobrança das assignaturas será feita na sahida do segundo numero de cada mez.

O ZEPHYRO

O flagello commercial

A situação anormal em que ora se vê o commercio brasileiro, devido á falta de dinheiro, é o assumpto do dia, de norte a sul e

actualmente o cuidado de todo o país. A crise diuturnamente se accentua, mais grave e mais caprichosa. O banqueiro acatella a algalha monetaria que conservava no cofre para os seus jogos de bolsa, temendo perdê-la em absoluto por mais zelo e caracter que reconheça terem aquelles que a necessitam por emprestimo. O criador desesperado por ver o boi cahir de 150\$ á 40\$, pensa em protellar vendê-lo amanhã, mas recua espavorido porque os juros de seus compromissos contrahidos são cancores monetarios que não páram um segundo a sua marcha destruidora de capitães. O fazendeiro de café pensa em cruzar os braços a colheita desse producto excellente, porque o vê devalorizado penosamente. O lavrador de canna de assucar, tem impetos de atear fogo nos seus sitios, pois encarga as despesas da extracção da aguardente e do fabrico do assucar superiores ao valor que podem dar esses artigos nos mercados.

O proprio matuto, que fez do algodão a sua principal fonte de receita, esmorece sabendo que no dia em que o levar á balança do comprador, o seu apuro não chega para pagar o aluguel dos animais em que o trouxe ao commercio.

O commerciante nada vende nem recebe, tal é a falta estrepitosa de dinheiro que grassa en-

tre o povo. E tudo segue essa mesma rotina e todos só dividem a queda inevitavel de grandes fortunas, a perca absoluta de conceituados creditos e o aniquilamento total do commercio em primeiro lugar e successivamente dos outros ramos de industria. Os artistas esses herões do trabalho assiduo e mal remunerado, já ha muito que soffrem e agora fecharam suas officinas e são verdadeiros nomades, sem um vislumbre de esperanças de voltar á lenda honrada que lhes dava o bôlo alimenticio. Vamos chegar a um tempo de se trocar pão por manteiga e manteiga por pão. E isto somente porque se fizeram fogueiras monetarias na capital desta pobre Republica, sem se estabelecerem ao mesmo tempo uma medida de substituição das quantias incineradas. Porem, e te desespero tem fim e com elle as portas da terra da promissão serão escancaradas e franqueadas a essa massa tão cheia agora de atropellos e miserias,—eis o que dizem aquelles que são méros espectadores da fortuna arruinada, do credito ameaçado, do commercio, das artes e de tudo emfim julgado ao pelago da infelicidade, do desespero e do extermínio. Hontem, com o cambio baixo, o povo reclamava a sua subida para o seu desafogo, hoje o cambio assaz melhorado e com tendencias a subir muito, o povo está em vozeria,—diz o governo e sarcasticamente pede uma explicação des-

O "Zephyro" substitue ao
"Caxiense"

se lemma, aliás de contradicção e de um gosto inconsciente e um excesso original.

Sim, hontem elle queria que o cambio subisse para a melhora de todos como ainda o deseja hoje, porem a ascensão cambial deve vir-lhe por outras formas, qual-quer que sejam, menos estas: — de annullar o numerario do paiz e de augmentar os impostos, por que isso assim, não pôde trazer melhora a quem as reclama com precisão e sim a desgraça; e ainda que essa melhora venha será para aquelles que nos vierem substituir a vida.

(Continua.)

Vamos hoje concluir a serie de artigos estampados nestas columnas em prol da nossa terra.

Se nada conseguimos neste desideratum; se as nossas palavras não levaram o cunho que lhe quizemos dar, é que nos falta o *Savoir faire* dos mestres da imprensa. O nosso intuito porem, foi elevado e sincero.

Tendo nas nossas anteriores publicações levado as apreciações que emitimos para um só ponto, transpomo-nos agora a outro que, pela sua importancia, impossivel é deixar passar despercebido.

Effectivamente é bem lastimavel o estado da nossa terra, sob o ponto de vista material.

Se encararmos a sua situação pelo lado da architectura, do asseio que fazem a elegancia das grandes cidades do mundo, o que vemos? — edificios de construcção defeituosa e velhos, esboroados e lixo por toda parte, como que testificando a incuria, e deleixo d'aquelles a quem cabe toda responsabilidade.

Lançando uma vista retrospectiva aos governos municipaes que tem se succedido nesta terra, da proclamação da Republica para cá, nada vemos que demonstre um esforço, um tentamen de elevamento e progresso, por parte dos que tem sido investidos da suprema administração do municipio.

Mas, a que attribuir esta indifference, tam mazelo?

Acaso não darão as municipaes para o emprehendimento de um qualquer alhoramento?

Não; é que um grande mal, mal terrivel que soffoca as mais sãs aspirações, destando-se entre nós, matou de vez no coração de muitos o sentimento mais altruistico que conhecemos — o patriotismo.

Hoje, porem, que a portagem se abrandou, que a calma vai voltando aos nossos homens, que estes reflectam com maturidade, pezem todos os males que traz aquella paixão e inspirados em outros principios cuidem do bem estar do nosso torrão, que é o bem estar de todos.

Ao Intendente actual está reservada uma penosa missão, a elle cumpre remover os males que acima apontamos. Faça que se reconstrua essa velha casaria, amurem esses grandes terrenos devolutos que existem no centro da cidade — foco de immundicies e podridões e se cumpra em tudo as determinações do nosso Código Municipal.

Que não lhe falte boa vontade, assim como não lhe faltam actividade, honradez e energia.

São estes os votos do «ZEPHYRO».

Sessão Livre

Ilm.^o Sr. Redactor d'«O Zephyro»

Esse conceituado jornalista n.^o 5, de 4 do vigente, a prevenção do Sr. Frederico, q' muito me fez

gentente, esse senhor foi representante da Sociedade «Socorro Limitado Caxiense», pela Assembleia geral dos socios da mesma, em 31 de Dezembro ultimo, assim como os meus actuaes companheiros de Directoria; porem por motivos que me são extranhos, o Sr. Frederico protestou a não tomar parte nas sessões da Directoria.

Em seguida houve a reunião da Assembleia geral dos socios afim de tratar-se da reforma dos estatutos; e em presença de todos os socios reunidos, elle recusou a presidir os trabalhos como lhe competia, visto não estar presente o presidente; tendo eu, como 1.^o secretario, prezidido os trabalhos até a chegada deste funcionario, como se verifica da acta respectiva.

Ora, não tendo o Sr. Frederico tomado parte nessa reunião, como Director, devia assignar os estatutos que foram assignados somente pela Directoria e Conselho Fiscal?

Além disso, senhor Redactor, esse senhor não tem comparecido ás nossas reuniões, para as quaes sempre é convocado.

Se alguma coisa ha entre nós que não lhe agrada, o meio de corrigir é, perante os seus companheiros, mostrar com clareza as inconveniencias, e não negar-se a cumprir

o que impõe o § 4.º d.
dos estatutos que regem
a cidade, que dirigimos.

E' o que me cumpre fazer,
relativamente a *Prevenção* do
Sr. Frederico Cunha.

De V. S.ª

Att.º Vor. e Cr.º

Alarico C.

Caxias, 7 de Junho

Prevenção

O abaixo assignado, le
conhecimento do publico e
especialmente de todos os mem-
bros da Sociedade «Socorro
Limitado Caxiense», que pela
Assembléa Geral da referida
associação, reunida em 31 de
Dezembro de 1900 foi reeleito
vice-presidente da mesma, em
cuja qualidade abrio a sessão.

Faz semelhante declaração
porque seu nome, não obstan-
te o exposto, não consta dos
novos estatutos, como é de
direito.

Caxias, 1.º de junho de 1901.

Frederico Cunha.

Declaração

O abaixo assignado tendo
fixado sua residencia nesta
cidade, declara a diversas pes-
soas na cidade de Caxias que
lhe são devedoras, que encar-
regou ao Sr. Zadok Pastor
de proceder a respectiva li-
quidação. Por tanto, aquelles
que se acharem n'esse nume-
ro queiram ter a bondade de
satisfazer brevemente os seus
debitos, sob pena de serem
chamados pelos jornaes.

Theresina, 1.º de junho de
1901.

Candido da Costa Lobo.

O Cometa

Tem apparecido nesta
cidade desde o principio
deste mez um Cometa,
com pequena cauda.

Será algum prenun-
cio ? ! . . .

(Noticia d'«O Zephy-
ro» de 14 de Maio.)

um «Cometa» appareceu
cobrada estrellada,
alviçareira,
essa menina da.

ainda aterrorizada
De Faib—pel'annuncio,
Pergunta mui receiosa:
«Será algum prenuncio ? !

Qual ! no tempo que passa,
De muita sciencia, de luz,
A coisa alguma, bagatella
Tudo, tudo se reduz.

TIC.

NOTICIAS

A pedido do Sr. João Evan-
gelista foi publicado no nu-
mero anterior do nosso jor-
nal o soneto assignado por si,
soba epigraphie «Cemiterios.»

Corrigenda

No numero passado do nos-
so jornal, no conto «Enlevo»
leia-se: arrebatado em vez de
arrebatados. No annuncio de
Zadok Pastor, segunda qua-
dra, quarto verso, leia-se fa-
ção em vez de facões.

Cavaco

Por motivos contra a nossa
ventade não pôde sair o nos-

so jornal na semana passada,
pelo que pedimos desculpa aos
nossos leitores.

Imprensa

Visitou-nos o n.º 10 d'«Os
Novos», folha bi-mensual, que
se publica na capital do nos-
so Estado.

E' bem escripto e redigido
habilmente pelos esperanço-
sos moços Francisco Serra,
Astolpho Marques e João Qua-
dros.

Sinceramente desejamos ao
sympathico colloga vida lon-
ga e brilhante.

O «Zephyro» jubilosamente
retribuirá a visita do illustre
batalhador.

Vapor

Entrou a 13 do vigente o
«Victoria» tendo regressado
a 16 do mesmo.

Chegada

Chegou de Viçeu, no Esta-
do do Pará, no vapor «Victo-
ria», o nosso conterraneo Sr.
Firmino Gonçalves Teixeira.
Saudamol-o.

Partidas

Seguiram para a capital, no
vapor «Victoria», os Srs. José
de Sant'Anna Pinto e Joaquim
Francisco Rodrigues, digno
1.º escripturario do Thesouro
do Estado e Paulo Nogueira.
A todos agradecemos suas
despedidas.

Enfermo

Forçado por muitos incommodos de saúde partio para Theresina o nosso companheiro de redacção o Sr. João José de Almeida Rodrigues.

Não obstante o motivo porque vio-se obrigado a retirar-se, lá ainda se esforçará com o nosso jornal; no entanto é para sentirmos a sua ausência, por isso pedimos ao Redemptor do Universo para que elle volte breve, robusto e disposto para as lides.

Padaria «Proserpinas»

O Sr. José Guimarães Sobrinho, habil padeiro, resolveu abrir uma padaria, cujo nome nos serve de epigraphe, sita à Praça Gonçalves Dias. E proveito e desde já o felicitamos.

Enlace

Religiosa e civilmente consorciou-se no dia 15 do corrente o Sr. Camillo Guedes de Azeredo com a Exm.^a Sr.^a D. Anna Rita Gonzaga.

Desejando-lhes um risonho porvir, apresentamos-lhes felicitações.

Visita

Acha-se entre nós o joven Satyro Gonzaga de Souza, vindo ha poucos dias do Estado visinho, em visita a sua exm.^a familia.

Comprimetamol-o.

Prevenção

Prevenimos aos nossos assignantes quedaremos como ao recebimento do segundo mez de assignatura d'«O Zephyro» de hoje em diante.

Livramento

Para essa cidade dia 16 do andante, panhia de sua digna Sr. Egydio Cunha, negocia nesta praça.

Agradecemos a sua despedida e desejamos-lhe boa viagem e breve regresso.

Regresso

Regressou a esta cidade, da viagem a Cruz do Mirador, o nosso amigo Sr. Capitão Alexandre Gonzaga de Souza. Comprimetamol-o.

—APEDIDO—

Vinho doirada

Zombas de mim, como que de mim deacrendo,
Por mais que faça, por mais que per ti viva;
Descre's! Prem de amar-te ninguem me priva,
De amar-te talvez deixe, quando morrendo.

A dôr que sinto, esta dôr agra, excessiva
Que lentamente me vai desfallecendo;
«A dôr que mata» e q' não 'stás comprehendendo
E' amar-te e assim te vér de mim esquivando.

Si tamanho horror te causa quem te ama,

De... tens n'alma concentrado
Por ti a todo instante exclama,

...Zombas! e deixas que inerte, a-margurada
Extinga-se na voraz de negra chama
Aquelle, cujo nome não é lembrado.

ANUNCIOS

Barato! Barato!

Passas, bacalhau, vinagre portuguez, cebolas, azeitonas, Ervilhas, sardinhas, vinho fino, chá, sodas, doce de goiaba—vende-se na taverna de ZADOK PASTOR.

Ao publico

Todos reclamão, todos bradam, todos fazem, todos dizem, todos annunciam, mas não vendem tão barato como o Zadok.

Vinho Alcobaça

Sô se encontra em casa de Zadok Pastor e por preço sem competidor.
RUA DO PORTO GRANDE.

TRAQUES

O que ha de melhor, vende o Zadok Pastor.

Typ de Luiz José de Mello.
Imp.—Godofredo de C. e Silva

*Se substituir o que não estava
de acordo.*

THE ZEPHYRUS

Assignatura

Orgão Literário Commercial e Noticioso

Assignatura

Trimestre 1880

Gerente—ZADOK PASTOR

Num. avulso \$200

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I

Caxias, 13 de Julho de 1901.

NUM. 7

Expediente—

*Redactores e collaboradores,
—diversos.*

*“O Zephyrus” publicar-se-ha
tres vezes por mês e em dias in-
determinados.*

*O Gerente não assume respon-
sabilidade por nenhum artigo
publicado na—Secção Livre.*

*As publicações particulares
devem vir legíveis e responsa-
bilizadas e só serão acceptas quan-
do escriptas em linguagem com-
modata.*

*A cobrança das assignaturas
será feita no fim de cada tri-
mestre.*

© ZEPHYRUS

O singello commercial

(Concluzão)

E' doloroso o estado do com-
mercio brasileiro!

A lei ethica que sempre pre-
sidio bellamente as suas func-
ções, entubia-se e desaparecera
poucos dias depois.

Sob a atmosphera mephi-
tica em que o collocaram ve-
mol-o amofinado, sem forças e
sem recursos para procurar a
salvação.

De todos as partes ouvimos
o tetrico clangore em nenhuma
desponta a esperanza de alli-
vio! Tudo soffre. O nosso Es-
tado que sempre jogou-se na

ou menos soffrivel no desem-só encontra preços mesqui-
penho arduos da sua tarefa com-nhos. Ceará que minorava a
mercial, vê-se agora assediado sua situação, dia a dia aggra-
de dificuldades insuperaveis e vada pela secca, com a borra-
jugulado pelos compromissos cha de manicoba, recebe do
mais coracinhos! Ao passo estrangeiro cotações de preços
que elle assim vê-se estorgado tão baixos que o anniquilla
pela crise.—seus credores a-Biahy, com ta fazer contractos
errorizados pela contingencia com e Para para e por o seu
ta situação, ou receiozozos de gado e em resposta tem aquil-
prejuizos graves. nos vizitamos lo que lenos ha pouco na «Fo-
le binoculo em punho, esmeri-lha do No-te»---taxarem de
lhando aqui ali e alem pelo cachingós e pessimo os seus
estado financeiro deste e na-bos, a-lis magificos. Mar-
quelle, como que predispostos não, esforce-se para vender
erguerem e arremessarem aos seus acosunados fregue-
normalmente sua clava potente zes as mercadorias que impor-
tos alicerces de todos os nos-ta e só encherga dificuldades
sos edificios commerciaes, con-exabruptas se metamorphose-
anto que liquidem, seja como ando em impos-veis.
for, as suas transações com- Finalmente todos os Estados
merciaes comnosco. soffrem e soffrem muito os ef-
feitos desta crise de incinera-
ção de dinheiro posta em exe-
cução para salvação do Bra-
zil.

E nesta emergencia desos-
peradora o nosso commercio
se estorce até a solução fina-
—que Deus permitta seja li-
songeiro e assim acontecendo
breve, muito breve. Nada tem
valor actualmente. A borracha
da amazonia está tristemente
depreciada e em identicas con-
dições o café do Rio. S. Paulo
e Minas. A Bahia, e hoje um
burgo-podre que nem a influ-
encia politica do sr. Scy-rino
Vieira, seu governador, vedou
lhe a quebra do banco que tem
o seu nome.

Pernambuco, corre a todo-
os mercados do paiz e alger-
estrangeiros para dispor o seu
assucar e a sua aguardente

CASTELLANA

DIALOGOS

Ao Tito Brillecourt

Hontem quasi á noitinha

A! Joanninha
ueria dar os pés
Mas... não pede, nem vê,
E eis o que
Se passou entre nós:

Eu disse-lhe baixinho:

Doce anjinho

Não sabes q'hoje quero?

—O que? — Já t'esqueceste?

Prometteste...

Por isso agora espero.

—Ah! sim, me lembro agora

Mas n'est'hora

Bem-sabe, tenho medo!

—A entrevista é curtinha,

Moreninha...

—Então... guarde segredo.

Pomos após a entrevista,

Ella temera ser vista.

Por alguém um só instante;

No logarzinho chegando

Qualquer cousa receando

Poz-se de n'um mais distante.

II

—Stás tão longe, formosa,

Tão medroso,

Mais pertinho e ouve cá...

Diga qual seu desejo?

—Quero um beijo!

—Segredo! tome-o lá.

Agora o que, á contar-me

E ensinar-me,

Você disse q' tem?

—A cousa é melindrosa,

Alas gostosa

E em segredo também.

E agarrando-a nos braços,

Mil abraços

Dar-lhe quiz, porem n'isto,

Tremendo, (cortinha!)

Disse assim:

—Olhe bem, não faça isto!

Escoltei-a então, sorrindo,

E fingindo

Vi-a depressa de mim.

—Joanninha espera um pouco

Serei lúco...

Pra que corres assim?

Ea teinha algo á contar-te,

Revelar-te.

Vem cá, meu bem, é cêdo...

Mas q' d'isso... e lá correndo,

Foi dizendo:

Não quero tal segredo!

João Guilherme

Julho 1901.

Minha irmã

(Recordação)

Na estrada da vida, j'ave'nditosa

Minha irmã-gemina...

E doce allivio, coitada, angustiosa

Ella em vão, pedia!

Que agra dor! e que febre capri-

Seu peito estorceia!

Foi grave a dor, Deus, de que la-

Se Ella resentia!

Mor eu! está lá nos infindos ceus

E sa' me vigia.

Mais pura foi ser, está junto a Deus

E meus passos guia.

Julho—1901.

João Rodrigues.

SECCAO LIVRE

APONTAMENTOS

E' ainda sob a impressão que se desejava fim de illu'ir aos na' causou a bella festa de S. Antonio do Ponte, que venho de occupar por alguns instantes a vossa jovial attenção, leitoras.

O meu assumpto primitivo e unico—é relativamente ao celebre R. Lucas, cujo desempenho na vura de vigário que lhe coube, achei interessante e portanto digno de nota.

De joelhos presidindo os actos do festejo não havia probabilidade de mudar de posição. Os seus olhos exprimiam exuberantemente a contricção do seu espirito sem sequer por uma casualidade volverem-se ao grupo de gentis senhoritas que sempre abri-lhantava a festividade.

Noutes havia em que o nosso vigário trajava-se com simplicidade, em outras porém vergava o seu garboso e respeitabilissimo ven a abrir uma padaria na praça *croisé*, o que sempre acontecia em occasião de maior concorrência.

Quando erguia a sua voz de *croisé* amestrado dava um certo geito no corpo que despertava a curiosidade dos devotos. Em tão nessas occasiões com os meus companheiros, recordavamos de

um nosso amigo que representava no «Pne ix» mettido n' afluído *croisé* do nosso vigário, cujos bolcos enchira de pastais preparados gordamente pelo *croisé* e *lia* Angela. Com elle podesse arrumar o respeitabilissimo *croisé* não estava bem certo, mas parece-me que foi por intermedio de um sr. João Chibola que tendes em sua officina para concertar cedeu-o, não sei se por emprestimo.

Assim correu na altura o festivo notando-se apenas um certo esmorecimento no povo—creio que por falta de dinheiro—o que é muito natural nesta crise.

Submo.

Nazario Pires

Este nobre cidadão, entendendo de abandonar o seu officio de sapateiro, tomou o systema de atracar cargas pelas ruas da cidade, levando-as ao mercado, no intuito de melhor apural-as, mais com o seu desejado fim de illu'ir aos

pobres matutos, uzurpando de cada u' alguma somma para assim subsistir-se, e além disso dizendo q' é fiscal da Intendencia, e procurando os 100 R. Lucas, de direito de cada carga de cereaes.

Isto é gaiato, e torna-se preciso que o Illmo. Sr. Intendente Municipal lance suas vistas sobre tal abuso.

Caxias, 7 de Julho de 1901.

Um Vigilante.

Padaria «Gonçalves Dias»

O abaixo assignado communidade, em outras porém vergava o seu garboso e respeitabilissimo ven a abrir uma padaria na praça *croisé*, o que sempre acontecia em occasião de maior concorrência.

Quando erguia a sua voz de *croisé* amestrado dava um certo geito no corpo que despertava a curiosidade dos devotos. Em tão nessas occasiões com os meus companheiros, recordavamos de

AO PUBLICO

Felippe Moyzes da Silva, regozijante ambulante, cidadão brasileiro communica ao publico e as Ex.^{ma}. Familia que recebeu ultimamente da capital um variado sortimento chitas phantazias, bordados, fitas, enfeites, vidrilho, meias finas, fitas, de gazes &c---tudo a cambio de 13 3/4 deixando de mencionar o resto para não se tornar enfiadonho.

Aleria Laxienses.

Caxias, 7 de Julho de 1901.

Meu tumulo

Quero eu tambem ter o meu tumulo. Vou mandal construir de granito e de marmore para que a crua do tempo o não destrua. Quero bem alto, tão alto como as pyramides, para que venham pastores com os seus rebanhos repousar á sombra dos seus muros.

Em torno, chorando, as aguas tristes de um rio e salgueirae em deselinho pungente e cypressos altos, de lucto, firmes como as montanhas extaticos, fazendo a fugera.

O interior resplandescente como uma nave de igreja. Nichos ao lon. o das muralhas, guardando santamente os meus primeiros amores, as minhas ultimas esperanças a, num grande altar lapidario, num tabernaculo, o meu Ideal que ninguem jamais poud. descobrir, o meu Ideal, mysterioso como a face magnifica de Isis, que o véo denso ainda esconde.

Arderão, em tripodes de ouro abraçados em chammas de amor insaciado, corações de vinte annos e o teu coração, minha amada, irá para junto do meu corpo como esse symbolo da Almo imortal, o escaravelho, que os egypcios deixavam junto das mortuarias adormecidas.

Uma grande lage, pesada grossa, fechará a entrada para que não penetre o sol nem os olhos do homem penetrem desvendando o mysterio da morte.

Leva ei connrigo todas as minhas canções jocundas e tu, senhor querida, não esqueças na vida os teus sorrisos. traí-os para encher com elles o nosso eterno palacio—serão as aves do amor as aves da primavera infinita não chores a vossa morte pois que teus olhos não fiquem esmaecidos, porque os quero ver claros, lucidos, brilhantes, porque havemos de os utilizar como lampadarios nessa treva silenciosa do sepulcro.

Quero bem alto, bem vasto, meu tumulo para que os homens invejosos digam:

—Grande tumulo! Tão alto monumento para dous corações apenas.

E nós, emtanto, iremos brotando as lages para expandir o nosso amor porque, de certo, se a pequeno o tumulo para conter os beijos que me prometteste os beijos que eu te prometti não, quantas violetas virão a flor da terra! quantas rosas, a-nor, e quantos lylios e os homens dirão, mais tarde:

—Pois não lhes chegou o tumulo para que assim tragam os seus beijos para a luz do sol?

Bem alto e vasto o tumulo que vou mandar construir, isolado, tão alto como as pyramides para que venham pastores, com os seus rebanhos, repousar á sombra dos seus muros. E vós, almas piedosas, vós que respeitaeis os mortos, quando passardes junto do meu tumulo esquecei orações, esquecei lagrimas: cantai, cantai amor para que nos regosijemos na terra que por motivos de morte sabei que a vida ha visto vos no mundo. E não terão pavor os que morarem perto, não terão pavor das nossas almas as mesmas crianças e virão brincar em torno do tumulo como as aves brincam em torno de um altar de igreja e, aos que as intimidarem, dirão sorrindo:

—Não saem. São deus corações apaixonados que se não deitam. No dia em que saírem desabitado o tumulo de pedra.

E Deus, no fim das eras, quando tudo for destruição e silencio, encontrará, e mo um marco de amor, o tumulo alto que vou mandar construir, tão alto e como as pyramides, para que avulte sobre a poeira desta das tristes viagens. (Folha N.º 10)

NOTICIARIO

O sr. José Guimarães Sobrinho communicou-nos que resolveu mudar o nome da padaria a que é proprietario para—Gonçalves Dias.

HOSPEDES

A hzo-se entre nós vindos no vapor «Barão de Grajaú» da capital os distinctos aviaheiros tenente Ricardo de Berredo, dr. Ramundo de Berredo, Joaquim dos Santos Netto e Antonio de Sousa Machado.

Comprimentalmo-os.

TENENTE-CORONEL CEZAR F. DE NEGREIROS

Regrassou a esta cidade da capital aonde fora medicar-se o cidadão cujo nome emana estas linhas.

Tivemos o prazer de abraçá-lo e vê-lo melhor dos seus sofrimentos que o acabanhavam.

PARTIDA

Seguiram no «Barão de Grajaú» para a capital os nossos amigos srs. Manoel Satyro Lopes de Carvalho com sua exma. familia, e Antonio Lopes de Carvalho, aquelle socio da importante firma de Santos Irmão & Successores, do Maranhão e este nosso conterraneo que por motivos de morte sabei que a vida ha visto vos no mundo. E não terão pavor os que morarem perto, não terão pavor das nossas almas as mesmas crianças e virão brincar em torno do tumulo como as aves brincam em torno de um altar de igreja e, aos que as intimidarem, dirão sorrindo:

Desejamos-lhe boa viagem.

VISITA

Esteve entre nós ha poucos dias em visita a sua exma. familia o nosso conterraneo e amigo o joven João Vieira Lima tendo seguido no trem de 8 do corrente para Therezina a fim de continuar os seus estudos.

Agradecemos a sua despedida.

FALLECIMENTO

Na noite de 7 do corrente exalou o ultimo suspiro a exma.

sra. d. Santinha Villa-nova, esposa do sr. Antonio de Castro Villa-nova.

Nossos pesames.

ADVERTENCIA

Levamos ao conhecimento do publico e especialmente dos nossos assignantes que pretendemos augmentar o formato do "Zephyro" e por consequente--o preço das assignaturas.

Reabriu o seu antigo collegio "S. Benedicto" a 9 do corrente o sr. Antonio Rodrigues Bayma.

O programma distribuido a 10 do corrente demonstra que a festa de S. Rita de Cassia, que terá lugar a 28 do corrente, será realisada com grande pompa.

CONSORCIO

Tiverem a gentileza de communicar-re o seu consorcio que teve lugar a 6 do corrente, na cidade de Picos, onde residem--o Ilmo. Sr. Francisco Moreira e a Exm. Sra. D. Filomena Sytauba.

Que sejam coroados de um risinho porvir os jovens nupentes são os ardentes votos do "Zephyro".

Anuncios

Atenção

Na gerencia d'este jornal se contracta toda e qualquer obra concernente a arte typographica por preços modicos.

Fitas da moda bicos tudo finissimos e barato vende-se na loja de Francisco Porto a RUA CONSELHEIRO INVAL.

A pedido

SAUDADE

A C...

Tão longe vivo do anjo que adoro,
De anjo gentil de minha vida
A malvada sorte separar-nos quiz
Ah! iniqua sorte oh! minha querida

Ali ou alem, mesmo distante
Jamais te esqueço divinal donzella
Trazer-te-hei na memoria sempre
De amor hei sempre de morrer por ella.

Sempre a tardinha, ao cahir da noite,
Vou ao jardim, chorando, nella pensar
E por meio da meiga e salubrosa lua
Solucos e beijos lhe farei chegar.

Bemdito amor que me faz soffrir
Tu me faz morrer, mais não é rigor
Deixar de amal-a oh! meu Deus jamais
Viver sem ella é succumbir d'amor.
Pente.

Gentil Silva.

Tributo de gratidão

Antonio de Castro Villa-nova vem por este meio testemunhar a sua profunda e eterna gratidão para com todas as pessoas que durante a enfermidade de que foi victima sua estremecida mulher d. Santinha E. Villa-nova lhe prestaram os seus valiosissimos serviços, bem como a todos os que por doloroso transe do passamento da mesma o acompanharam ministrando-lhe caridosamente palavras de conforto e finalmente acompanhando os restos mortaes da finada a sua ultima morada.

Espera ainda das pessoas caridosas o obsequio de assistirem a uma missa em suffragio da alma da finada e que não pode ser celebrada no 7.º dia depois do falecimento por não haver actualmente sacerdote na localidade.

mas que terá lugar logo que seja possível, precedendo-a aviso previo.

Em 12 de Julho de 1901.

Vinho Alcobega

Só se encontra em casa do Zadok Pastor, e por preço sem compellido

RUA DO PORTO GRANDE

Manteija

Dinamarqueza, Breteij, Lepelletier em latas de 12 Kilo vende Zadok Pastor.

Typ. da "Cidade de Caxias"

O ZEPHYRO

Assinatura

Trim este 1\$800

Orgão Litterario Commercial e Noticioso

Gerente—ZADOK PASTOR

Assinatura

Num. ayliso \$200

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I

Caxias, 20 de Julho de 1901

NUM. 8

Expediente—

Redactores e collaboradores—diversos.

«O Zephyro» publicar-se-ha tres vezes por mes e em dias indeterminados.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilidade e só serão aceitas quando escriptas em linguagem commedida.

A cobrança das assignaturas será feita no fim de cada trimestre.

O ZEPHYRO

A industria e os impostos

Bem triste é a situação da industria maranhense.

Os impostos monstruosos de que sobrecarrega-a o Governo, apesar da crise assombrosa que grassa em todo o solo brasileiro—prostam-na, anniquillam-na,—servam de principio de vista as quatro credições fabris e tecidos que temos, parem esses assombros, não estão em que se acham, montão de completa miseria fechadas e uma lutando lidado, talvez—donde jamais com extrema dificuldade e poderemos erguer as nossas lem disto, ameaçada de identifrontas, sem que seja nos pre ca sorte.

Inteiramente impossivel é a subjugados pela vergonha manutenção dessas empresas, pelo descredito, emfim.

pois, vêm-se privadas de funcionar porque os impostos a que estão sujeitas sobrepujam consideravelmente ao saldo das suas rendas!

—E são somente ellas que soffrem?—Não! Participam também do seu vexame o commercio do mes no modo mar tyr e os seus operarios, principalmente, porque vêm-se privados, sem recursos e sem um vislumbre de esperança de tornarem aos seus empregos com a abertura dessas fabricas, que jamais podel-o-hão conseguido si não forem minorados esses impostos.

Pobres familias—cujo unico arrimo era o emprego que nel las tinham, estão hoje experimentando os horrores das peiores, das mais intensas privações e necessidades.

Os accionistas ha muito que nada percebem de juros do seus capitais empatados,—tão grande é o peso da contribuição que tem as nossas empresas para com os cofres publicos.

E é nessa luta cruel, nessa marcha troyecosa que se vão extinguindo as fortunas, o que cabindo, até que parem esses assombros, não estão em que se acham, montão de completa miseria fechadas e uma lutando lidado, talvez—donde jamais com extrema dificuldade e poderemos erguer as nossas lem disto, ameaçada de identifrontas, sem que seja nos pre ciso baixal-as novamente.

LITTERARIA

Matyfino

Tive sobre meu peito, reclinada
A sensual mulher dos meus desejos,
Agora em que, bem longe, a
madrugada
No céu imprime os seus doirados
beijos.

Anteram nossos labios mil sol-
fejos
Dum dithyrambo lindos E, des-
peitada,
A natureza, rica de festejos,
Solomnisava a nossa festa amada.

Mas, quando além o sol surgin
do loiro,
Ya matta despejava tintas d'oiro,
Como se assim doirada a desejasse,

Ilha fugiu-me, palpitante e louca,
A do beijos e a pequena boca
sangue e fogo em cada brama
face.

17 Julho 1901.

Luz Carnealho.

Diabinho

Ao Agnello Costa.

ta donzella bonita,
ta morena catita,
toda todo mundo arrebate,
ta menina tão lida,
que tem as faces de seda,
O um diabinho que mata

quando no baile valsendo,
ja sua trança andulando,
na sua trança tão billa,
E quando as rezes me lança

Um olhar... mesmo na dança,
Fi o doidinho, b. por ella.

Faz cantal-a toda lyra,
A todo poeta ell'inspira
Benites, bellos sonetos;
Pois tem formosos cabellos,
São caprichosos, são bellos,
Seus lindos olhos bem pretos.

Se cobecet tu quizeres,
A mais bella das mulheres,
Qu'a todo mundo arrebate,
Res'teu dizer-te qu' é lèda,
Que tem as faces de sêde,
Qu'ê um diabinho q' mata.

Joccy Guilaume.

Soneto

Temos o prazer de extrahir o
soneto abaixo mencionado do il-
lustre sr. dr. Fenelon Castello
Branco, sobre o tumulo de sua
inditosa esposa.

Ell-o:

NICOTA!

(Sobre o tumulo de minha adora-
da Esposa, ao regressar de Picos)

Venho de percorrer a mesma es-
trada
Que juntos bem felizes percorre-
mos,
Bemdizendo essa vida que vive-
mos,
Risonha como as côres d'alvorada!

E quivi gorgeliando a passarada
Em queixumes diser-me—sole-
tremos
O nome de Nicota, e entoemos
Hosannas a su'alma sublimada!

E teu nome as avesinhas profe-
riam!
—Nicota!—Os meus labios re-

petiam familia, e na ornamentação d'a-
quella capella que vês no cimo
consumme; d'aquella collina. Sou filha de

paes pobres; porem a Virgem Mãe
deus sustel-os.
—Não canças de tanto traba-

—Não; porque para manter a
vida a meus progenitores, e para
engrandecimento do culto de Nos-
sa Senhora, não canço nem te-

nhô preguiça
E, terminando, Eleonora, foi-
se lentamente misturando com as
outras flores do campo:

F. Castello Branco.

Eleonora

Ao G. Gomes.
(Retribuindo)

Foi quando Phebo, apenas ten-
do espargido seus primos raios
sobre os montes, dourava prados
cobertos de tapetes multicores,
foi nessa hora em que os passa-
rinhos modulam seus hymnos
festivales a aurora, for nessa hora
que vi pela primeira vez—Eleonó-
ra, a camponesa bella de cabellos
negros, labios corallinos e dentes
eburneos.

Sobre a relva orvalhada, ella, a
passos leves, interrompidos de
quando em vez para colher flores
agrestes, andava pela campina,
confundindo-se com as flores que
colhia.

Pouco a pouco nos aproxima-
mos um do outro; ao vê-me,
Eleonora estacionou, deixou es-
capar um suspiro, e, voltando-se,
ia deitar a correr quando lhe dis-
se eu:

—Não corras, jovem bella! Não
supponhas que sou algum mal-
feitor, algum monstro. Sou um
vibrante como tu; o primeiro ar
que aspirei não foi como o teu: o
aroma destes valles e prados,
mas...

E ella, com um sorriso doce,
encantador, veio collocar-se jun-
to a mim, fazendo callar-me.

—A que destinás as flores que por fallar sobre uma poesia que
colhes?—perguntei eu, rompendo veio a luz no numero 7 deste or-
silencio que por alguns mo-
mentos reinára.

—A que destino?—perguntou,
acrescentando antes de obter a
resposta:—Colho-as; faço grinal-
das que vendo, empregando o

produto no sustento de minha
petiam familia, e na ornamentação d'a-
quella capella que vês no cimo
consumme; d'aquella collina. Sou filha de
paes pobres; porem a Virgem Mãe
deus sustel-os.

—Não canças de tanto traba-
—Não; porque para manter a
vida a meus progenitores, e para
engrandecimento do culto de Nos-
sa Senhora, não canço nem te-

nhô preguiça
E, terminando, Eleonora, foi-
se lentamente misturando com as
outras flores do campo:

Realmente, Eleonora era o sus-
tento da sua familia.

Apenas o sol colhia os pinha-
ros das montanhas, após a ben-
ção de seus venerados velhos, ol-
la, a virgem dos campos, vae a
Ermida de sua Protectora, e em
seguida dirige-se a campina a
cuidar de sua lida.

E foi quando Apollo, atraz dos
montes, dardejava seus ultimos
raios sobre as cônsas verdejantes
do arvoredor, nessa hora de sau-
dade, em que a cigarra pousada
em alguma arvore solta os seus ul-
timos «sis sis... sin...», foi
nessa hora melancolica que fi-
tei, pela derradeira vez, o sem-
blante bello, meigo, encantador,
de Eleonora, a virgem dos cam-
pos, a camponesa christã, de o-
lhos e cabellos negros, tez more-
no, labios corallinos, dentes ebur-
neos e porte angelico.

Aguiar Ximenes.

Codo, Julho de 1901.

SECÇÃO LIVRE

DE RELANCE...

Encetando hoje esta pequena
secção n.º O Zephyro, começo
por fallar sobre uma poesia que
vi a luz no numero 7 deste or-
gão, com o titulo—Saudade.

Não é meu intento criticar da
poesia do sr. Silva, e sim expor
alguns pequenos senões, de que
elle poderá tomar nota.

Diz o joven poeta:
Tão longe vivo do anjo que adoro
Do anjo gentil de minha vida

A malvada sorte separar-nos quiz
Ah iniqua sorte ah minha vida &

Ora, aqui o sr. Silva, esque-
ceu-se de dois pontos principaes

em poesia, metrica e concordân-
cia. Quanto á primeira, pode ser
sacrificada á cadencia, porem, a
segunda é insacrificavel. Se a
sorte lhe é malvada e iniqua, não
pode ser querida.

Em outro ponto ha uma certa
contusão em que o poeta dirige-
do-se a uma mulher fallar nella,
a ella e della, sem concordancia.

No 3.º verso da 3.ª estrophe, o

sr. Silva, faz da lua, seu correio, cede-te que veio celebrar os actos mandando a Ella seus soluços e religiosos da festividade de S. Rita de Cassia.

Bem, se o poeta faz isso, não Cumprimentamol o.

pode ter saudades da lua, pois que está em *contacto* com esse astro, e ao meu modo de pensar, só se deve ter saudades do que não se vê.

Eu no caso do sr. Silva, não enviava os soluços e sim beijos e beijos.

No 2.º verso da 4.ª estrophe o poeta esqueceu-se que faz e fazer são pessoas diferentes, e nessa mesma quadra parece que vai perdendo as saudades e criando medo de que a menina lhe fugia.

Leia o sr. Silva, um dos nossos bons poetas, G. Dias, Bilac & e uma boa grammatica, e em pouco tempo fará poesias boas.

Nilton de Brives.

A quem competir

Estão ameaçados de um incidente gravissimo em seus predios e até nismo em si próprios os habitantes da rua do Conselheiro Sinval, por consequência do mau estado em que se acha o poste da linha telegraphica fixado ao canto do muro da casa do falecido José Antonio Lopes Pastor. Por isso chamamos attenção do sr. Inspector de quem estiver no caso afim de tomar com prestesa as devidas providencias.

NOTICIARIO

PARTIDA

Para a cidade de Picos seguiu no dia 14 do andante o nosso amigo sr. Pantaleão de Carvalho, com sua exma. familia.

Agradecemos a sua despedida e desejamos feliz viagem.

Padre Mendonça

Acabou entre nós desde 13 do corrente este digno e virtuoso

Vapor

Entrou na manhã de 17 o Ipyranga, com duas barcas, tendo regressado a 18.

CHEGADA

De Tury-assú, aonde é juiz de direito veio no vapor «Ipyranga» o illustre e digno magistrado dr. Caio Lustosa da Cunha, a quem cumprimentamos.

Tomaram passagem a bordo do vapor «Ipyranga» com destino a capital os srs: Agnello Machado, com sua digna irmã, Adolpho Frithiam, Taurino Ribeiro, e as exmas. sras: d.d. Hortencia Guimarães, e Aurelina Guimarães.

A todos desejamos boa viagem.

COLLEGIO S. BENEDICTO

Chamamos attenção dos leitores e especialmente dos srs. pais de familia para o annuncio que vai publica na respectiva secção desta folha

INCENDIO

E' dolorosissima a situação que atravessamos e ainda apparece um vez por outra um facto lamentavel contra a pobreza.

As 11 horas da manhã de 15 do corrente manifestou-se incendio em 8 casas no povoado Ponte, ignorando-se a causa do mesmo.

Foi-nos enviado dous exemplares do Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura Brasileira, denominado—«A Lavoura»—que se publica na Capital Federal, onde tem sua sede.

Agradecidos pela fínese retribuirmos com a nossa modesta folha.

Civil e religiosamente terão lugar hoje os enlazes matrimo-

niaes —do sr. Arthur Kós com a exma. sr. d. Esther de Moura Carvalho, dilecta filha do tenente-coronel José Firmino L. de Carvalho, e do sr. Nóberto de Sousa Lima, com a exma. sr. d. Maria José Rodrigues, irmã do nosso amigo e companheiro de lutas J. Rodrigues.

FESTA RELIGIOSA

Principiaram hontem as noveas de S. Rita de Cassia na igreja de S. Benedicto.

Visitou-nos «O Norte» importante jornal que se publica na cidade da Barra de Corda. Agradecemos.

Os Indios

Damos em seguida o resumo do interrogatorio procedido na cidade do Grajahú pelo delegado de policia nos indios que alli foram recolhidos, preso na aldeia Carica: Manoel Justino, interrogado diversas vezes, nega ter tomado parte no morticínio do Alto Alegre; diz terem sido Caboré, Pedro Chitão, os dois ultimos ja mortos, os cabeças do movimento; que é innocente; nunca furtou; nem matou. Luizão allega que estando doente na occasião do ataque ao Alto Alegre, nada presenciou; depois, porém, confessa que Manoel Justino era um dos chefes, que este e sua gente foram os que fizeram as mortes no trecho comprehendido do Alto-Alegre até a Barra; que Manoel Justino realmente conduzira a irmã da pequena Urçula até o matto, tendo assassinado—a; que depois quiz matar a referida pequena, não o fazendo devido a opposição d'elle e de sua mulher Maria.

Maria, mulher de Luizão confirma as declarações de seu marido e accressenta mais que existiu com o Caboré desde o começo da lucta trez christãos, um delles casado, tendo duas filhas mortas, alvas e de cabellos longos, ja casadas com João Caboré; que o mesmo João Caboré tem trez mais do convento de nomes Benedita e Sirdona com

Collegio de E. Benedicto

quaes ja casou tambem; que a menina Ursula ajudava muito a ella; que depois da morte do pessoal do Alto-Alegre, João Caboré e Manoel Justino dividiram entre si todos os objectos que alli existiam; dinheiro, mercadorias, etc. Todos os trez affirmão que os caboclos erão todos espalhados em diversos e pequenos grupos, excepto João Caboré que ainda conserva numero crecido comsigo, inclusive os trez christãos a que ja se referiram, os quaes se acham no lugar denominado «Araras», proximo ao rio Grajaú, para onde seguiu o capitão Guibeira com uma força; que ha entre elles falta absoluta de viveres e munições; que nos diversos ataques que elles tem soffrido da força do Alto Alegre, dirigido pelo tenente-coronel Pinto e da Canna Brava dirigido pelo capitão Guibeira foram os que maior no ticioio produzio entre elles, sendo que no primeiro morreram 25 a 30 e no ultimo de 8 a 10, tendo tanto de um como de outro sahido diversos feridos, muitos dos quaes falleceram depois.

(Do «Norte» da Barra do Cordão)

Luiz Carvalho

Vindo da nossa capital com destino á Theresina, para onde ja seguiu, esteve entre nós o intelligente e sympathico moço cujo nome nos serve de epigraphe.

Temos o prazer de dar publicidade ao soneto—Matutino—de sua composição, que ver-se-ha na secção competente.

A PEDIDO

Na Igreja

Confesso—vou a igreja
Não é porém pelos santos, não
E' veras bellas deidades
E uma flor em botão.

A bella flor em botão
Ninguém sabe quem é ella,

O abaixo assignado, comprehendendo a necessidade palpitante de um estabelecimento de instrucção e educação nesta cidade, e accedendo ao pedido de diversos paes de familia, resolveu reabrir o seu antigo «Collegio S. Benedicto», que funcioneira no importante prédio do major Marcellino Machado, a rua Grande, desta cidade.

Do programma abaixo consta as materias do ensino.

CURSO PRIMARIO

- | | |
|---------------------------------------|---------------------------------|
| 1 Alphabeto portuguez e suas notações | 12 Noções arithmeticaes |
| 2 Exercícios calligraphos | 13 Noções de geographia |
| 3 Taboa consonantal | 14 Noções de historia do Brazil |
| 4 Argumentos syllabicos | 15 Noções de chimica e physica |
| 5 Sons predominantes | 16 Systema decimal |
| 6 Argumentos phonologicos | 17 Moral pratica |
| 7 Arithmetica primaria | 18 Cathecismo |
| 8 Diphthongos e suas escripturas | 19 Sciencias naturaes (noções) |
| 9 Leitura em voz alta | 20 Historia do Maranhão |
| 10 Grammatica pratica | 21 Historia Sagrada |
| 11 Arithmetica progressiva | 22 Grammatica expositiva |

CURSO NOCTURNO

MENSALIDADES

Systema metrico decimal	Alunos internos	40\$000
Escreituração, contabilidade e calculos mercantis	Alunos externos	4\$000
Arithmetica pratica	Alunos nocturnos	4\$000

Além do ensino ministrado no estabelecimento o signatario propõe-se a leccionar em casas particulares, mediante previo ajuste.

Caxias, 1 de Julho de 1901.

O Director

Antonio Rodrigues Bayma.

O meu seguro amor,
Minha sorte é estrella.

Sou vou a velha igreja,
Quando a bella vii tambem,
Para tragar-lhes os suspiros
Perfumados Oh! em quem...

...
Ella é minina faceira
Faz cegueira

...
Um ente como eu
Que perdeu

Muitas noites sem dormir
... ali

Que a vi, a vez primeira
Nas mangueiras

...
Fiquei mudo, quasi morto
Chil... abscorto

...
Fante d'aquella imagem.
Que coragem!

...
Eu ouvi ella bradar
Não fallar!

...
Formosa e densa miniosa
E' formosa

Me fez fallar quasi louco
Até rouco

...
Oh! amavel
E segui o meu caminho

...
Que louquinho
Inda ouvi ella dizer

...
Que fazer?

Desde então fiquei allegre
Como nunca jamais senti

...
Fiquei sim, allegre fiquei
Como o jovem Bentiv.

Antes de vel-a nas mangueiras
Minhas mãos andavam frias

...
E hoje andam bem quentes
Para apertar as de Maria.

Oh!... paciente leitor
Maria é a flor em botão

...
E' pra ellas estes versinhos
Que achas—que tal—então?

...
Ponte.

Genil Silva.

(Vai conforme o original.)

O ZEPHYRO

Orgão litterario, commercial e noticioso

Assignatura

Assignatura

Trimestre 2\$000

Gerente—ZADOK PASIOR

Num. avulso \$200

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I

Caxias, 17 de Agosto de 1901

NUM. 10

EXPEDIENTE

Redactores e collaboradores,—diversos.

O «Zephyro» publicar-se-ha nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem vir legalmente responsabilizadas e só serão accetadas quando escriptas em linguagem commedia.

A cobrança das assignaturas será feita no fim de cada trimestre.



O ensino publico

Confrange-nos o coração escrever isto em estas linhas, protestando contra a indiferença com que os governos tem votado a educação publica.

É a escola publica a ultima classe, esquecida no nosso querido Estado, digno de toda dedicação dos seus filhos illustrados, que no louco empenho de dar nova orientação aos seus partidos, que nascem e morrem, com a mesma facilidade ephemera do insecto, que vê a luz do despontar do dia, para sepulchrar-se na noite do mesmo; esquecendo-se do mais sagrado dos deveres da instrucção, que é o adorno do rico e a riqueza do pobre!

O ensino publico seria o primeiro ponto de vista comparado sob as mais solidas bases do desenvolvimento, a fim de que o povo instruido possa cumprir os deveres civicos, tornando-se defensores da patria e fieis respeitadores da lei.

Alem da indiferença dos governos, que occupam de materias estereis,

sem utilidade publica, notamos a tibieza da parte dos professores, que a desanimados de uma tarefa pesada, sem recompensa dos seus ensinos, pelo magro subsidio, faltam-lhes ahero, coragem e esperança no desiderium de sua missão importante.

Comprehende-se perfeitamente, que um empregado mal remunerado não tem aquella dedicação necessaria; ja porque os meios não lhe permitem para a facilidade da vida, ja porque os governos não se lembrão de melhorar as suas situações!

Com tudo isso, elles empenham-se na luta da instrucção e a prova está nos attestados dos juniores escolares, que mais os recommendam, sem de serem ouvidas suas queixas.

É uma questão muito discutida na imprensa a favor da instrucção publica; porem mal os typos gemem sob a penna dos escriptores para que as suas doutrinas que são publicadas, passem para o archivo do eterno pó do esquecimento.

Confrange-nos o coração, é verdade, encontrarmos, pelas ruas e estradas dos nossos sertões, tantos meninos maltrapilhos, analfabetos, ociosos na vagabundagem, já preparados para o futuro e praticarem todo crime. Não entanto não temos leis obrigatorias em pratica, que ordenem os seus pais ou interessados a fiscalisação da sua educação.

O mestre escola tambem por sua vez não pode lançar um golpe de vista, senão entristecedor e repugnante; porque estuda com calma, que os governos de um lado não se compenetrando dessa infelicidade, zombão dos seus justos reclames.

Com a crise medonha porque temos passado esses ultimos annos, o professor sente um verdadeiro desanimo moral, ja sem recursos para a sua manutenção e o da familia prestes a succumbir pelo acerbo desgosto de não ter meios de viver com decencia, passando de decepções vergonhosas diante de tanta difficuldade.

A sua subsistencia quasi impossivel deante de um mercado fabuloso, que faz nos tremer de susto pela uzura do tempo e a elevação do preço dos generos. Ao passo que os governos marcham triumphantes ao som de musica, foguetes, bailes, e os seus protegidos,

recompensados com largos ordenados, em commissões inuteis e inaproveitaveis!

Só o mestre escola é o ente inteiramente nulló, quando está elle revestido do primeiro encargo de educar a mocidade, donde apparecem varões illustres, sabios e glorias da patria.

Deveria haver mais amor para o ensino publico, auxiliando-se o professorato e não o censurando as vezes por não haver frequencia, bastando somente que elle cuidasse da educação de um só alumno, porque ja tinha dado vistas a um cego.

Em todas as partes ha reformas, melhorando se o ensino publico, menos no nosso Estado e sobretudo no interior das villas, onde o misero professor tem a vida de um mendigo para subsistir, em vista do exiguo ordenado, que mal dá para a magra subsistencia. Sem direito por lei, para um *modus vivendi*, vê-se em luta para vestir-se e a sua familia.

O governo deveria attender, em virtude da carestia medonha dos generos nesse começo do seculo, para compadecer-se das infelizes familias desses preceptores da mocidade, que parecem mendigos das praças! São os mais a um eterno esquecimento.

Se assim continuar essa abnegação, esse indifferentismo, estamos prognosticando, que muito facil será abandonado o magisterio publico, ou talvez occupados por verdadeiros energumenos que se sujeitarão a pequena mensalidade, destinada pelos cofres publicos.

Nada mais tetrico e revoltante do que visitarmos uma escola primaria nos sertões do Estado; mesmo em certas cidades e villas, onde se vê pobreza e tibieza. Os meninos bocejam a maneira do mestre, que sente o estomago vazio, com os olhos cavados do desgosto moral; mas assim mesmo, eil-o no topo de uma carunchosa meza a fazer rascunhos para os aprendizes.

Ao passo que se nota uma differença enorme diante de outros empregados, sem valor real perante um mestre escola! Para aquelles reina o prazer, o luxo e a vaidade e para o infeliz professor, que faz no olvido, uma eterna desesperança!

E' tempo de cuidar-se da educação do povo! Já vae para mais de um decennio que surgiu a Republica, e ainda não sepozem pratica esse grande desenvolvimento em proveito da humanidade.

A instrucção tem o dom da ubiquidade, é de todos os tempos e de todos os lugares. Esmerae-vos na cultura dos vossos espiritos, que tereis um guia infallivel nas vicissitudes da vida!

A mocidade sem instrucção vive nas trevas, qual o hemem de bastão caminhando em completa cegueira.

Annuncia-nos um futuro medonho em que se descortina um horisonte de nuvens negras, se não mudarem-se essas indifferenças dos governos.

O congresso estadual tem de abrir-se no proximo anno e perante elle iremos apresentar estas paginas sentimentaes, sob o cunho da verdade.

Temos fê robustaque não ficarão de balde as nossas supplicas em prol do professorado, afim de que seja elevado o seu magro subsifio.

Compedeci-vos, estadistas, da quadra porque tem elles passado e os termen-tosos transes da sua vida publica e particular.

A verdadeira religião nasce do ensino escolar e d'ahi é que vem todo o bem social; portanto convem que não seja esquecido o professor que luta na mais cançada e difficil tarefa da existencia, sem uma recompensa no futuro senão confiado nos seus reaes merecimentos.

Hayemos daqui do invio recanto escrevermos sempre a favor dessa classe, digna de todo beneplacito.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Attendendo às circumstancias que se apresentam, e mais um órgão que se proponha á defender legal e decentemente os direitos do povo e que inspire neste intuito, toda a confiança, deliberá mos augmentar o formato do nosso jornal, o que, ora realisando, temos fundada satisfação de submetter, á opinião publica—duvidosos de não encontrar verdadeiro acolhimento d'aquelles que idealisam o valor elevadissimo do progresso.

O plano que se nos afflue relativamente ao "Zephyro", reveste o nosso espirito de sumptuosas esperanças—das mais sublimadas conquististas de graça.

Nesta convicção, pois, marchamos a passos firmes e cranças inamolgaveis no caminho da gloria que devisamos através dos formidaveis obstaculos que, confiamos, destruiremos aos continuados golpes da espada triumphante—apunhada e

manejada pela mão potente da perseverança.

Em prol, portanto, do interesse publico estará sempre prompto a pugnar—o jornal q' se estabelece a imposição dos nossos destinos—"O Zephyro".

Caras, de Agosto de 1901.

Litteratura

Impressão

(A MINHA JULIA)

offerecido ao esperançoso joven João de Almeida Rodrigues

Disseste-me uma bella manhã que serias minha esposa e não contavas ainda 8 primaveras!

Julguei na minha adolescencia, que era impossivel ser o teu companheiro, em tempo algum, porque outro futuro me acenava!

Parti para longe em procura de um mundo, que me distinguisse do comum dos homens, que me nobilitasse, na carreira da vida; mas sem ideia em ti, porque eras uma loura criança, que ficavas entregue aos divertimentos, no meio do jardim, a percorrer os caminhos com os pés descalços!...

Viajei longas plagas, esqueci o tempo passado, até que alcancei o que desejava: um grau científico e portanto poderia voltar triumphante com a glória do meu maior desejo!

Cheguei, e não te conhecia!... Eras um typo de fada primorosa; mas o meu coração não te amava ainda e nem tinha ambicionado um encargo de tanta responsabilidade, na vida social.

Por onde viajei a mulher era para mim um anjo de formas sedutoras; mas não desejava possuil-a por esposa!

Era um espirito forte e vagava com toda indifferença sobre a onda tumultuosa do amor!

Sempre curvado aos deveres de ser útil a minha patria, consagrava-me ao estudo, que me deixava o espirito estéril na luta das paixões!

Cançado de ver-te, não despertaste-me o menor vislumbre de amizade; porque tu para mim eras uma imagem que apenas gostava de apreciar a belleza, a forma divina, mas nunca ousaria amar-te!...

Tudo, porem, transformou-se, quando ouvi um canto nascido de tua al-

ma, no silencio da noite, que despertou-me do somno pesado em que me achava aferrado!...

Era uma voz tocante, harmoniosa, celeste; divina e tão cadente, que assemelhava-se ao canto da rola, quando suspira pelo esposo!

Nunca julguei ser uma voz humana, porque era tão melodiosa que despertou a minha alma adormecida!

Desde esse momento que não conciliei o somno e só desejava que descortinasse a aurora para ver de perto a imagem que apenas contempvava.

Com o semblante todo palido de uma noite de insomnias, assim despertou-me a aurora do dia de teu anniversario, quando completavas 15 primaveras, quando tambem ouvi pela primeira vez o teu canto sentido, nascido de um coração virgem, que nunca sentira os embates do amor.

Quando te vi já o teu olhar era outro, todo expressivo e todo magoado! Não querias fitar-me os olhos e mudavas de posição.

Compreendi o meu erro e lembrei-me o passado, da nossa amizade e quanto eu era o culpado. Desde essa hora principiei a consagrar-te o meu primeiro amor, desejando sempre ouvir aquelle canto, que despertou-me do pesado lethargo em que jasia...

que jamais olvidarei;—*"Amor e o ingrato esqueceu-se de mim"* foi uma voz que despertou-me alguma ideia vaga do passado, lembrança que não podemos conservar, porque a innocencia é o halito divino!

O que me dissestes com os teus oito annos, jamais poderia recordar-me e nem essa promessa podia gravar-se no meu peito. Só mesmo quem te ouviu proferir, o jardim, as flores, as aves, teus innocentes companheiros do divertimento, poderiam testemunhar o teu compromisso. Eu certamente não lembrei-me, senão por confessares-me hoje que creio firmemente no que juraste.

Somos companheiros na luta da vida!

Depois do teu canto, o meu coração ouviu a tua queixa e eis-me ao teu lado!

Precisava de ti como o anjo da guarda para deffender-me dos abysmos do mundo, e, se não fosse o teu canto commovente, como a lagrima sentida, eu por certo viveria na escuridão, sem luz que mostrasse-me o erro.

Hoje não sinto os amargores da vida. Toda dor que padeço venho mitigar-a no seio da Familia.

Embora encontre maldições, entre extranhos, tendo a benção do lar nos teus meigos braços, sinto-me tranquilo e feliz!

Ainda me lembro da tua conquista infantil conforme me dissestes, quando

guardavamos o silencio, no primeiro
do nosso noiaado!
3-8-1901.

Julio Mario.

NOTICIARIO

Imprensa

Horrou-nos com as suas agradaveis
sitias os sympathicos collegas:

O *Nortista* organ semanal que se
publica na Parnahyba sob a direcção
do Sr. Francisco Corrêa.

A *Lanterna*, organ anti-clerical de
S. Paulo.

A *Renascença*, folha litteraria que
sahiu a luz no Maranhão no dia 27
de Julho.

E' bem escripto e habilmente redi-
gido por diversos Maranhenses.

A todos desejamos longa vida e gra-
ta retribuirmos.

Advertencia

Devido a falta de impressor não foi
possivel dar a nossa folha no dia
ante pelo que mais uma vez
desculpa aos nossos assig-

Publicações adiadas

Por absoluta falta de espaço deixa-
mos de publicar trez artigos com as epi-
graphes "Conquista de mulher" "Mo-
rena" "Divina", o que faremos no nu-
mero andouro.

Que nos desculpem os interessados.

Festa religiosa

Celebraram hontem as novenas do
glorioso S. Benedicto na respectiva
Igreja

Declaração

Ao dr. B. Capão

Ao acervo de calumnias, que vô-
micastes contra a minha indivi-
dualidade na vossa nojenta pasqui-
nada, sob a epigraphe «resposta
preliminar» publicada no numero
do «Jornal de Caxias», só devo
resposta, e eila na altura da
agressão.

Aucta ignobil a que me provo-
com essa vossa ascosa baléla,

é um repto só proprio dos intruções,
que como vós. a guisa do casavel,
procurão de emboscada inocular na
sua pretensa victima a sua bala pe-
cõnhenta, que devo evitar.

Não sois um cavalheiro, missim
um bandido, um energumero por
habito, que ja foi por isso mesmo
vergastado de peia em um das
ruas da da Villa do Riachão, quan-
do juiz de direito d'aquella conarca,
e comvosco só poderá lutar na a-
rena, que pretendestes arristar-
me, um bandido do vosso jaez.

Calumniai-me e malsina-me pois
à vossa vontade; porque as vossas
calumnias, as vossas malsinacões,
não me alcançarão; ficarão idela-
veis sobre vós mesmo, como ficarão
as peiadas com que fostes vergasta-
do na villa do Riachão.

Em deferencia somente aos ho-
mens de bem que me conhecem, eu
poderia sem esforço pulverisaresse
producto esqualido de vossa cons-
ciencia enferma, mas isso seria pa-
ra mim uma tarefa ingloria, desde
que eu descendo à abordal-a, nive-
lar-me-fa comvosco, e assim renun-
ciaria o correctismo, a que, graças
à Deus e à minha educação me te-
nho imposto, embora certo de desa-
fiar a mordacidade dos invejosos e
malsinantes, como vós.

Embrulhai-vos pois com a vossa
«resposta preliminar» essa trapeira
immunda, que só se ajusta á vossa
obesidade rotunda; e então podereis
atémorder-vos, como fazem os rep-
tis, que mordem-se a si mesmos,
quando não saciados com as victi-
mas que não feito.

E concluindo, resta-me pedir des-
culpas aos que me lerem da dureza
da linguagem, que um vilão ruim
obrigou-me á empregar para tirar-
lhe a mascara em que cobardemente
occultou o seu typo repellente para
attentar contra a minha reputação
e degarreetypal-o com a devida pre-
cisão.

—Responsabiliso-me pela publi-
cação deste artigo.

Caxias, 31 de Julho de 1901.

Joaquim de Andrade Fortuna Pessoa.

DE RELANCE

Para não faltar ao compromisso
de prehencher uma das columnas
que gentilmente me foram offere-
cidas n'«O Zephyro», procurei ana-

lysar uma poesia que veio á publi-
dade no mesmo jornal.

Não sou peeta, porém como gos-
to de poesias e admiro á quem as
faz, gosto tambem de mostrar al-
guns defeitos, (se os encontro),
para que a pessoa que se dedica a
essa arte, va conhecendo os espi-
uhos da florida estrada que procura
percorrer.

Assim volto hoje ainda apresian-
do uma poesia do Sr. C. Silva.

No meu fraco modo de pensar, o
jorven escriptor força muito a rima,
de maneira que, ou desfaz o pensa-
mento ou esphacella, e em certos
pontos torna ambiguo o sentido do
que escreve.

No começo da «Igreja», (sua poe-
sia) vem o poeta offendendo aquil-
lo que devia prezar - A Religião, po-
rém offendendo de uma maneira
tosca. Diz elle.

«Confesso vou áigreja.

Não é porem pelos santos, não».

Para que esse não?!

Adiante diz:

..... tambem

Para tragar-lhe os suspiros

Perfumozos oh! em quem.

Em primeiro eu aconselho ao
poeta não tragar súspiros, pois po-
dem ser por outros, e em segun-
do acho que aquelle oh! em quem
só está ali para rimar com tambem.
N'esse cazo acho que o poeta, de-
via mudar a rima.

Logo em seguida o sr. Silva, faz
uma discrição da menina, que se
confunde com o lugar em que via,
pois ao mesmo tempo que a des-
creve, colloca umas mangueiras nas
noites sem dormir, que dá uma
ideia de que o poeta, fás a poesia,
dormindo ou cochilando.....

Onde aqueceu o sr. Silva as su-
as mãos?

Nas mangueiras ou nas mangas?

Finalmente, no fim diz: Oh!.. pa-
ciente leitor &

Só sendo mesmo paciente, do
contrario não aprecia o sr. Silva!

Já depois de estar entregue ao
prelo a minha "De Relance" depa-
rei com uma nova produção do sr.
Silva, que não posso analysar. E'
o caso de dizer: Ha poesias, ante
as quaes a critica é impotente e
sente-se covarde. Næssas condic-
ções está a "no Ponte".

Muito bôa.....

Agosto, 1901.

Nilton de Brives.

Ill.^{me} Sr.^r. Redactor d'«O ZEPHYRO»

Saude e fraternidade.

O *Jornal de Caxias*, em 3 do corrente, dá a noticia da minha nomeação para Fiscal da *Prosperidade Gaxtense*, como sendo resolvida pela maioria da Directoria o que quer dizer que, um dos membros deixou de assignar o officio a mim dirigido....

De accordo, realmente um dos membros deixou de assignar a minha nomeação!!! Um officio por rem de 31 de Julho, assignado pela Directoria toda, quero dizer, pelos trez membros já citados, vem desmentir tal noticia, pois, por elle, retribui todos os poderes, para resolver qualquer questão, consarnente aos serviços da ponte. O que vale nova nomiação! Sendo portanto injusta tal noticia peço-vos que vos digneis publicar esta deixando ao publico a classificação dos caracteres.

Agradecendo sou com est.^a e consideração amigo cr.^a obr.

Americo Moura.

Caxias, 7 de Agosto de 1901.

Illm.^o Snr.

Realizando-se no dia 31 do corrente a eleição para Governador, Vice-Governadores e um deputado Estadual, eleição que reclama o comparecimento de todos nós, afim de que a chapa recommendada pelo Directorio do Partido Republicano, e de accordo com a indicação feita pelo nosso eminente chefe, o Exm.^o Snr. Senador Benedicto Pereira Leite, tenha aquelle acolhimento que é para desejar, temos a honra de convidar-vos a comparecer no referido dia, prevenido com o vosso titulo de eleitor do Estado, para que aquelle pleito tenha o resultado que se espera da nunca desmentida solidariedade que prende em um mesmo elo todos os membros de tão invencivel partido.

Para que, entretanto, tenhaes inteiro conhecimento da chapa que ides suffragar, bem assim das instrucções que devem ser observadas no dito pleito, faz-se necessaria a vossa presença na casa de residência do primeiro signatario d'esta, ás 6 e 1/2 horas da noite do dia 30 do andante.

Certos da vossa disciplina politica, os abaixo assignados, em nome do grande Partido Republicano, antecipam o seu reconhecimento e se subscrevem com a mais perfeita estima

De V. S.^aAm.^{os} Cerr.^{os} Att.^{os}

José Castello Branco da Cruz
José Joaquim de Lemos
Alexandre Gonzaga de Souza
Silvestre Joaquim da Silva
Cesario Fernandes Lima
Leoncio de Souza Machado
Raimundo Virgilio da Rocha Teles.

Um retrato perfeito

Acaba o nosso intelligente e dedicado pintor o sr. Zeca Cunha de retratar em ponto grande, o vulto sempre lembrado do tenente coronel Luiz Cinha, a pedido do seu digno filho, Luiz Junior.

Está uma obra perfeita e quem conheceu o venerando amigo, não deixará de notar toda semelhança.

Parabens ao Sr. Zeca, que com força de vontade, dotado de genio poderá prestar relevantes serviços a sua terra que engrandece-se dos seus filhos talentosos.

Como amigo e apreciador do sympathico pintor, só temos em vista animar-o, e, que não esmoreça-se na longa estrada, que ha de trilhar, onde apparecerão os invejosos, que sem duvida hão de querer offuscar-lhe a gloria.---Avante!

Um admirador.

ORESTES

Já consultaste a grammatica?
Herege.

Annuncios

ATTENÇÃO !

Na gerencia d'este Jornal contrata-se toda e qualquer obra concernente a arte typographica por preços módicos.

Atenção !!

Chegou para a casa de Corrêa & Nunes Successores pelo ultimo vapor os seguintes artigos:

Meias pretas, brancas e de cores para homens senhores e creanças.

Gregas brancas e de cores o que há de mais chic.

Bonecas de seliloides.

Ditas de louça.

Colxetes de 1.^a qualidade.

Pentes finos de marfim cousa optima.

Escovas para dentes especialidades.

Extratos corilopsis do japon.

Idem Cazemiro de Bouquet.

Idem Trefle encamat.

Idem Skiné.

Oleo oriza.

Linha para croxete diversos numeros.

A acreditada manteiga Brel em latas de 1 e 1/2 kilos.

Leite condensado de 1.^a qualidade. Chá hison, verde e preto de qualidade superior.

Vinho S B o ha de melhor.

Dito Marquez de Pombal.

Livros de 1.^a 2.^a e 3.^a leitura de F. Carvalho.

Historia do Brazil por Lacerda.

Geographia pelo mesmo manuscritor.

Pilulas caffetana de A. Sobrinho.

Idem contra estopôr.

Idem salvadôras das creanças. E emfim tudo que há de melhor existe nestacaza á disposição dos amaveis freguezes promettendo vender-se tudo a preço reduzido.

Corrêa & Nunes Successores.

ASSUCAR !!

Marca 1.^a de pernambuco 800 o kilo

Idem " " E. d'agua 700 " "

" 2.^a " " " 600 " "

E' por quanto vende-se em casa de

Corrêa & Nunes Successores.

Typ. da "Cidade de Caxias".

O ZEPHYRO

ORGÃO LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO

Assignature

Trimestre 2\$000

Gerente—ZADOK PASTOR

Assignaturas

Num. avulso \$200

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I

Caxias, 25 de agosto de 1901

NUM. 11

EXPEDIENTE

Redactores e collaboradores,—diversos.

O «Zephyro» publicar-se-ha nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem ser legalmente responsabilizadas e serão aceites quando escriptas em linguagem commum.

A cobrança das assignaturas será feita no fim de cada trimestre.

Officina á rua d'O Zephyro.



Molestias dos feijoeiros

A MANCHA GORDA DAS VAGENS

Em certos logares, sobretudo nas plantações feitas extemporaneamente, ou quando a estação corre demasiada chuvosa, os feijoeiros, como se sabe, muito perseguidos por uma doença, que se manifesta nas folhas, em que se observam diversas manchas. É a *terrugem do feijão*.

Esta molestia é causada por um cryptogamo, que vive nas folhas, cujo tecido parenchymatoso perde sua turgescencia natural. Ellas tomam, então, uma cor verde desmaiada, e apresentam diversas manchas pardas ou cor de canella, as quaes, por fim, se tornam mais amarelladas, encontrando-se nellas

os *accidium* do cryptogamo que as penetram e que, germinando, propagam a molestia com grande rapidez. As manchas são produzidas pelos esporidios do cryptogamo. (*Uromyces phaseolorum* de Bary).

Contra este mal se não conhece ainda, infelizmente, um meio pratico efficaz; sendo, entretanto, consideravel, não poucas vezes, a devastação causada nos feijoeiros pelo terrivel microorganismo vegetal.

As pulverisações finas com soluções de sulfato de cobre a 2 e 3% não constituem meio seguro de tratamento.

O unico recurso efficaz recommendavel, por ora, é arrancar e destruir pelo fogo todas as plantas, tanto que ellas apresentem os primeiros indicios do mal; ao envez, elle progredirá rapidamente, como sóe fazer, e assolará toda a plantação, impedindo o desenvolvimento dos vegetaes, que ficam todos enfezados e, por fim, seccam e morrem, deixando no solo, o q' é peor, o germen que ha de destruir a futura plantação que houver de ser feita no mesmo lugar ou na zona contigua.

Não é, porém, de ferrugem, especialmente, que agora queremos fallar, senão de outra molestia, que é tambem muito prejudicial aos feijoeiros; porque compromette-lhes totalmente as gussas ou vagens.

A molestia a que nos referimos é de origem bacteriana. Vulgarmente chamada *mancha gorda*, ella parece manifestar-se, de preferencia, nos feijões hortenses, especialmente de origem estrangeira; mas ella tambem ataca outras variedades mais abundantes e frequentemente cultivadas.

É dos annos húmidos, ou quando ha frequentes e abundantes chu-

vas de trevoada, que o mal apparece e causa maior devastação nas plantações. Por esta razão muitos cultivadores acreditam ser elle causado pelo excesso da humidade do solo.

Esta supposição, que é certamente infundada ou errônea, parece resultar da observação dos que se deixam impressionar pelo facto de apresentar a molestia, nas diversas variedades de feijão, caracteres um pouco differentes; sendo ainda para notar que as manchas são, ás vezes, mais abundantes nas vagens do que nas folhas, cujos peciolos tambem as apresentam em alguns ramos.

Mas a verdade é que, quando as manchas chegam a ser vistas distinctamente nas folhas, já as vagens estão seriamente affectadas.

Estas manchas, sejam de cor grisalha, ou parda, estando seccas, parecem produzidas por uma gota de oleo que cahisse sobre as vagens e fosse lentamente absorvida.

Mais tarde ella fica molle e, com a presença do chuva, entra a exudar um liquido viscoso, que encerra consideravel quantidade de microorganismos; então a mancha começa a apresentar uma orla, e todo o seu contorno, de cor castanha avermelhada.

Neste estado, dizem os lavradores que o feijão *melou com a chuva*; quando, entretanto, muito outra é a verdade, pois que, em todo momento, o mal attingiu, apenas, sua acridade. Pouco importa que as manchas sejam grandes ou pequenas, isoladas ou confluentes, nos pontos em que ellas estão situadas as vagens apresentam sempre lesões, ora superficiaes, ora profundas, consoante os progressos do mal.

(A seguir).

Litteratura

Carta aberta

A' uma mulher que se perdeu.

Oh!... desgraçada creatura!... o que é que fazes por aqui, por estas plagas, n'essa vida errante a que loucamente te lançaste?

Qual a tua profissão, diz-me, qual é o teu modo de viver?...

Ente miserando! que mal fizeste tu, que acto sacrilego, vil, infame, praticaram estas tres innocentes criancinhas, fructos de tuas entra-nhas; que perderam a misericórdia de Deus, que não merecem a protecção dos homens e soffrem, como tu, os horrores da miseria?!

Tu que nasceste, e creceste e te educaste, no esplendor da opulencia, sob a santa protecção de uma veneranda senhora que te amou, que te quiz, que te vigiou como á uma filha extremecida; tu que foste ao templo sagrado, ao pé de Deus receber por companheiro dos teus dias, aquelle homem á quem consagraste o teu amor de donzella, porque chegaste, o que foi que te impelliu á esse estado tristemente doloroso de miseria, de fome,—de nudez, de adulterio, enfim?!

Adúltera!—qual foi a causa por q' abandonaste o teu marido, qual a razão porque renegaste a tua familia, que motivo te levou á repellar, com desdém, as benções de teus paes?... E porque desceste até ahí, n'esse lodoçal infecto da podridão, á essa prostituição ignobil, vicio immundo que a lei condemna, que a religião christã amaldiçoa, que a sociedade repelle com indignação, com asco, sem dó, sem piedade?... Ah!... hontem a ventura te sorria e eras bem feliz no teu lar conjugal, ao lado do esposo amado, acariando os tenros filhinhos; e hoje—pobre creatura!—a desgraça te persegue, a miseria te aniquilla!

Hontem tinhas, no centro d'uma cidade populosa, um tecto que te abrigava do sol, da chuva e do sereno da noite; possuias uma sala, convenientemente adornada, onde recebias as continuas visitas de tuas

amigas, de teus amigos, de teus parentes e hoje aqui o que tens por abrigo?

Simplesmente as sombras de umas arvores mal copadas, crescidas na margem do rio, nas praças publicas; expostos, tu e tambem os filhinhos, ao elhar zombeteiro do transenuto impudente, ás chacotas gruteiras dos garotos!...

Nem ao menos podes alugar uma palhota, uma casurna, onde não sintas tu, onde não sintam os filhos teus, o calor abrasador do astro-rei, nemo resfriamento emanado das aguas pluvias.

Rôta, esfarrapada, cabellos desgrenhados, pés desnudos, exposta ao sol e á chuva, faminta qual um cão, ladrado de trez filhos, eis o estado deploravel, doloroso em que se vê hoje Eteloz.

Lastimo, mulher a tua sorte má e, oxalá! que a Omnipotencia divina se compadeça de ti... de ti e d'essas tres innocentes creaturas q' ahí estão a teu lado.

P. Thomé.

Deos que fazer-lhe rica d'aplanante

As graças do anfitrião lhe dando

Dando-lhe as rosas da manhã fulgente.

Quando e' la passa, tudo em roda espelha

E a gente, sem querer, vê-se curvando

E a gente sem sentir quasi ajeitella!

J. Vianna.

28—Julho—901.

Conquista de mulher...

Geny, venca! Olha-me! Vê como sou linda!.. (quebrando as ricas rendas do decote.. vê este roseo setim do meu collo virgem!.. (ameganhando um talhe da camisa de renda).. vê como o meu seio treme... por ti... por ti somente, pois só a ti eu amo só por ti eu viro!!

Geny lançou um olhar frio para ella e baixou a cabeça...

O homem de gelo!.. Pois não te derrete, ainda o coração, o calor do meu amor, o fogo da minha seducção?.. Cais as ondas do meu seio tarni tão niveas e tão roseas, tão ricas e tão loucas te não abalam—áida no peito a não do teu desejo?... O... vem cá... o meu amor te chama... anda Geny vem cá!.. Elle ficou no mesmo lugar e entre um sorriso apagado disse-lhe: tu sabes que eu amo, a outra criancinha, que tambem é doce, que tambem é linda!

—Sim, eu sei!—volta-lhe Corina—mas eu te quero!.. eu te amo como ella não te amou jamais. Tu és o echo dos meus passos, tu és a sombra de meu corpo...

Eu ouço o teu nome no cantar da fonte, escuto a tua voz no sussurrar dos folhos, vejo os teos olhos nas gentis estrellas, vejo o teu rosto no fulgor da lua...

Todo dia eu toco comtigo nas notas do meu piano, flos do meu caxete, a noite, quando durmo, sonho comtigo.

O... pois não preferes ainda o meu amor? (e apertando as mãos enlaçadas, com um furor gentil, deu um passo para mais perto de Geny) Geny olha-a já com um certo interesse que se lê no rosto e pelo movimento do palitot, conhecia se que seu coração batia com mais força. Ella abriu-lhe a rosa da bocca n'um sorriso provocador e olhando-lhe com certa languidez, proseguio. Então falou?

Continuas a cerrar sobre a minha felicidade a porta lucida dos teos labios?... Abre-a Geny, eu fi supplico; deixa que o prazer encha a minha alma, soffoque-me o coração!

Geny hesitou... estremeceu...

Ella continuou... Pois não sabes q' tu és o orvalho e eu sou a flor?... Não sabes que a borina do prado pende e morre sem o roseo do ceo?

Oh! Geny eu não quero morrer!

Geny olhou intimidado para os lados, como que receiando um olhar indiscreto... Vio que estavam a sós... corou—de que?... não sei...

Ella, cada vez mais arroubada, mettendo a mãozinha na trança e espalhando-a sobre os hombros, proseguio, com uma vós do ceo: O... fala!.. eu quero ouvir a tua voz... diz-me, que me amas... eu quero ser a mais feliz das mulheres!..

Olha Geny... em tudo eu me lembro de ti em cada coisa que me cerea, em cada coisa que me singe!

pegando da pimboia da saia to-
meagando-a meigamente). Não vêes
o meu sapatinho de veludo? tem a cor
toda de tua face. Não vêes a minha
meia azul? é da cor dos olhos...
olha, olha bem a minha liga, Geny.
Negra, negra como os teos cabel-
los...

Geny não pôde suportar mais; or-
teo-loucamente para ella e cobrindo-a
com os braços. Anjos disse-lhe... apaixonado en-
tão... "Corina... tu és
mais linda do que Mary, és mais do-
ce, és mais rica, és mais lo-ca... este
amo Corina, eu te amo!"

Elle, radiante de felicidade, pende-
u a cabeça para o hombro e deu um sus-
piro.

Rangio um reposteiro cerrando-se a
sombra da noite que decia cahir so-
bre os noivos!...

A lua, lá ao longe, na linha do ho-
rizonte, desembrulhando-se dos alvos
lençoes das nuvens, bella e risosa,
saltou ao espaço...

Elvina!

Quem a visse assim como eu a vi
Toda de rosa, como a madrugada,
Tiria, de certo, a alma fascinada
Tiria, de certo, o fogo que eu senti!

Mozava no terraço e louquinha
Mostrava na face um riso gracioso.
O Zephyro, ás vezes, grito e amores
Beijar-lhe a sala com loucura vinha.

E ella toda rubra, toda casta e fria
Velas curvava-se para elle a compor...
Mas... se curvando a seio apparecia!

Oh! não digo mais... accabo aqui.
Era pra ficar morto de amor
Quem a visse assim como eu a vi!!
7-8-901.

Jóca Venci.

Revelação

Ao João VIANNA.

Lembras-te poeta, quando um dia,
em que me viste tristonho, embereci-
do á contemplar o brilho apalino das
estrellas, me, perguntas-te se soffria?
Pois sim, eu soffro, e o meu mal, é
des que sufam pouco a pouco, como o
sol que fuz seccar até á ultima, as flac-
cidas gottas de orvalho que a noite
caridôzamente espalhou pelas flores.

Ah! eu soffro e soffro muito!
Amo, e sei que esse amor me levará
ao tumulo; porém, para ser feliz, bas-
ta que no ultimo momento de minha
vida, eu, veja uma lagrima brilhar na
pupilla negra da mulher que amo.

Seu nome, tu o sabes; aprindio
quando criança, quando balbuciei a
minha primeira prece á virgem mãe.

E ella, essa morena de cabellos ne-
gros, terna como um sorriso de crean-
ça, pura, como os anjos, não sabe que

a amo, não sente por mim essa cau-
tella de fogo celeste, que se, depomi-
na—amor...

E' bella, em nos olhos a cor das
nevas e nos labios a do rubim.

Um simples sorriso d'ella, será a re-
volução do seu nome o meu soffri-
mento, e do amor que lhe dedico.

Julho 1901.

Neren Littencourt.

El-o de Amelia

(Ao INTELLIGENTE SR. LUIZ JUNIOR)

Eram crianças, mas... cegamente
amavam-se.

Moravam visinhos e, por isso, não
havia uma hora, não havia um instan-
te em que não se vissem em que não
se fallassem...

Apenas o sol nascia, e mãos dadas
e num garbalhar infantil se iam el-
les, corio deis pombinhos brancos,
toutejando, pelo matto m fora, atrez-
nas borboletas multicores, ou colhen-
do flores cheirosas—flores, com que,
chegando em casa, iam elear-se, um
ao outro, com essa candidez do pas-
sarinho que mette carinhosamente o
bico por entre as pennas do compa-
nheiro...

A tarde iam pescar á beira do ria-
cho e quando voltavam á noite, con-
tentes, cada um com sua valia-
da de peixes ao hombro, de ap-
lausos e bravos dos pa-
trões, de descarregar-lhes de
seu peso, num enthusiasmo in-
te e num desasociego de crian-
ças, sentar-se á beira da calção
gando pedrinhas ou contança-
levavam até ao tempo em o pa-
terna lhes vinha annuncia era
á hora do repouso...

Despediam-se saudosos abi-
os infantes encontravam-se be-
jo terro e innocente...

Era assim a vida dessas catu-
rinhas... passava como num
ré de risos e de venturas...

Uma porem veio a dia
o ceuda sua felicidade...

O pai de Augusto, em o re-
bre como q' adivinasse o emb...
intelligencia superior, cha...
tarde fazendo-lhe algum...
justas, preveniu-lhe que...
gueria para uma cidade...
de podesse cursar uma b...
pois já estava crescendo e
aproveitar a mocidade...

Um raio que tivesse de lo tanto
de Augusto não o teria a

com essas palavras... isphemou

Chorou, maldisse-se a ordem
até—mas era preciso ob...

paterna... elle em

A viagem foi marcada...
breve ia ver desappareo...
horizonte o ninho da su flor cujo

ao lado delle, a flôr, a heli...
perfume era a sua alma—mais e os

Desde esse dia não r...

seus olhos rodearam-se de um vinculo
negro, como o estigma da dôr, da fun-
da dôr que lhe ia pelo coração...

Amelia quando soube, dos labios
tremulos e chorosos de Augusto, a cru-
el resolução que tomara seu pai, ficou
para não viver e, dahi em diante to-
da vez que ouvia alguém fallar na par-
tida de seu namorado, estremeceu e
cora, mal podendo esconder as con-
vulsões de sua alma triste e apalxo-
nada...

Ao aproximar-se aquella hora de tris-
tesas, de prantos os dois amantes eram
insaciaveis na analyse d'aquelle dra-
ma cruel que azinho se lhes avisi-
tava e, embriagados, ficavam absol-
vidos idealizando—aquí—um presente
cheio de consternação, mas... além—
um futuro delicioso.

A despedida... ah! a despedida...
impossível é a discripção d'aquelle
despedida que deu treguas á tantas la-
grimas amarguradas!

Partiu...

No pantheon do passado, ja um
cinco annos d'uma ausencia cheia de
trabathos, de sacrificios e de sauda-
des—enfraquecendo o espirito do in-
telligente mancebo que, muito cãão,
fez reluzir sumptuosas maravilhas do
seu cerebro cultivado...

A idade de 21 annos e a posse de
uma carta de Bacharel deram-lhe a
... de volver a pátria...

...

Chegou á casa paterna acariciado
dehlente pelos parentes e amigos de
infancia, em cujas faces via impresso
auramente o prazer. Só Amelia, o
anjo meigo, o ideal mais amplo do
seu coração de moço, conservava-se
muda, ôra corado, ôra estropecen-
do...

E' que alguma cousa de horrivel
amofinhava-lhe a alma, combatia-lhe a
consciencia de moça de 15 primaveras
que então contava!

Os seus olhos meigos, outr'ora tão
expressivos já não podiam fitar o po-
bre mancebo...

A' Augusto, era impossivel deter-
se mais no endereço da carta que pre-
parára em pedido á mão da mulher que
o captivara; mas, receioso que aquel-
la melancolia, tão grave, nella estab-
lecida, significasse, talvez, alguma
mudança de affecto, apressou-se em re-
quisitar dos seus labios a causa d'a-
quelle mysterio que tanto acabinha-
va-o...

Dois compridos fios de lagrima so-
outros mais que succederam-se—in-
nundavam as faces rubras de Am-
lia...

—Dize-me, ó Lacta que significam
estas lagrimas... sim! que signifi-
cam?... disse elle afflictamente.

—Perdôa-me, Augusto... oh! ceusi...
e o pranto corria mais copioso.

—Amelia!...

—Perdôa-me, Augusto, meu queri-
lo Augusto!... sou prostituta!!!..

balbuciou ella tremulamente destem-

dendo-se sobre os braços do infeliz mancebo que só pode expedir um grito de dôr—alucinadamente!...
agosto 1901.

Deialam Gridornsa.

NOTICIARIO

Vapores

As 3 horas da madrugada de 15 do andante ancorou no nosso porto o «Victoria» tendo regressado a 20 do mesmo.

Tambem regressou a capital 10 do mesmo a Lancha «Moema».

—Ancorou tambem o «Ypiranga» a 22 e regressou no dia seguinte.

Simão Ribeiro

Seguiu para a capital a fim de prestar exame de telegraphista o nosso conterraneo e amigo o esperançoso jovem cujo nome nos serve de epigraphe.

Agradecemos a gentileza de sua despedida e, fazemos votos para que obtenha bom exito no seu intento.

Partida

Para Carolina seguiu a 19 do andante o nosso amigo o ex-negociante d'esta graça Sr Antonio Nogueira.

Gratos pela sua despedida, desejamos que faça boa viagem.

Padaria Fonseca

Agradecemos ao proprietario d'esta esbetelecimento a fineza que teve de enviarnos uns craknell productos esses q' não obstante serem já conhecidos são bons e de um gosto agradável.

Hospede

Acha-se entre nós vindo do Amazonas em visita á sua exm.^a familia o nosso amigo e distinto joven Enéas Valle Junior, zeloso empregado da importante companhia Comptoir Colonial Français, do Rio Javary.

Pentradissimos pela sua visita temos o prazer de abraçá-lo.

SECÇÃO LIVRE

Orestes

Consta que a novena no Domingo passado esteve concorredissima.

Porqu' não fortes?

Pois me disseram que o amigo já tá conenci'o que o nome é Hêrege em vez de Herege.

Se assim fôr

acceite parabens do

Herege.

Protesto

Constndo-me que um empregado da casa commercial do Sr. Abilio, propalla em diversas casas desta cidade, muitas olumias contra a minha individualidade, venho por este meio protestar contra tal procedimento pois se não corrigir-se hei de tirar-lhe a mascara.

Previo-lhe, portanto.

JOÃO LEITÃO.

Agosto de 1901.

Motto

Dizer que o Quincas faceiro,
Na festa pintava o sete,

GLOZA

Dizer que o Quincas faceiro
A festa com furor,
Dizou: «muito prazenteiro,
Jesús res pequenos—amor.—
Pois em nada me admira,
Que em melhores se mete,
No dia d'uma pepira
festa pintava o sete.—

Somur.

Annuncios

Na e tod
ute tygerencia d'este Jornal contrata
e qualquer obra concernente a
ographica por preços modicos.

Attenção

Cheg Nunes
os segui para a casa de Corrêa &
Meias Successores pelo ultimo vapor
homens artigos:

Gregas pretas, brancas e de cores para
de mais senhoras e creanças.

Bonecas brancas e de cores o que há
Ditos e de seloide.

Colxet e louça.

Pentes e de 1.^a qualidade.

Escova fides de marfim cousa op-

Para dentes especialidades

Extratos corilopsis do japão.

Idem Cazemiro de Bouquet.

Idem Trella encamat.

Idem Skiné.

Oleo oriza.

Linha para croxete diversos numeros.

A acreditada manteiga Bretel em latas de 1 e 1/2 kilos.

Leite condensado de 1.^a qualidade.
Chá hison, verde e preto de qualidade superior.

Vinho S B o ha de melhor.

Dito Marquez de Pombal.

Livros de 1.^a 2.^a e 3.^a leitura de F. Carvalho.

Historia do Brazil por Lacerda.

Geographia pelo mesmo manuscriptor.

Pilulas caffetana de A. Sobrinho.

Idem contra estopôr.

Idem salvadôres das creanças E emfim tudo que há de melhor existe nas tucaza á disposição dos amáveis freguezes promettendo vender-se tudo preço reduzido.

Corrêa & Nunes Successores.

ASSUCAR !!

Marca 1.^a de pernambuco 800 o kilo
Idem . . . E. d'agua 700 . .
2.^a . . . 600 . .
E' por quanto vende-se em azade

Corrêa & Nunes Successores.

ESPECIALIDADES

Craknell a 3000 o kilo !!!

Recebe encomendas d'esses afamados biscuitos, cujo fabrico revuliza com os do estrangeiro.

Biscuitos d' Limão, Canella, Milho e A'arnta, a 2000.

Pães de Ques e de Leite as quinta feira e Domingos.

Pães Franceses, Crêolos e de Milho todos os dias.

Roscan, Bolacha, Bolachinha etc... etc... tudo se encontra na

PADARIA

FONSECA

--RUA "COELHO NETTO"--

(em frente ao Victor cabul-

leiroiro.)

Typ. "CIDADE CARIAS"

O ZEPHYRO

ORGÃO LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO

Assignatura

Trimestre 2\$000

Gerente—ZADOK PASTOR

Assignaturas

Num. avulso \$200

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANO I

Caxias, 1 de Setembro de 1901

NUM. 12

EXPEDIENTE

Redactores e collaboradores,—diversos.

O «Zephyro» publicar-se-ha nos dias 10, 20 e 30 de cada mez.

O Gerente não assume responsabilidade por nenhum artigo publicado na—Secção Livre.

As publicações particulares devem ser legalmente responsabilizadas e não accetadas quando escriptas em linguagem commettida.

A cobrança das assignaturas será feita no fim de cada trimestre.

Officina á rua d'O Zephyro.



Molestias dos feijoeiros

A MANCHA GORDA DAS VAGENS

(Continuação do n. 10.)

Quando a epiderme destaca-se do parenchyma subjacente a lesão torna-se mais profunda; e neste caso a mancha tem outra apparencia, notando-se-lhe no centro uma macula de forma irregular, um tanto nacarada. Entre a epiderme e o parenchyma interpõe-se uma camada de ar.

Os microorganismos, q' são verdadeiras bacterias abundam no liquido viscoso que exuda da parte profundamente lesada. E' facil, então, o ataque dos grãos.

Estes, envolvendo-se em pequenas massas amarelladas resultan-

tes da concreção do liquido, ficam totalmente prejudicados.

As gussas podem ser atacadas logo no começo de sua formação. Lavra então a infecção, auxiliada benéficamente pelas condições atmosfericas. Os grãos mal se podem formar; sendo que pela maior parte se alteram, acompanhando as gussas em sua desorganização. Estas, como aquelles, ficam molles, e tomam uma côr esverdeada particular. Esta nova coloração é devida ao apodrecimento, á custa do qual surgem outras microorganismos, e nellas vivem como saprophytas.

Não é raro serem atacadas as gussas já completamente formadas ou em via de proxima maturidade. Os grãos podem affetar apparencia de sanidade, estando já atacados. Um exame mais detido, porém, deixa patente a sua má conformação. Misturados com outros sãos, para serem tolos utilizados na sementeira, elles não deixam de germinar; mas raras são as plantas que se não conservam contrafeitas e entanguidas.

Nestas, que raro chegam a produzir flores, não apparecendo, quasi nunca, as vagens as manchas surgem nas hastes, nas folhas e até nos proprios peciolo.

A conservação destas plantas no feijoal é perigosa, porque podem determinar a sua contaminação. As vagens já desenvolvidas das plantas sãs podem ser infeccionadas, e a consequencia final será a redeção da colheta quasi á metade. Si, nesta occasião, cahires continuadamente chuvas, o prejuizo, certo, terá ainda maior extensão.

Em cada cellula, das que se acham cobertas ou envolvidas por cada mancha, vivem numerosas bacterias. Isto explica a razão por que, alterados os tecidos, as vagens

são facilmente infectadas por contacto.

A coaptação da superficie de uma mancha com a de uma gussa sã determina nesta a invasão das bacterias, como já a verificou o Dr. C. Delacroix.

E' notavel que os feijoeiros que estendem ou trepam sejam menos perseguidos que os *firmes*, principalmente si estes pertencem a variedades exóticas mais delicadas, e ainda mais, si são cultivadas em solos humidos, como soem ser os das hortas, onde são esses feijões habitualmente plantados.

Esta molestia, que tem apparecido em diversos paizes e que os cultivadores francezes designam sob o nome de *graisse*, tem sido ultimamente estudada pelo Dr. G. Delacroix, que refere as bacterias a que ella é devida ao mesmo *Bacillus Phaseoli*, descripto recentemente por E. F. Simith.

Estas bacterias ou bacilos são quasi privadas de motillidade. Ellas são de forma alongada, um tanto arredondadas nas extremidades, quasi sempre isoladas ou apenas associadas, ponta a ponta, em grupos de duas ou tres.

O Dr. Delacroix notou q', «quando a infecção dada de algum tempo, as paredes cellulares da parte onde se apresentam as *manchas gordas* são parcialmente destruidas, derramando-se o conteúdo nas lacunas, em que pullulam abundantemente as bacterias, e que são o ponto de partida do fluxo do liquido viscoso que apparece nas partes manchadas das vagens».

(A seguir).



Festa de S. Benedicto

Sobre esta festividade realisa-
da á 25 d'este mez, na respectiva e-
greja, escrevêo-nos um amigo as
linhas que se seguem:

«Verdadeiramente esplendidos os
festejos realizados na igreja de S.
Benedicto em louvor do glorioso
santo.

Bailam ainda em o nosso espiri-
to emocionado as peripécias da sa-
grada funcção.

Deixando a apathia do seu viver
lethargico, Caxias revoltou se toda
como por encanto, para as mais
largas expansões de seu culto espí-
rito religioso acompanhando, com
interesse e dedicação as mais
tocantes ceremonias com que o ca-
tholicismo sabe docemente captivar
e arrastar os corações, engrande-
cer e elevar os espiritos benifor-
mados».

«Se outras provas não houvessem
que evidenciassem o quanto nós os
baaziieiros, nascidos e educados no
encinamento da Fé, des... Fé que
baptizou a nossa nacionalidade des-
de os primeiros instantes de sua ap-
parição aos olhos do mundo culto,
bistar-nos-hia a Caxias actual para
nos fornecer o exemplo mais frizan-
te e robusto do quanto o Brazil ha-
sido fecundado pela acção continua
dessa igreja que foi e será sempre o
mais poderoso elemento de civilisa-
ção do mundo.»

Constou a festividade de novena-
rio, missa cantada, procissão e fol-
guados de arraial.

O nome foi a concurrencia de fi-
éis em todos esses actos ultrapassan-
do a nossa expectativa a assisten-
cia da missa. Crescida multidão en-
chia os consistorios, côro, todo vas-
to recinto do sumptuoso templo, ri-
ca e apuradamente ornamentado,
notando-se o comparecimento do
que a sociedade caxiense tem de
mais selecto.

A' noite, depois de recolhida a
procissão, que percorreu innu meras
ruas da cidade com um acompanha-
mento admiravel, seguiram-se os
festejos de arraial, leilão etc etc.

O largo, deslumbrantemente illu-
minado e preparado com esmerado
gosto, regorgitava de povo, offere-
cendo o espectáculo grandiosa da
dedicação e fé desse povo abençoa-
do pela religião do glorioso martyr

do Golgotha — o doce e casto filho
de Maria

O bello sexo caxiense sempre
correcto, sempre luzidio, lá esteve
garboso a dar animação a tudo e
a todos.

Destacamos d'entre elle as gentis
senhoritas:

A. Pedreira...

«Pintal-a... tentativa sera proveito:
Nô a mente a encabe, só o peito.

E os olhos q' deslumbra o seu fulgor
Palavras essas não, q' a não descre-
vem,

Que lhe faltam perfumes, não se atre-
vem

Nem se quer a esboçar-lhe a tez, a
côr!

O. Valle...

«Mulher ella não é: sylpho ligeiro,
Percorrendo, talvez, o mundo inteiro,

Anda o peito a acordar novo sentir...
E' talvez, — um a idea seductora...

E, talvez, um sorriso de SENHORA,
Que pairou sobre a terra a refulgir!

E. Chaves...

«E' tão bella, tão mimosa,

Qual viciosa

Fresca rosa.

Que em serena madrugada

Reaparece

Foi pe'o orvalho do céu!

D. Barb'za vestia de branco, o em-
blema da pureza; nada a igualava,
nem me-rho

«O azul do céu, nem da lua

A do e luz reflectida,

Nem o mar beijando a praia,

Nem a terra adormecida,

Nem meigos sons, nem perfumes,

Nem a brisa mal sentida,

Nem quanto agrada e deleita,

Nem quanto embelleza a vida».

Inah Bertado, trajando azul celeste,
era uma verdadeira rainha.

«Mas rainhã seductora,

Que exige preitos n'uma hora

E n'outra hora adoração.»

L. Bittencourt...

«Que bellasão as cores d'alvorada!

E agora tem a face tão rosada!

E' meiga em seu sorrir — é meiga, sim!

Tem flores, tem perfumes — é tão bella!

Mas não tem o que tem no riso d'ell.

Quando rir-se, donosa para mim!

Z. Martins, vestida de branco lista-
do d'azul, durante a festa conservou-
se triste, muito triste, fazendo disper-
tar ao espirito dos que a viam os ver-
sos do poeta:

«Quem me deu saber quais são os te-
us sonhos?

Aventar teus mais intimos desejos,
E ser o genio bom que t'os cumpriisse!

E. Gonzaga, ao passar altiva, na po-
se suolime que só ella tem, unisono
resou no largo a exclamação:

«Oh! quanta graça e formosura adorna
Seu rosto eloquente e vivo!

Z. Coimbra...

«A multidão, extatica, surpresa,
Para e contempla a singular belleza
D'essa mulher de original aspecto!»

B. Vilhena...

«Bella madona de cabellos pretos!
Vale o seu riso intrepid os sonetos
E um conto oriental a Coelho Netto!

A. Britto, dizendo bem ao more-
da sua tez ficava e vestido azul e brio
na rosea que trazia.

Finalmente, muitas outras senhori-
tas lá estiveram eheis, ostentando ri-
tas e bellas toilettes, as quaes deixa-
mos de descrever á falta de oportuna-
dos do nosso informante, que foi lacu-
nico em demasia.

Nada adiantamos aqui quanto a
exco forte por nos faltar o «engenhi-
e a arte».

Foi uma festa boa a de S. Benedicto
tão boa que prologou-se até o dia se-
quinte o do *luta praios*.

Ao cap.^m Mello Bastos, procurador
da Irmandade os nossos parabens pe-
lo brilhante successo que alcançou.

Intermittent

A' morena do poeta cauza pasmo
A morena do poeta é sem rival!

J. VIANNA

Amor e amor ainda essa morena.

Esse amor que uniu só puro inspira

Em seu riso gracil, na voz serena.

E ella, essa donzella que suspira,

E cujo riso labriaga, essa morena,

E a virgem do poeta, a sua lym!

Agosto de 1904.

Nereu Bittencourt

A...

MORENA!

A tu um dia, a brisa perpassava,

Ondulando os cabellos setuosos,

Na morena que eu louco idolatrava,

Nos meus sonhos jaguiros, olereços.

A belleza dos olhos seus mostrava

D'alma os sentimentos amorosos;

E eu, louco de prazer m'embragava

Na tepidez de seus labios capciosos.

MORENA

(Ao João VIANNA)

A morena do poeta causa pasmo.
A morena do poeta é sem rival!
J. Vianna.

Oh! nunca digas que não tem rival
Essa por quem teu coração suspira,
Essa morena bella e divina!
Em cujo rosto a rosea cor se mira.

Essa que fez em noite festival
Alegremente despertar tua lyra,
Mulher que se tornou teu ideal,
Que canções suavíssimas t'inspira.

Eu sei q', apaixonado, tu poeta
Ao fasceres a sua silhueta...
Disseste q' a morena é sem igual!

Se contemplares a mulher q' eu amo...
Proclamarás assim, como eu proclamo:
Qu' a morena do poeta tem rival!
27 Agosto 1901.

Q. Ramos.

NOTICIARIO

Collegio S. Benedicto

Tivemos occasião de apreciar o methodo de ensino do digno director do referido collegio o Senr. Cap.^m Antonio Rodrigues Bayma, e podemos garantir que é o melhor systema até hoje conhecido, e o progresso rapido dos seus alumnos corroborará a nossa asserção. Com a criação do Collegio S. Benedicto, está preenchida a lacuna que ha muito se fazia sentir na nossa sociedade, por falta de um estabelcimento de instrução onde a infancia podesse haber os primeiros elementos de pedagogia. Alem disso, as aulas nocturnas deregidas pelo incansavel professor o Senr. Cap.^m Bayma, destinadas especialmente ao commercio, a classe caxeiral só tem a lucrar com este grande melhoramento.

Parabens a sociedade caxiense.—

Advertencia

Pedimos desculpa aos nossos assignantes pela má impressão que teve o numero anterior do nosso Jornal e bem assim, pelos muitos erros typographicos que n'elle nota-se. Promettamos o maior cuidado, d'ora por diante, afim de que sejam evitadas taes faltas.

Por falta de espaço deixámos de publicar diversos artigos que estão so-

bre nossa banca de trabalho—o que faremos no seguinte numero.

Impressa

Gentilmente fomos obsequiados com a visita do n.º 10 do «Correio» orgam que sae á luz na capital do Estado vizinho.

E' redigido habilmente pelo professor Sr. Benedicto Lemos.

Penhoradissimos pela visita do caro collega, retribuimemo.

Secção Fivore

Os rapazes na festa

(APRECIACÃO DE RELANCE)

—O' Leoncinho... Alfredo, como vamos?

—Bem, como vai isso? —diseram-lhe á um só tempo, indicando-lhe uma cadeira, no *Tonel das Deuses*, com um movimento agradável.

—Então... como vamos de festa?

—Assim, assim... agora é que vamos começar a preparar terreno, desenvolver o espirito, os musculos, para entrarmos na apreciação dos movimentos... faz-te nosso companheiro... Sim?

—Pois não... sempre disposto a sentir o sabor e effeito da *Theutonia*, e um gesto de prazer deixava notar-se na sua palida physionomia.

Instantes depois, despejava, o Dy, nos copos cristalinos, algumas garrafas da deliciosa bebida...

Não deixe espumar tanto, *sen Dy*... deixe cahir com medias força, disse o Rodrigues, com interesse...

Numa cadeira á cabeceira da banca, estava um vulto já velhusco, bojudu, sorvendo calmamente uma chavena de chocolate e pasteis...

A cada *buxa* que mandava ao estomago, fazia seguir um immediato gole de chocolate, como que para evitar o engasgamento...

—Cavalheiro... a cerveja... pronunciou o Cunha, iniciando o esgoto do copo á seu lado...

Os mais, á excepção do ancião, que agradecêra, imitaram ao Alfredo e *zas!*—cada um esvasiava o seu copo...

—Esta cerveja é *hylcener*. Eu logo vi, balbuciou o Cunha pegando no lenço para limpar o bigode e com a outra mão chegando á si, uma das garrafas, como que examinando attentamente a marca da cerveja...

Depois continuou... —A *Theutonia*, sim... é boa, é de um sabor agradávelissimo... mas, esta não presta...

Os outros deram também a sua opi-

nião á respeito && e depois glitou um delles:

—Mais, *sen Dy*, mais cerveja, mas, comprehenda bem — *Theutonia!* — quem foi—não sei...

Répeteram a dose, entabularam nova conversação enquanto o Cunha enchava seu segundo copo e, depois...

—E depois...

—Ninguém mais, além do Alfredinho, teve licença de fallar...

—Ficaram mudos?

—Não, *sen Zeca*, o Cunha não o permitiu... elle á mente era sufficiente para fallar por todos... e em qualquer assumpto que encetavam os companheiros, elle tomava a frente e... acudá-los Christo!—a lingua, (olhe, *sen Zeca*... isto é só aqui para nós) a lingua não parava um segundo... até mesmo cuspir, elle fazia mui raramente...

Continuavam dessa forma, até que o convite de um, deu animo aos outros e, seguiram á dar um gyro pelo largo... mas o Alfredinho sempre a conversar...

Segui-os a observar a resolução que tomaram... (me desculpe, *sen Zeca*, usei um pouco curioso) deixei-os, então, parados no largo, contemplando o arroubo de candura que inspirava o bello sexo...

—O'... menino... coiza... *sen moço*, *sen tolo*, venha cá, dizia o Francisco, seguindo-me, com uma sexta em punho e numa luta cruel para borrar meu nome, o que jamais cessaria...

—A's ordens, Caldas, o que há? disse-lhe eu parando afinal...

—Olha... espreia... (deu uma gargalhada) viste o Zé Gomes?

—Deixei-o alli, há pouco, com o Anísio, João Vianna, Coimbra, Trindade e outros...

—E' o diabo!—*sen Zé Gomes*, quer atrazar a minha conquista... e agora com tres companheiros... é uma espiga... estou mal!—e seguio...

—O' Bien, onde vaes?—pergunta-me o Quincas com o corpo em occilações...

—Sem destino, meu caro...

—Sabes d'uma coisa? tua pequena passou há pouco uma flor ao lco...

Nisto salta o Loya e diz:

—Eu o attesto... foi até uma sempre-viva...

Experimentei logo um excesso de ciúmes, mas... fiz-me forte... e segui...

Encontrei-me á custo com a menina e tive impetos de perguntar-lhe o *negocio da flor*, mas... ella lendo nos meus olhos um que de despeito, de contrariedade, de desespero, quiz espesinhar-me desdenhando-me...

Já de tal modo aborrecido, colligi, car me-ia mais conveniente voltar a caza á carpir no recinto de meu leito, a dôr que o amor me causara...

—Então foi só, *sen Bien*?

—E acha pouco, *seu* Zé a! agora vou p'ra casa, sinão dirão commigo, como alguém dissêra com o Cunha:—

—E' de conveniencia que seja certo a thezoura, um pedacinho da lingua do Alfredinho, afim de fallar menos.

—Bem, *seu* Zeca, adeus!

Bien.

Indiscrição...

Leitor amado!—veuhó hoje abusar um pouquinho da tua requintada benevolencia. Vou contar-te resumidamente, a triste historia da minha vida de casado. Talvez, meu bom leitor, não interessa-te saber lá d'essas *cousas pueris*, na tua exquêsita maneira de pensar.

Mas, eu peço-te que tenhas um bocadinho de paciencia para escutar a narração da minha historia: Eu, caríssimo leitor, contava, não sei ao certo se vinte e nove ou trinta primaveras de *preciosa existencia*, como se costuma dizer nas feleceitações de anniversarios natalicios, quando pela vez primeira, os meus *pisca-pisca*, bisparam as duas formosas *esmeraldas* do frontispicio da Arutheza encantadora.

Desde logo, apaixonei-me deliamente pela *sobrecita rapariga* e sem mais aquella, puz-me incontinenti á pista da minha amada: conquistei o seu amor, sem muito custo, sem sacrificio da vida nem da bolsa.

Convencido, leitor querido, de ser tambem amado e desejado pela *pequena*, enfrenhei-me, na minha faciotada domingueira, calça amarella, collete encarnado como crista de gallo, *pulindiengue* verde-laranja e enfié no curuto uma cartolinha que n'outros tempos pertencera ao pae da mãe de meu bisavô.

N'este trajo extraordinariamente singular, ateu vêr, marcheí para o typá dos progenitores de Arutheza, vaidoso com o meu vestuario chic e enforcadinho, dentro do lustroso coflarinho que me chegava ás orelhas.

Se me visses, leitora, que gostosas gargalhadas não haviam de desprender-se dos teus rozeos labios!...

Cheguei lá, *apalpei* o velho e velhinha e cheguei a conclusão de que da parte d'elles não encontraria obstaculo á vencer. Pedi e obtive, de seus paes, a mimosa *mãosinha* do meu anjo.

Ora, pudéra não! os velhós estavam doidos para verem-se livres d'aquelle caúdo.

Quando voltei, á todos os amigos e conhecidos, parentes e adherentes, casados e solteirões q' vinha encontrando, communicava a grande nova, com um certo contentamento, uma tal alegria que nem sei mesmo explicar.

Muitos me felicitavam, almejando-me um futuro risonho, enviando-me palavrinhas animadoras; a maior parte porém, mais atilizada, não há duvida

não se fartavam de *abrir-me* os ouvidos com seus benéficos conselhos.

—Olhe, *seu* Justino, você quer saber d'uma cousa? casar não é casaca, dizia um celibatário d'aquelle lado.

—Veja lá o que vae fazer, que passo vaê dar, meu amigo; os tempos estão bicudos; você nem sabe que sarna está caçando pr'a se coçar! resmungava d'esta outra banda—um velho casado.

(*A seguir*).

Rojão à viola

O pai Simão já deo Sorte
Ao som do pandeiro Syrio
De poucos conseguiu palmas
Da molecagem assovio.

Nas peruetas do estyllo
Falsêa os pés e cahio
E ao som da pateada
Saltou, correo e fugio.

Lá se foi o grande mono
Da tropa ingente figura
Var ensaiar novas sortes
Para outra scena futura.

O fortuna.

IMPORTANTE!

**Despedida de um Irmão para
uma Irmãe que dizapari-
ceu da vista de seus o-
lhos para anternidade**

Neste dia consagrado as expensões de amizade, que tinha su não posso deixar de saudar-te minha irmã e de fazer votos pela tua felicidade e ter a mesma origem compartilhar dos mesmos carinhos, dos mesmos cuidados e das mesmas folguedos desde a infancia. Já são fachos que cimentão uma sincera amizade essa amizade, porem crece, disinvolve-se e chega ao maior apogeu quando aquelles que asintem aproveitando igualmente a mesma educação sobem dia a dia estreitar pela pratica de bons actos e pela dedicação os laços de paternidade.

Tu sabias sempre ser Irmãe e amiga fosti-me uma boa companheira de infancia e na estrada de sua vida tinha te encontrado ao meu lado regubilando-te com as minhas venturas, corpinho as minhas aflições, ou consolando-me e guando-me em todas as aflições. E justo pois que eu ti filiti pelas boas sahida deste nosso vali de lagrima neste momento ti manifestei os meus desejos de que este caminho te ceijá Flanco e aseito pelo nosso bom criador que distinga pela acrescimo da nossa felicidade.

Os meus sentimento de pezos o Snr. Coronel Francisco da Rocha Falcão e

seus Exm.^a familia e parente da falicida Exm.^a D. Thadolinda da Rocha Falcão.

Flores ó de Agosto de 1901.

Avertano Rodrigues de Moraes e Sa.^a

(Extr. d'O Norte de Therezina).

Bieto

Inlustae mafô Avertan

Arrieibi ontouti o jorná in qui vem purbicado o seu isprendo arromance i pode aquirditá qui axei um trabaio de forgo.

e O qui mais mi admirô foi o causo di vmce. istá tão xeio de aflições e não si Esquecê dos forguedo da infancia. mais Porem é açim mesmu, quando si perde um amigo qui vai para anternidade. olem Disto eu nunca pensei qui vmce Subeço fazê esses trabaio tão bem Feito qui vmce. saiz pur vê dizapariçê da vista dos oio, prumode dá os pezo.

seu amigo admiradô

Jassinto pinto:

Pothy Veio; 19 di Agostu di.....
10009001.

(Extr. d'O Correio, da mesma capital).

Salve 25 de agosto

Francisco Moreira

Aceitas sinceras felicitações pelo dia de hoje; do

Teu Amigo Sincero

Frederico Brandão.

Salve 28 de agosto

José Trajano Brandão

Sauido-te pelo dia de hoje, data do teu feliz anniversario natalicio, dezejando-te um pervir dourado repleto de petulas de perfumada roza e felecidades.

Abraças 'ao Irmão e amigo Intimo

Erederico José Brandão.

Annuncios

ATTENÇÃO!

Na gerencia d sle a ra l contrata-se toda e qualquer obra concernente a arte typographica por preços modicos.

O ZEPHYRO

ASSIGNATURAS

Trimestre 2\$00

ORGÃO LITTERARIO, COMMERCIAL E NOTICIOSO

ASSIGNATURAS

Num. avulso \$200

ANNO I

Caxias, 10 de Setembro de 1901

NUM. 13

EXPEDIENTE

Propriedade de uma associação

Redactores e colaboradores, — DI-
VERSOS. — Gerente — ZADOK PASTOR.

O «Zephyro» publicar-se-ha nos
dias 10, 20 e 30 de cada mez.

O Gerente não assume responsabi-
lidade por nenhum artigo publica-
do na — Secção Livre.

As publicações particulares devem
vir legalmente responsabilidade e
serão acceptas quando escriptas em lin-
guagem commoda.

A cobrança das assignaturas sera
feita no fim de cada trimestre.

Officina á rua d'O Zephyro.



UMA EXPLICAÇÃO

Alguem, que se assigna Y, autor
de um artigo inserto nas columnas
infortunadas do nosso respeitável
collega o «Jornal de Caxias», de 31
do mez p. passado, sob a epigrapha
Autopsia de um cadaver moral,
mostrando-se, um tanto aborrecido
com a nossa folha, por ter ella ac-
ceto e trazido á luz da publicidade
um artigo intitulado — *Do dr. B.
Capto* — que nos enviou o sr. dr.
Joaquim de Andrade Fortuna Pes-
sôa.

A' vista desse facto, entende-
mos, do nosso dever, darmos, d'a-
qui uma pequena explicação ao
nobre articulista, á quem, infelizi-
mente não temos o prazer de co-
nhecer.

«O ZEPHYRO», desde o seu inicio,
sempre foi jornal litterario, com-
mercial e noticioso, e, conseqüente-
mente jamais esteve inchoado de re-

ceber qualquer artigo, de quem
quer que seja, para ser inserto na
sua *Secção Livre*, desde que elle
seja escripto em linguagem q' não
transponha aos limites traçados pela
decencia social; mormente quan-
do o seu autor declara responsabi-
lisar-se por elle na forma da lei e
não tem vexame de mostrar ao pu-
blico legente a sua assignatura.

O nosso jornal, não foi criado
exclusivamente para o nosso uso
particular, mas tambem para o uso
do commercio, para o uso do pu-
blico, para o uso de todo aquelle que
nas suas columnas procurar agaza-
lho, uma vez, porém, que não se-
jamos coagados a afastar-nos uma
linha do nosso programma, da nos-
sa norma de conduta.

Para nós não ha «etica» nem
desaffectos; não estamos prezos á
pessoa alguma por laço de inter-
esse; nenhum; não estamos sujeitos
á nenhuma politica de corrilho.

Na arena jornalística sempre en-
contrarão a nossa folha independen-
te e imparcial.

Por conseguinte, tanto poderá
utilisar-se das columnas da *Secção
Livre* do «ZEPHYRO», o sr. dr. For-
tuna Pessoa, como o cavalheiro que
se occulta por detrás da letra Y,
sem ter pessoa alguma, o direito
de atirar-nos ás faces o epitheto de
ingenuos, inexperientes, & & como
ousou fazel-o o illustradissimo ar-
ticulista do «Jornal de Caxias».

Se o sr. Y, tivesse o direito de
appellidar-nos de *inexperientes*,
ingenuos &, porque recebemos e
de nos publicidade nas columnas do
«ZEPHYRO», a um artigo, vehemen-
te é verdade, mas perfeitamente ac-
ceptavel nas columnas de qualquer
organ de publicidade, tambem nós,
com muito mais força de razão, po-
deríamos, julgar-nos como o mesmo
direito para chamarmos de *inexpe-
riente e ingenuo*, ao velho proprie-
tario do «Jornal de Caxias» o sr.
maior Luiz Jo é le Mello — que ha
longos annos molesta a imprensa
caxiense, porque accorreu e publicou

nas columnas do seu jornal o artigo
epigraphado *Autopsia dum cada-
ver moral*.

Somos inexperientes, ignorantes
mesmo, na vida jornalística, não res-
ta a menor duvida, mas, mercê de
Deus! — podemos diser em alto e
boim som — não o somos ao ponto
de deixarmo-nos embahir por quem
quer que seja.

Saiba o sr. Y, que quando rece-
bmos o artigo do sr. dr. Fortuna Pes-
sôa, fizemos, como temos por ha-
bito fazer, com todo e qualquer es-
cripto que nos enviam: lemol-o.

E acceptamol-o porque achamol-o,
embora um pouco aspero, inof-
ensivo ao pundonor das famílias,
inoffensivo a moralidade publica e
não por imbecilidade, e não por
inexperiencia, e não por desleixo ou
irreflexão, como erroneamente está
pensando o douto sr. «Y».

Se o alludido artigo, como nos-
tro qualquer, nós encontrassemos
um só vocabulo ou phrase que po-
desse ferir, mesmo de leve, aos san-
tos principios da moral, pode o sr.
«Y», ficar bem certo, que não lhe
teríamos dado quartel em parte al-
guma do nosso periodico.

Ainda mais: "... e foi, diz o ar-
ticulista, procurar as columnas do
Zephyro, até então impollutas..."
Perdão! sr. «Y», até então só, é
que não! — as columnas do «ZEPHY-
RO» foram, são e serão sempre im-
pollutas, sempre illibadas. E para
que ellas já tivessem deixado de sel-
as, seria mister que a fina flôr da
sociedade caxiense, já heuvesse, um
dia sentido corarem-lhe as faces di-
ante de qualquer escripto nellas es-
tampado.

Tal hypothese, porém, ainda não
se deu e temos fé que nunca dar-
se-ha.

Terminando, pedimos que nos
desculpe, o sr. «Y», se por ventura
encontrar em nossas palavras, algu-
ma que o melindre; pois, não foi es-
sa a nosso intento.

Literatura

Quando em tarde amena chego a cella,
 Ebruçada gentil sobre a jan'ella,
 Sinto meu peito n'um arfar constante...

E que a meiguice de seus olhos bellos,
 Tem taes attracções que só eu a fel-os,
 O brilho d'uma estrella scintillante!

Setembro 8-1901.

João Rodrigues.

E meiga, bella, como é bella a rosa
 A' p'ntar do hásil, innocente, pura,
 E tão bella como a gentil netura
 A' esboçar, não e p'çou maná formosa.

Na linda cor de sua tez selimsa
 Lé-se: risivel—só p'lor, centura—
 De subm' ino e n'le toda L'raura,
 De seu don de mulher, casta, m'ni sa!

NOTICIARIO

7 de Setembro

Foi escolhida esta gloriosa da-
 a, pelo illustre director do collegio
 "Benedicto", o sr. Antonio Ro-
 gues Bayma, para ter lugar o
 ine de classe de seus alumnos,
 on a assistenciz da quasi metade
 da elite da nossa sociedade.

Cada alumno, na occasião em que
 o predio onde funciona o referido
 collegio, regorgitava de povo, pe-
 las 7 1/2 horas da noite, mais ou
 menos, pedio a palavra, exprimín-
 do-se de accordo com a sua ha-
 bilitação, de accordo com a sua
 força, tendo todos sahido-se perfei-
 tamente bem.

Em seguida o digno sr. Bayma,
 nomeou ao illustre sr. major Luiz

José de Mello, proprietario do nosso
 respeitavel collega *Jornal de Ca-*
xias, presidente da mesa de orado-
 res, o qual, pedindo a palavra, de-
 clarou aos assistentes que estava
 aberta a sessão.

A gentil menina Deborah---dilec-
 ta filha do digno e incansavel direc-
 tor do collegio, abrilhar tou, logo
 após, a sessão, com um lindo e bem
 applaudido discurso.

Pedindo a palavra em seguida, o
 sympathico joven Joao Vianna, fez-
 se alvo, com grande enthusiasmo,
 de todos que alli estavam, com um
 brilhante discurso, proprio mesmo
 la sua incontestavel intelligencia
 pelo que mereceu ricas salvas de
 palmas e de flores.

Por ultimo, fallou o gerente des-
 ta folha, o joven Za lok Pastor, ten-
 do recebido flores e palmas.

Foi encerrada a sessão com o rom-
 pimento do hymno nacional, pela
 bem organizada orchestra do sr.
 Augusto Dourado.

Fallecimento

Uma carta vinda de Lisboa, trou-
 xe á ex.na sr. d. Joaquina Pas-
 tor, a triste noticia de ter alli fallo-
 cide á 14 de Julho proximo pas-
 sado, devido á terrivel molestia de
 coração, o sr. Alexandre Pastor
 Garcia, cunhado do seu pranteado
 marido José A. Lopes Pastor.

Sinceras condolencias.

Agente

E' nosso agente no Codó, onde
 reside, o nosso prestimoso amigo
 Raymundo de Aguiar Ximenes.

Partida

No *Vimna*, seguiu para Mara-
 nhão á tratar de negocios, o nosso
 distincto amigo Leoncio Machado
 Filho.

Desejamos-lhe feliz viagem e
 breve regresso.

"Cidade de Caxias"

Consta que reaparecerá, breve,
 esse illustre periodico, que ha tem-
 pos acha-se suspenso.

Bem vindo se!

«A Semana»

Na capital do visinho Estado, com
 o titulo acima, sahira, á 1.º do an-
 tante, mais um batalhador na jor-
 nada da imprensa.

Tem como redactores os intelli-
 gentes moços— Dr. João Pinheiro,
 Phocion Caldas e N. Veras.

Gratos pela visita do sympathico
 collega, retribuimos.

Realizar-se-ha á 22 do corrente a
 estividade de N. S. do Nazareth.

Chegada

Chegou ante-hontem á esta cidade,
 do apor *Ypiranga* vindo da capital
 do Estado do Amazonas, o joven tenen-
 te Laurencio Valle, prestimoso. Não
 o nosso amigo Elias Valle junior.
 Cumprimentamo

Festa religiosa

Está marcado o dia 27 de Ou-
 tubro proximo vinduro, para ter
 lugar a Festa de N. S. do Ro-
 sario.

Vapor

Ancorou na tarde de 8 do ante
Ypiranga tendo regressado hoje.

Seguiram hoje no "*Ypiranga*" com-
 peti o ao Maranhão os srs. drs. Ant.
 Eduardo de Berrêto e Vicente de Berrê-
 to Pereira, acompanhado de sua exm.
 familia.

Para o Pará seguiu também o sr.
 Arthur Antonio de Kós, com sua vir-
 tuosa consorte, onde vio fixar resi-
 lencia.

Desejamos-lhes boa viagem.

No confidenciaio

—Você já furtou?
 —Não, senhor. A sim, *seu* Padre,
 agora me recordo—furtei um feto de
 boi, do matadouro.

—É para que fim praticaste tal pec-
 cado, irmão?

—Pra fumar, padre mestre.

—Fumar... então o que?

—Sim, applicar o seu producto em
 cigarros e charutos.

—Então irmão, isto não é peccado,
 porque eu também tenho fumado mui-
 to dinheiro de missas & &.

Seção Livre

Indiscreção...

(Conclusão).

—Não te cases, meu filho, não sejas tólo; não troques a tua liberdade por essa prisão eterna. Olha que o casamento é uma desgraça, meu filho... quanto mais próxima tem nada de *scm*. Antes uma boa morte!... choro mingava uma velhinha muito beata conhecedora das minhas condições pecuniárias.

—Seu Justino, o boi solto lambes tudo. Já diz o rifão... de mais a mais que necessidade te n'você de casar-se?... Que uma moça deseje se casar, vá lá, mas um rapaz!... é uma verdadeira loucura. E eu que o diga, articulando a minha frente um viúvo, não sei de quantas mulheres.

—Olá, v'os v'os plantar bitatis e deixam-me pelo amor de Deus—grite afinal, já enfastiado de tantas lamuri as entuchosas, como eu então pensara—quero casar-me, heide casar-me, querendo Deus, nosso senhor. Se o casamento é tão ruim como vocês papalam, porque é que muitos viúvos também se casam, quando já o conhecem o peso do *ferro*?... *trouxem-me casar*; não vou viver a custo de vocês. Hom'essa!... ellos se casam, e não querem que os mais se casem!... continuava com os meus bstós.—E, leitor benevolente, agarrei a bella noiva, levei-a à Cathedra e lá, junto do alto-moz, o Sr. Vigário de Nosso Senhor Jesus Christo, em nome da Santa Mãe Igreja Catholica e Apostolica Romana, uniu-nos pelos laços indissolúveis do hymeneu. Cusinhos, assim, lá fomos ad rumo da nossa modesta casinha *plantada* ali n'uma das mais pitorescas avenidas da formosa cidade onde nascei e onde os bons dos meus velhinhos, deram o *casco*.

Ah, patientissimo leitor, entre as quatro paredes do nosso lar domestico, viviamos n'um mais doce e encantadora namoruto. Arethusa era um aijo!

Extremosa, meiga, delicada, cuidadosa, exco lenço doña de casa!

Mas... não ha bem que sempre dure!

Um bello dia, o pae (antes fosse a mãe) da minha mulhersita, aborreceu-se d'este mundo de mentiras e de tudo quanto há de nocivo, *braveu a* *tas* e viajou para a bella mansão celestial.

(Se ao em vez do velho, fosse a velha, a estas horas estaria se *atun*to lá na caldeira de Pedro Butelho, nas profundas do inferno. E deixaria que a de lá não escapa; isto é tão certo como tres e tres são sete.)

Depois da morte do meu sogro, a

minha sogra, uma velha feia como capiveiro, hypocrita como a propria hypocrisia, a conñte da filha nossa mulher... nossa não, leitor, enganei, queria dizer: a conñte da filha, minha mulher, foi fazer o seu ninho em nossa casa.

Eu concordei com a vinda da curujanas. Deus me perdoe! não foi de muito boa vontade, porque, mais ou menos já conhecia a força da bichia.

Após esta desgraça, outra desgraça, tão tão grande como a primeira, mais n'fim... era desgraça:

Arethusa deu á luz um pimpolho q' a pia baptismal *pégou* o nome de Luiz. Desta feita por diante, tudo lá por casa tomou outro aspecto.

Arethusa deixou de ser a mesma Arethusa, a bô companheira, a esposa carinhosa a dona de casa exemplar. Qual! me transformava-se dia a dia, com o contacto, nefando da megêra, sua mãe. De boazinha que era, tornou-se uma verdadeira damnada, porra, tesmazelada e de mais a mais de um crime que me fazia torcêr as orelhas. A criancinha vivia soja, de rava, rolando-se pe' o chão e ella... nem caso! Eu me zangava, ralhava e ella não me attendia e a diaba d' D. Mariana, a minha sogra, causa exclusiva da desharmonia entre nós ambos, todas as vezes que eu verbalava o procedimento da minha mulher, querendo mostrarlhe o caminho do dever, levantava-se contra mim com quatro pedras na mão e batia a lingua no mundo, que era aquella garapa... e eu cá quando não estava lá muito resolvido a ouvir desaforo, punha á cabeça o chapêo, largava-me pelas ruas e só voltava á casa quando calculava que a tempestade bôr lá, já poderia estar mais branda.

Tantas vezes se lev' o pote á boca até que um dia elle lá fica, riza um alacão muito antigo. E assim é, benévolo leitor. Uma feita entro da rua, cansado, esbaforido da luta pela vida e encontro um berreiro infernal de criança.

Era o Luluzinho, esperneando-se sobre uma poça de n'ho e outra coisa que se tu visse, leitor, tiparias o teu nariz, exclamando: fun!...

Fu, furioso com aquillo, agarrei pelos cabellos a Arethusa, e arrastei-a até junto do filho, dando-lhe uns petelêcos e dizendo: Olha em q' estado está esta criança, mulher desgraçada... porci!...

Ella não ousou pronunciar uma só palavra, po em a curuja que é. Valtha a verdade, mulherzinha de cabellos na v'nta, correu sobre mim com um formidavel *cace* e soltando exclamações injuriosas, deu-me tantas manadas que quasi quasi, me partia uma das costellas! Se eu não tivesse força sufficiente para subjugal-a e arrancar das suas enlejadadas mãos, o cante, nem sei mesmo o que seria de mim. Quando tomei-lhe a arma, a velhinha ainda correo a cozinha e murio-se de

uma bôa acha de lenha, porém quando ella voltou... eu *robava*...

Nesse dia, não voltei á casa. Jantei em casa do compadre *su* Chiquinho e da comadre *sua* Manizás do Lago Roxo.

Conhece-os, leitor?

Tambem, se não os conheces, nada tens a ganhar nem v' perder com isso. Depois do jantar sahi (os com pãlres não soubem nada d' que se passou lá por casa) e fui dar umas voltas pelas ruas, para fazer a digestão do feijão mal cozinhado e da carne secca salgada que fiz descer guela á baixo na meza dos meus supracitados compadres.

Não ferára, leitor galhofeiro, nem edicularisa a simplicidade da minha *boia*.

Se elles não me *encharcaram* de suculentas iguarias, comô sanguiños guizados, gallinhas de molho pardo, bôris reficados, leitõesinhos de forno, empadinhas de camarão, etc. etc. coisas que me sabem muito bem ao paladar, ení çaça alheia, não foi por falta de vontade, não senhor; foi porque as suas condições pecuniárias não lhes permittiam.

Voltêi do passeio e fui dormir em casa da... era bolas!... o que importa ao leitor, saber onde fui dormir?... Não digo; quem estivei com curiosidade de sabel-o pue coma papa. Ou viste?

No outro dia, tomei a resolução de regressar a casa. Era porém mister, que levasse commigo uma bôa peia, para o que desse e viesse. Comprei uma, á credito (*boró* não havia) em casa de um primo, por signal que não paguei, e a bichinha estava bem encebada e fazia que fazia gosto e com elle oculta, por dentro da camisa escarlata, fui en trando. Ao envez de encontrar os anímos aplacados, recebo pela *prôa* uma formidavel tempestade de improperios, de descomposturas descabelladas, da parte da filha como da mãe.

—Esse desgraçado, esse cavalha, esse bigorriho das avergonhado, sae de casa para ir dormir não sei onde... em casa das amantes!... bradava ao auge do desespero e da colera a mais terrivel das sogras que o só até aquece. E eu, tomando um ar de energia e de importancia, gritei à serpente que calasse a bocca. Tu pensas, leitor, que a capripede fez algum caso do meu grito? Qual o que!... Ella o que fez foi mandar mão á vassoura e avançar para cima de mim berrando como uma doida:—ponha-se na rua, ponha-se na rua, seu grandissimmo atrevido, seu patife! e tantas outras cousas de que já não me lembra.

Ah! enquanto o diabo esfrega um olho, tirei de dentro da camisa a peia e *escovei* com vontade o pello da velhinha e tambem da Arethusa que tentou deffender a mãe.

Foi um sarilho medonho; uma gritaria diabolica que juntou gente na

porta da rua que fazia medo, e só se
chama de pelicia. Quando via a cousa,
feta enfi-me pelo quintal á dentro,
pulei a cerca de pão a pique, passei
pelos fundos da vizinha, ganhei o
mundo e... até esta data.

Agora, não quero mais saber nem
da mulher, nem do filho, nem da sogra,
nem do diabo que os carregue.

Se eu não tivesse sido rebelde aos
bons conselhos dos meus ajuizados
amigos, não teria soffido tantas au-
gustias, nem experimentado tantos dis-
sabores, em dias da minha vida.

Maldito casamento, maldita sogra,
apre!

Lector anigo que tão pacientemente
escutou a minha historia, queres que
eu te dê um conselho de amigo? Não
te deslises por qualquer revez da
sorte, chegares á te casar, enforca a tua
sorte.

Este é o conselho que dá á todos
os jovens, o velho.

Justino da Conceição.

Addendo:—quem não gostar que
coma menos.

Eu mesmo.

Declaração

Constando-me que algum encara-
gon-se de proclamar que as quadras são
o triplo «Rajão á viola» são de minha
lavra, e arrestando isso inimidade
que procuro evitar, venho declarar
que na ta escrevi e nem escrevo con-
tra a pessoa á quem julgo serem
dignas as taes quadras.

Apresso-me tambem á pedir ao meo
detractor, que apresente as provas de
sua asseção, sob pena de taxal-o de
mentirozo, como já o fiz.

Nereu Bittencourt

Protesto

Tendo o abaixo assignado, só ho-
je, sido informado da venda, que sua
madrasta D. Joanna Francisca de
Sant'anna e seo cunhado Manoel Rai-
mundo, fizeram do sitio *Pedrinhas* do
1.º districto d'esta Cidade ao Snr. José
Antonio de Lima, sitio esse pertencen-
te ao monte do finado José Joaquim
de Sant'anna e ainda proindiviso, po-
risso que ainda não se procedeu a in-
ventario e partiha d'aquelle monte,
vem, ainda em tempo, o abaixo assig-
nado, como filho e herdeiro legítimo
do sobredito finado protestar contra
essa venda nulla de pleno direito.

Caxias, 30 de Agosto de 1901.

Justino José de Sant'Anna.

Prevenção

Chegando ao conhecimento do abai-
xo assignado que o Sr. Severino Pe-
reira de Araujo e Silva, pretende tran-
sacionar um documento firmado pelo
mesmo abaixo assignado, da quantia
de quatro contos de réis (4000:000);
vem, por este meio, prevenir que nin-
guem accete um tal documento, por
isso que, sendo ficticia a origem da di-
vida, como não ignora o mesmo Seve-
rino, nada lhe é tambem devedor, o
que provará em tempo opportuno.

Cachias, 1.º de Setembro de 1901.

José da Cunha Machado Junior.

Motto

O Quincas, com um suspiro:
«Satisfiz á todas trez.»

GLOZA

O Quincas, co'um suspiro:
Que comprou não sei á quem,
Andava mesmo de tiro,
Em procura de alguem.

O Newton me diz sorrindo:
Pobre Quincas, desta vez,
Vê-se tod' hora fugindo,
Por esta gostando de trez!

Nisto passa o meo brejeiro,
Narrando aquillo que fez,
E grita muito faceiro:
«Satisfiz á todas trez!...»

Somar.

Annuncios

ATTENÇÃO

*Ha gerencia d'este
jornal contrata-se to-
da e qualquer obra
concernente á arte ty-
pographica por pre-
ços modicos.*

Sem competidor!

Biscoits de canella

ditos	» melissa	2000
ditos	» limão	
ditos	» cravo-doco	
ditos	» milho	
ditos	» Brasileiros	
ditos	» ararata kilo	2:400

GRAKNELL A 3000 O KILO!!!

Bolaxas americanas, e outras
mais qualidades tenciona pre-
parar o proprietario da pada-
ria "Gonçalves Dias".

EXPERIMENTAR É VER

ALERTA CAXIENSES!

Largo do Poço.

Cocos da praia

—O—

Em grande quantidade ven-
de—ZADOK PASTOR.—

Especialidades

Craknell a 3000 o kilo!!!

Recebe encomendas d'esses afamados biscoitos, cujo fabrico reavali-za com os do estrangeiro.

Biscoitiss de Limão, Canela, Mi-
lho e Ararata, a 2000.

Pães de Ovo e de Leite as quinta-
feira e Domingos.

Pães Franceses, Creolos e de Mi-
lho todos os dias.

Roscan, Bolacha, Bolachinha etc...
etc... tudo se encontra na

PADARIA

FONSECA

—RUA „OELHO NETTO,—

(em frente ao Victor cabel-
leiro.)

Typ. da "Cidade de Caxias".
Imp.—João de Souza Lantao.